



Universidade Federal
de São João del-Rei



VIC STUSSI DE MELLO MARTINS

**UM OLHAR PARA O CORPO FEMININO: O MOVIMENTO
ENUNCIATIVO NA CONSTRUÇÃO DOS EFEITOS DE SENTIDO**

São João del-Rei

2021



Universidade Federal
de São João del-Rei



VIC STUSSI DE MELLO MARTINS

**UM OLHAR PARA O CORPO FEMININO: O MOVIMENTO
ENUNCIATIVO NA CONSTRUÇÃO DOS EFEITOS DE SENTIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Teoria Literária e Crítica da Cultura

Linha de pesquisa: Discurso e Representação Social

Orientadora: Profa. Dra. Luciani Dalmaschio

**SÃO JOÃO DEL-REI
2021**

Ficha catalográfica elaborada pela Divisão de Biblioteca (DIBIB)
e Núcleo de Tecnologia da Informação (NTINF) da UFSJ,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M627o Martins, Vic .
Um olhar para o corpo feminino: o movimento
enunciativo na construção dos efeitos de sentido /
Vic Martins ; orientadora Luciani Dalmaschio. --
São João del-Rei, 2021.
150 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em
Letras) -- Universidade Federal de São João del-Rei,
2021.

1. Corpo Feminino. 2. Semântica da Enunciação. 3.
Significação. 4. Formação Nominal. I. Dalmaschio,
Luciani , orient. II. Título.

Vic Stussi de Mello Martins

**UM OLHAR PARA O CORPO FEMININO:
O MOVIMENTO ENUNCIATIVO NA CONSTRUÇÃO DOS
EFEITOS DE SENTIDO**

Banca Examinadora

Prof.ª Dr.ª Luciani Dalmaschio – UFSJ
(Presidente/orientadora)

Prof.ª Dr.ª Luciana Fracassi Stefaniu – UNICENTRO
(Titular Externo)

Prof.ª Dr.ª Nádia Dolores Fernandes Biavati - UFSJ
(Titular Interno)

Prof. Dr. Luiz Manoel da Silva Oliveira
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras

Março de 2021

Ao Espírito Santo, terceira Pessoa da Santíssima Trindade, meu *orientador*. Sem Ele nada disso seria possível.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer o que há de belo nas pessoas, nas coisas e em momentos. É, também, perceber que sempre podemos aprender algo em situações difíceis. Mas o que há de mais precioso em agradecer é olhar ao redor e contemplar aqueles que sempre nos estenderam a mão e caminharam ao nosso lado, nos incentivando a seguir em frente e celebrando conosco até as pequenas vitórias. Tenho, sim, muita sorte por ter muito a agradecer.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder saúde e sabedoria para seguir em frente.

À minha orientadora, Luciani Dalmaschio, por compartilhar sua grandiosa experiência; por todo zelo durante as orientações e por ter me apresentado esse caminho maravilhoso e pertinente que é a Semântica da Enunciação. Obrigada, também, por confiar em meu desempenho, pela paciência e, principalmente, por nos incentivar a continuar. Quero deixar registrada minha eterna admiração por seu brilhante trabalho e pela pessoa maravilhosa que é. Agradeço por sua amizade e pelo carinho de sempre!

Aos meus pais, Vicente e Márcia, que significam tanto para mim. Obrigada por tudo que sou hoje, por me ensinar que a educação é o melhor caminho, e por sempre acreditarem em meu potencial. Agradeço, também, por sempre apoiarem minhas escolhas e por compreenderem minha ausência durante o período de desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas irmãs, Jamile, Kamila, Lívia e Paula, por todo apoio e carinho que sempre recebi, e por sempre acreditarem que posso alcançar voos mais altos.

Ao meu noivo, Lucas, que amo tanto. Obrigada pela compreensão em todos os momentos em que precisei me retirar para, literalmente, me enclausurar no quarto e me dedicar à escrita e às leituras. Agradeço, também, pela paciência, por todo incentivo em seguir a carreira acadêmica e por sempre me dizer para seguir firme. Seu companheirismo sempre foi, e será, muito importante para mim.

Agradeço, também, à minha cunhada, Rita, por estender sua mão quando precisei.

Às minhas amigas e amigos que, mesmo aqueles(las) distantes, ainda torcem pelo meu sucesso e crescimento. Deixo um agradecimento especial à Taynara, Jaqueline, Virgínia, Carla, Dulci, Laura, Sabriny e Maíra, que sempre me acompanharam, e ainda me acompanham, de perto; muito obrigada por tornarem meus dias mais leves!

Aos meus colegas de mestrado, por compartilharem seus conhecimentos, alegrias e incertezas.

Aos professores da banca, por dedicarem seu precioso tempo na leitura deste trabalho, e por aceitarem compartilhar comigo seu conhecimento. Agradeço ao professor Antônio Luiz Assunção, conhecido por todos como Toninho, pelas sugestões e inquietações que foram tão enriquecedoras no exame de qualificação para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao PROMEL e aos professores e professoras que estiveram presentes em minha jornada, tanto no âmbito do mestrado, quanto da graduação. O conhecimento compartilhado foi essencial para a construção do meu perfil profissional e pessoal.

À UFSJ, pela minha formação acadêmica.

Ao grupo de estudos da UFSJ, Laura, Leânia, Juliemerson, Edna, Ana, Júlio, Danielle, Aline e Fernanda, coordenado pela professora Luciani; por todas as contribuições preciosas e essenciais para o desenvolvimento desta dissertação.

Ao grupo de pesquisa ENUNCIAR, pelos debates tão enriquecedores.

À CAPES, pelo auxílio concedido para a realização deste trabalho e pelo incentivo às pesquisas e trabalhos acadêmicos.

E a todos aqueles que estiveram por perto durante esse processo ou, por alguma distração do momento, eu não tenha citado aqui, meu mais terno agradecimento.

RESUMO

O presente estudo se ancora nos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, e traz para o centro das discussões o conceito de formação nominal e de enunciado, uma vez que essa abordagem investigativa trabalha com os diferentes sentidos, provenientes das mais diversas ocorrências de escrita, no caso deste trabalho, articulados materialmente em um extrato de língua; isto é, ao entrar em enunciação, as construções linguísticas estabelecem relações que determinam seus efeitos de sentido. Nessa direção, o recorte desta pesquisa se pauta nos seguintes questionamentos, que foram fundamentais para a delimitação do objetivo geral aqui definido: em quais perspectivas referenciais se ancoram as formações nominais (doravante FN) que constituem os dizeres sobre o corpo gordo feminino, e que efeitos de sentido essas FNs produzem para além da arquitetura material do enunciado? Em termos mais abrangentes, nosso objetivo principal consiste em investigar os diferentes efeitos de sentido, advindos das formações nominais que constituem os enunciados sobre o corpo feminino, observando como os traços histórico-sociais atuam na enunciação dessas formas e constituem a representação desse corpo. Face a isto, procuramos analisar os movimentos enunciativos de construção de sentidos acerca do corpo feminino, tendo em vista o referencial temático da beleza, as perspectivas referenciais, o funcionamento da negação e as direções argumentativas que balizam e reescrevem esse corpo. A seleção do *corpus* da pesquisa foi realizada por meio de buscas na plataforma *Google*, utilizando do processo metodológico das redes enunciativas (DIAS, 2018). Desse modo, nossa análise nos permitiu constatar que ao construirmos um contínuo de significação, que buscou rastrear os efeitos de sentido das FNs que reescrevem o corpo feminino, o *corpus* utilizado exigiu um movimento de interpretação dos enunciados que, uma vez acionado na enunciação, mobilizou sentidos e dizeres distintos sobre o corpo. Esse movimento, por sua vez, articulado ao processo de reescrituração, oferece uma orientação de sentido que argumenta um olhar menos opressor à representação do corpo feminino, que, nos dias atuais, habita o referencial da beleza em uma perspectiva do bem-estar. No que tange o processo de negação, este sustenta, em interface com sua contraparte afirmativa, a orientação argumentativa sobre o corpo feminino e os dois procedimentos de dizer, negação e afirmação, oferecem-se, em combate, como mecanismos de busca de pertencimento social para esse corpo.

Palavras-chave: Corpo Feminino. Semântica da Enunciação. Significação. Formação Nominal.

ABSTRACT

The present study is connected in the theoretical assumptions of the Semantics of Enunciation. It contributes to the discussion of the concept of nominal formation and enunciate, since this investigative approach handles with different meanings, derived from the most distinct writing occurrences. In the case of this paper, writing occurrences is materially articulated in a language extract, i.e., when entering enunciation, linguistic structures establish relations that determine their effects of meaning. Hence, the focus of this research is based on the following questions, which were fundamental for the delimitation of the general research objective. What referential perspectives are connected in the nominal formations (NF) that constitute the words about the female overweight body, and what meaning effects do these NFs produce, in addition to the statement structure? Essentially, our main aim is investigating the different meaning effects, arising from the nominal formations that constitute the enunciates about the female body, observing how the historical-social attributes acts in the enunciation of these forms and establish the representation of such body. In light of this, we analyze the enunciative action to develop the meanings about the female body, considering the thematic framework of beauty, the referential perspectives, the functioning of negation and the argumentative directions which guide and rewrite the aforesaid body. The selection of the research *corpus* was carried out through the web search engine *Google*, applying the methodological process of enunciative networks (DIAS, 2018). Therefore, our analysis allowed us to verify that, by constructing a continuum of meaning, which track the meaning effects of NFs that rewrite the female body, the *corpus* used demanded an interpretation of statements that organized distinct meanings and sayings about the body. This interpretation, consecutively, connected with the rewriting process, offers an orientation of meaning which claims a less oppressive look at the representation of the female body, that currently state the reference of beauty in a perspective of well-being. Regarding the denial process, it maintains, in interface with its affirmative counterpart, the argumentative orientation about the female body and the two procedures of saying, the denial and the affirmations, offers mechanisms of search for social belonging for such body.

Keywords: Feminine body. Semantics of Enunciation. Meaning. Nominal Formation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	As Três Graças (1638)	26
FIGURA 2	Imperatriz da Rússia – Catarina I (1717)	28
FIGURA 3	Camille Antoinette Clifford (1896)	30
FIGURA 4	Mulheres usando vestidos típicos dos anos 1920	33
FIGURA 5	Mulheres usando <i>maillots</i>	34
FIGURA 6	Atriz Ava Gardner em praia de Miami (1948)	35
FIGURA 7	Atriz Betty Grable em sua pose icônica <i>over-the-shoulder</i> (1943)	35
FIGURA 8	Atriz e cantora Carmen Miranda	35
FIGURA 9	Ex-Miss Brasil Martha Rocha (1954)	36
FIGURA 10	Marilyn Monroe em ensaio fotográfico	37
FIGURA 11	Modelo Twiggy (1967)	38
FIGURA 12	Atriz Leila Diniz usando biquíni em Ipanema (1971)	40
FIGURA 13	Modelo Elle MacPherson (1986)	41
FIGURA 14	Apresentadora Xuxa, anos 1980	41
FIGURA 15	Supermodelo Kate Moss, anos 1990	42
FIGURA 16	Kim Kardashian exibindo suas curvas (2020)	47
FIGURA 17	Viviane Araújo em praia brasileira, exibindo seu corpo malhado (2018)	47
FIGURA 18	<i>Continuum</i> – O corpo feminino ao longo da história	48
FIGURA 19	<i>Post</i> retirado do perfil de @livialamblet	60
FIGURA 20	Ellen Rocche exibindo suas curvas generosas em ensaio da Rosas de Ouro	64
FIGURA 21	Perfil de @curvasgenerosas na rede social <i>Facebook</i>	68
FIGURA 22	Publicação no <i>blog</i> Hysteria	74
FIGURA 23	Perfil de @brunasaidplus na rede social <i>Instagram</i>	79
FIGURA 24	Perfil de @laylabrigido na rede social <i>Instagram</i>	83
FIGURA 25	Anúncio de cintas modeladoras, 1920	95
FIGURA 26	Anúncio de cintas, 1930	99
FIGURA 27	Trecho de uma reportagem da Revista Careta sobre atrizes	

	hollywoodianas, 1938	99
FIGURA 28	Anúncio do medicamento emagrecedor Leanogin, 1941	100
FIGURA 29	Anúncio dos comprimidos Vikelp, 1950	106
FIGURA 30	Anúncio dos comprimidos Vikelp, anos 1950	106
FIGURA 31	<i>Post</i> da agência de modelos <i>You Models</i>	110
FIGURA 32	Publicação no <i>blog Dress Code</i> sobre a silhueta longilínea	111
FIGURA 33	A influência da alimentação para a obtenção de um corpo magro e definido	115
FIGURA 34	<i>O corpo definido</i> em manchete	116
FIGURA 35	A alimentação e o processo de definição do corpo	116
FIGURA 36	Corpo ideal <i>versus</i> Corpo real	122
FIGURA 37	<i>Post</i> do perfil @zinzane no <i>Instagram</i>	125
FIGURA 38	O corpo real de celebridades brasileiras	127
FIGURA 39	Síntese da rede enunciativa do corpo feminino	130
FIGURA 40	Gordinha, não. Gorda!	135
FIGURA 41	Reportagem da revista <i>Capricho</i>	137
FIGURA 42	<i>Post</i> do perfil @movimentocorpolivre no <i>Instagram</i>	138
FIGURA 43	<i>Post</i> do perfil @ligia_dourado no <i>Instagram</i>	139

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Síntese da análise da FN <i>curvas generosas</i> em reescrita a <i>corpo gordo</i>	70
QUADRO 2	Síntese da análise da FN <i>curvas generosas</i> em reescrita a <i>corpo definido</i>	71
QUADRO 3	Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 1	91
QUADRO 4	Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 2	92
QUADRO 5	Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 3	93
QUADRO 6	Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 4	93
QUADRO 7	Rede enunciativa: corpo gordo/corpo gordo ampulheta – Delineamento artificial 1	96
QUADRO 8	Rede enunciativa: corpo gordo/corpo gordo ampulheta – Delineamento artificial 2	98
QUADRO 9	Rede enunciativa: corpo magro – Leveza, agilidade e harmonia 1	101
QUADRO 10	Rede enunciativa: corpo magro – Leveza, agilidade e harmonia 2	102
QUADRO 11	Rede enunciativa: corpo magro – Leveza, agilidade e harmonia 3	105
QUADRO 12	Rede enunciativa: corpo magro curvilíneo – Delineamento natural	108
QUADRO 13	Rede enunciativa: corpo magro longilíneo – Moda 1	112
QUADRO 14	Rede enunciativa: corpo magro longilíneo – Moda 2	113
QUADRO 15	Rede enunciativa: corpo definido – Saúde 1	118
QUADRO 16	Rede enunciativa: corpo definido – Saúde 2	120
QUADRO 17	Rede enunciativa: corpo real – Bem-estar 1	123
QUADRO 18	Rede enunciativa: corpo real – Bem-estar 2	125
QUADRO 19	Rede enunciativa: corpo real – Bem-estar 3	128
QUADRO 20	A negação e a afirmação em concomitância	138

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Síntese dos pressupostos teóricos do Capítulo 2	85
------------------	---	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 UM BREVE OLHAR SOBRE A HISTORICIDADE DO CORPO.....	21
1.1 Um panorama sobre o corpo.....	22
1.1.1 A constituição histórica do corpo feminino.....	23
1.1.1.1 Corpo feminino: o cenário brasileiro em relação a outros países.....	25
1.1.1.2 E hoje? Que corpo temos? Que corpo queremos?.....	44
2 PRESSUPOSTOS DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO.....	49
2.1 Semântica da Enunciação – A Enunciação como Acontecimento.....	49
2.1.1 Aspectos simbólicos do dizer.....	55
2.1.1.1 Referencial histórico, referencial temático e perspectiva referencial.....	57
2.1.1.2 Pertinência enunciativa.....	59
2.1.2 Aspectos formais – a materialidade da língua.....	62
2.1.2.1 Formas linguísticas: as formações nominais e a constituição dos enunciados.....	63
2.1.2.1.2 Formação nominal x Sintagma nominal.....	65
2.1.2.2 Reescrituração.....	71
2.1.2.3 Argumentação e argumentatividade: orientações enunciativas do dizer.....	75
2.1.2.4 Negação.....	80
2.2 Em Síntese.....	85
3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	86
4 EM ANÁLISE: OS EFEITOS DE SENTIDO DAS ENUNCIÇÕES SOBRE O CORPO FEMININO.....	89
4.1 O corpo feminino e suas filiações referenciais.....	89
4.1.1 Corpo gordo.....	89
4.1.1.1 Corpo gordo ampolheta.....	94
4.1.2 Corpo magro.....	98
4.1.2.1 Corpo magro curvilíneo.....	105
4.1.2.2 Corpo magro longilíneo.....	109
4.1.3 Corpo definido.....	114
4.1.4 Corpo real.....	122
4.2 O processo de reescrituração da FN <i>corpo real</i> e suas direções argumentativas.....	131
4.3 Corpo gordo feminino: a negação em causa.....	136

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146

INTRODUÇÃO

“Uma cultura obcecada por magreza feminina
 não é obcecada pela beleza da mulher,
 mas sim pela obediência feminina.
 A dieta é o sedativo político mais potente na história
 da mulher, uma população levemente
 louca é uma população dócil.”
 (WOLF, 1992)

A história do corpo se constitui a partir dos dizeres que o atravessam, o compõem e o fazem significar. No decurso dos últimos séculos, a associação entre peso e perfeição estética (re)significou e vem (re)significando o conceito de “corpo ideal”.

É preciso levar em consideração o aspecto mutável característico do padrão físico de beleza, posto que este segue as transformações sociais, o que o torna cada vez mais desafiador e inalcançável: “o que é ‘bonito’, o que representa um desvio de uma norma de beleza e que papel tal desvio desempenha, tudo isso é relativo ao tempo e ao lugar. Se procurarmos ideais universais de beleza, corremos o risco de sair de mãos vazias.” (SVENDSEN, 2010, p.100). Esse fenômeno se manifesta como uma forma de manter um número restrito de pessoas em destaque. Ainda nos termos de Svendsen (2010),

o poder disciplinador pelo qual a maioria das pessoas é afetada não é aquele exercido atrás dos muros das prisões, mas o exercido por meio da televisão, dos jornais, das revistas e da mídia, que nos propõem um ideal para o eu físico que estará sempre fora do alcance de quase todos. O corpo se torna algo que estará sempre aquém do objetivo. O ideal muda constantemente, em geral tornando-se mais extremo, de modo que alguém que acaso consiga um corpo ideal logo ficará aquém do próximo. (SVENDSEN, 2010, p.94).

Nesse âmbito de imposições de regras estéticas que abarcam apenas uma pequena parcela da população dentro daquilo que é considerado “belo”, o modelo corporal – atual – desejado, elegante e saudável é o magro. É por isso que podemos considerar que o “corpo ideal” é uma construção histórica e social, que se faz pertinente pelas manifestações languageiras que o constituíram/constituem.

A questão do corpo feminino, como objeto de estudo, tornou-se foco de observação de diferentes ciências em distintas perspectivas, inclusive daquelas que se interessam pela relação das palavras com o cotidiano social. Dessa forma, como estudiosos da linguagem que se querem inseridos nas pesquisas sobre a maneira pela qual se dá a constituição do sentido, é nessa área de análise que nos situamos. Para tanto, nesta dissertação, voltamos nosso olhar a um estudo semântico-enunciativo de formações nominais que participam da constituição de enunciados cujo escopo referencial é o corpo feminino e a relação desse corpo com os padrões de beleza

vigentes. Em outros termos, as ocorrências analisadas abordarão dizeres sobre o corpo feminino, e os diversos movimentos enunciativos que envolvem a constituição dos sentidos atribuídos a esses dizeres, em sociedades de diferentes épocas, tendo em vista que o corpo é construído linguística, social e historicamente.

Em virtude disso, o presente estudo se ancora nos pressupostos teóricos da Semântica da Enunciação, e traz para o centro das discussões o conceito de formação nominal e de enunciado, uma vez que essa abordagem investigativa trabalha com os diferentes sentidos, provenientes das mais diversas ocorrências de fala e/ou de escrita, articulados materialmente em um extrato de língua.

Gostaríamos de salientar que os dados que nos propusemos a investigar, podem suscitar diferentes frentes de análise e, por conseguinte, novas variáveis de reflexão acerca de temáticas relacionadas a gênero, raça, sexualidade, entre outros. Assim, embora não seja nosso objetivo refletir de maneira detalhada acerca dessas variáveis, tampouco realizar entrecruzamentos entre elas, não desconsideramos a importância de que sejam observadas e descritas em estudos futuros.

Os dados serão organizados em torno de formações nominais e de enunciados encontrados na mídia impressa. Para coletarmos e analisarmos essas ocorrências, utilizaremos o procedimento metodológico de *rede enunciativa* desenvolvido por Dias (2018), que nos permite observar semelhanças e diferenças de sentido, por meio do entrelaçamento do *corpus*, em observação ao referencial histórico que o sustenta e à pertinência enunciativa à qual adere.

Esses enunciados estabelecem relações entre os aspectos linguísticos e os aspectos sociais, fator essencial a este trabalho que se filia à linha de pesquisa Discurso e Representação Social.

Nessa direção, o recorte deste trabalho se pauta nos seguintes questionamentos, que foram fundamentais para a delimitação do objetivo geral desta pesquisa: **em quais perspectivas referenciais se ancoram as formações nominais (doravante FN) que constituem os dizeres sobre o corpo gordo feminino, e que efeitos de sentido essas FNs produzem para além da arquitetura material do enunciado?**

Esse recorte encontra justificativa no fato de que a pertinência sócio discursiva do objeto se dá, uma vez que é notável a preocupação com o corpo, no cenário atual. Na atualidade, ele é visto como referência de bem-estar, sucesso profissional, financeiro e amoroso, bem como determinante de padrão de beleza; em especial, no universo feminino. Dessa maneira, efeitos de sentido distintos – que podem estar no campo da valorização ou da discriminação – são gerados, e discursos são disseminados sobre o corpo gordo.

Vale ressaltar que, neste trabalho, discutiremos a ideia de como os discursos institucionalizam sentidos. Para tanto, conforme dissemos, trabalharemos com um estudo de base enunciativa, cuja proposta é verificar enunciações cotidianas, balizadas pela relação entre uma atualidade e um memorável (DIAS, 2013a).

À vista disso, nos acontecimentos enunciativos¹, os sentidos das formações nominais são atualizados, uma vez que se ancoram em diferentes referenciais; e, por esse motivo, adquirem novas significações e pertinências enunciativas. Orlandi (2012) nomeia esse deslocamento como “fuga de sentidos”, já que os enunciados são ecos de outros dizeres historicamente regularizados. O resgate desses enunciados, consoante a autora, é capaz de produzir diferentes movimentos de sentidos.

Assim sendo, temos como objetivo geral de nossa pesquisa **investigar os diferentes efeitos de sentido, advindos das formações nominais que constituem os enunciados sobre o corpo feminino, observando como os traços histórico-sociais atuam na enunciação dessas formas e constituem a representação, em particular, do corpo gordo feminino.** Contudo, não temos a pretensão de estabelecer juízos de valor, no que tange ao que é considerado “belo” ou “feio”, ou “bom” ou “ruim”. Nosso intuito é, portanto, analisar os movimentos enunciativos de construção de sentidos acerca do corpo feminino, tendo em vista o referencial temático da beleza e as perspectivas referenciais que balizam esse corpo.

Sabemos que a noção de *representação* é tema de diversas discussões no campo dos estudos da linguagem, provendo espaço para diferentes posicionamentos sobre as relações entre a linguagem e os elementos do mundo. Entendemos, também, que não podemos desconsiderar a complexidade desses estudos e dessas discussões a respeito do tema. Contudo, nesta dissertação, por necessidade de recorte teórico e por aproximação com os postulados dos estudos enunciativos, o termo *representação* será pautado nos trabalhos de Meyer (1998), que concebe esse conceito como uma fonte de sentidos culturalmente produzidos; isto é, esse processo de produção de sentidos ocorre por meio da linguagem e implica um complexo jogo de relações de poder. “Representação, nessa perspectiva, envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos.” (MEYER, 1998, p. 20 *apud* GOELLNER, 2003, p. 30).

Com base no exposto, despontam como eixos de nossas reflexões, três objetivos específicos. São eles:

¹ Neste trabalho, o efeito de sentido estabelecido por “acontecimento enunciativo” possui o mesmo domínio referencial que o efeito de sentido estabelecido por “enunciação”.

1. Verificar em quais perspectivas referenciais se sustentam a pertinência das FNs *corpo gordo/ corpo magro/ corpo definido/ corpo real* nos acontecimentos enunciativos analisados, tendo em vista o referencial temático da beleza;
2. Demonstrar em que medida as FNs analisadas, por meio das direções argumentativas, oferecem-se como ancoragem para a produção e atualização dos sentidos, tendo em vista o processo de reescrituração;
3. Investigar a pertinência enunciativa da negação do *corpo gordo* enquanto ancoragem para a afirmação desse mesmo corpo, por meio das orientações argumentativas dos enunciados em análise.

Nessa direção, esta dissertação está estruturada em quatro capítulos, além da introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, intitulado **Um breve olhar sobre a historicidade do corpo (1)**, apresentamos algumas noções e desdobramentos históricos que constituíram, e constituem, o corpo. Na seção (1.1), cujo título é **Um panorama sobre o corpo**, trazemos algumas reflexões acerca do corpo feminino e sua constituição histórica, balizada pelos mais diversos discursos, até os dias atuais. Em seguida, na subseção (1.1.1), nomeada **A constituição histórica do corpo feminino**, procuramos colocar em foco de que forma, ao longo das décadas, diferentes padrões estéticos afligiram o corpo, transformando-o, valorizando-o e degradando-o. De maneira mais específica, no item **Corpo feminino: o cenário brasileiro em relação a outros países (1.1.1.1)**, discorremos um recorte histórico que delineou a construção do corpo feminino, relacionando padrões corporais de beleza, vigentes em diferentes épocas, no Brasil; bem como as influências estéticas exteriores. Optamos por iniciar esse recorte a partir do período em que o corpo gordo ainda era socialmente valorizado, e tido como sinônimo de virtude e *status* – por meio de algumas ocorrências datadas desde a Era Medieval –, a fim de compreendermos como os padrões estéticos foram transformando o corpo gordo feminino, ao longo da história, até chegarmos ao modelo corporal considerado *belo* nos dias atuais, tendo em vista o referencial temático da beleza, que se manifesta em perspectivas, isto é, desdobra-se em pontos de vista referenciais que sustentam o movimento enunciativo sobre o corpo feminino. E, por fim, no tópico **E hoje? Que corpo temos? Que corpo queremos? (1.1.1.2)**, procuramos destacar algumas características do corpo feminino moderno e suas implicações sociais no século XXI.

No segundo capítulo, nomeado **Pressupostos da Semântica da Enunciação (2)**, apresentamos os conceitos que fundamentam a teoria semântica à qual nos filiamos, com base nos pressupostos teóricos postulados por Eduardo Guimarães (1989, 2002/2017, 2018) e por Luiz Francisco Dias (2013a, 2013b, 2013c, 2018). Nessa direção, refletimos sobre **Semântica da Enunciação – A Enunciação como Acontecimento (2.1)** e, em seguida, dedicamo-nos ao estudo dos **Aspectos simbólicos do dizer (2.1.1)**, que, por sua vez, demandam de dois princípios essenciais: **Referencial histórico, referencial temático e perspectiva referencial (2.1.1.1)** e **Pertinência enunciativa (2.1.1.2)**. No tópico que discorremos sobre a **Semântica da Enunciação – A Enunciação como Acontecimento (2.1)**, apresentamos, também, os **Aspectos formais – a materialidade da língua (2.1.2)**, discutindo as **Formas Linguísticas: as formações nominais e a constituição dos enunciados (2.1.2.1)** e, por fim, de maneira mais específica, propusemos uma seção para discutirmos **Formação Nominal x Sintagma Nominal (2.1.2.1.2)**. Ademais, neste capítulo, trazemos o procedimento de determinação de efeitos de sentido, com o qual trabalharemos: a **Reescrituração (2.1.2.2)**. Por fim, desenvolvemos a noção de **Argumentação e argumentatividade: orientações enunciativas do dizer (2.1.2.3)** e de **Negação (2.1.2.4)**.

No terceiro capítulo, denominado **Pressupostos Metodológicos (3)**, apresentamos um aprofundamento acerca dos mecanismos e procedimentos metodológicos utilizados para a análise, tendo em vista a importância da metodologia para o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa. Desse modo, esse capítulo contempla a apresentação do *corpus*, os recursos que serão utilizados durante a análise, além do procedimento metodológico de *rede enunciativa* desenvolvido por Dias (2018).

No quarto capítulo, que nomeamos **Em análise: os efeitos de sentido das enunciações sobre o corpo feminino (4)**, dedicamo-nos à realização das análises. Com o intuito de cumprirmos os três objetivos específicos propostos para este estudo, dividimos este capítulo em três seções. Na primeira, **O corpo feminino e suas filiações referenciais (4.1)**, procuramos verificar em quais domínios referenciais se sustenta a pertinência enunciativa das FNs analisadas. Para tanto, essa seção foi subdividida, como segue: **Corpo gordo (4.1.1)**, **Corpo gordo ampulheta (4.1.1.1)**, **Corpo magro (4.1.2)**, **Corpo magro curvilíneo (4.1.2.1)**, **Corpo magro longilíneo (4.1.2.2)**, **Corpo definido (4.1.3)** e **Corpo real (4.1.4)**. Na segunda seção deste capítulo 4, propomos um olhar para **O processo de reescrituração da FN *corpo gordo* e suas direções argumentativas (4.2)**, a fim de cumprirmos o segundo objetivo aqui proposto, que corresponde a demonstrar em que medida essas FNs, por meio das direções argumentativas, oferecem-se como ancoragem para a produção e atualização dos sentidos, tendo em vista o

processo de reescrituração. Como encerramento de nossa análise, a última seção do capítulo 4, intitulada **Corpo gordo feminino: a negação em causa** (4.3), traz os resultados de nossas reflexões que se pautaram no objetivo de investigar a pertinência enunciativa da negação do corpo gordo enquanto ancoragem para a afirmação desse mesmo corpo, por meio das orientações argumentativas dos enunciados em análise.

Por fim, no intuito de retomar alguns pontos discutidos ao longo da dissertação, apresentamos as **Considerações finais** sobre a pesquisa realizada.

1 UM BREVE OLHAR SOBRE A HISTORICIDADE DO CORPO

“No corpo estão inscritas todas as regras,
todas as normas e todos os valores de uma sociedade
específica, por ser ele o meio de contacto primário do
indivíduo com o ambiente que o cerca.”
(DAOLIO, 1995, p. 105)

Investigar um objeto e seus desdobramentos históricos significa acompanhar suas transformações diante das inevitáveis e constantes mudanças sociais. Face a isso, a noção de corpo, especificamente as noções sobre os discursos acerca do corpo, enquanto objeto de estudo, perpassa diversas trajetórias que o situaram no atual estágio.

Sendo assim, neste capítulo apresentamos reflexões acerca do corpo, bem como suas manifestações sociais e culturais permeadas por diferentes sentidos e representações (MEYER, 1998).

A fim de organizar tais discussões a respeito do corpo, dividimos este capítulo em duas seções mais amplas. Desse modo, apresentamos algumas noções e desdobramentos históricos que constituíram, e constituem, o corpo. Na seção (1.1), cujo título é **Um panorama sobre o corpo**, trouxemos algumas reflexões acerca do corpo feminino e sua constituição histórica, balizada pelos mais diversos discursos, até os dias atuais. Em seguida, na subseção (1.1.1), nomeada **A constituição histórica do corpo feminino**, procuramos colocar em foco de que forma, ao longo das décadas, diferentes padrões estéticos afligiram o corpo, transformando-o, valorizando-o e degradando-o. De maneira mais específica, na subseção (1.1.1.1) **Corpo feminino: o cenário brasileiro em relação a outros países**, discorremos um **recorte histórico** que delineou a construção do corpo feminino, relacionando padrões corporais de beleza, vigentes em diferentes épocas, no Brasil; bem como as influências estéticas exteriores. Optamos por iniciar esse recorte a partir do período em que o corpo gordo ainda era socialmente valorizado, e tido como sinônimo de virtude e *status*; a fim de compreendermos como os padrões estéticos foram transformando o corpo gordo feminino, ao longo da história, até chegarmos ao modelo corporal considerado *belo* nos dias atuais, tendo em vista as perspectivas da valorização e da discriminação. E, por fim, na subseção (1.1.1.2) **E hoje? Que corpo temos? Que corpo queremos?**, procuramos destacar algumas características do corpo feminino moderno e suas implicações sociais no século XXI.

1.1 Um panorama sobre o corpo

Entender os sentidos que atravessam o corpo na contemporaneidade exige um breve percurso histórico, para que possamos, então, desvelar os diversos discursos que o significaram ao longo do tempo. Sua constituição faz parte do processo histórico e metamórfico das mais distintas civilizações e os sentidos que balizam o conceito de “corpo perfeito” estão ancorados não somente pelas ciências que o estudam e o desvendam, mas também pelos múltiplos dizeres não científicos que o circundam e o tomam como símbolo.

Em virtude disso, Sant’ Anna (1995) defende que o estudo do corpo é “[...] interminável tanto quanto são diversificadas as bases culturais que, da medicina à religião, passando pela filosofia e pela antropologia, o constituem e o transformam” (SANT’ ANNA, 1995, p.12, *apud* STENZEL, 2002, p.19). Ainda consoante a autora, o “corpo é uma palavra polissêmica, uma realidade multifacetada e, sobretudo, um objeto histórico (SANT’ ANNA, 1995, p.12, *apud* STENZEL, 2002, p.19).

Diante de seu caráter histórico, a construção dos sentidos conferidos ao corpo, no século XXI, não são os mesmos sentidos que vigoravam em sociedades de épocas passadas. Pensar o corpo moderno é refletir acerca de “estética corporal”; esse termo, por sua vez, é constituído por preceitos sociais e, por esse motivo, também não escapa à historicidade. O conceito de estética é, portanto, preñado de sentidos e percepções, construídos ao longo da história. Segundo Schmitz, Laurentino e Machado (2010),

a estética estuda racionalmente o belo e o sentimento que desperta nos indivíduos. Desta forma surge o uso da estética como sinônimo de beleza. E desde a antiguidade até os dias atuais o sentido desta palavra vem tornando-se cada vez mais claro entre as pessoas, estética e beleza estão sempre ligadas. (SCHMITZ; LAURENTINO; MACHADO, 2010, p.2).

Nas palavras de Stenzel (2002),

o padrão estético sempre foi, e ainda é ditado por valores socioculturais de uma época. O padrão dita as normas e regras do que é certo ou errado, do que é feio ou belo, do que deve ser aceito ou rejeitado pela sociedade. Ao falarmos de padrão estético, estaremos falando, pois, de uma dialética de exclusão/inclusão. (STENZEL, 2002, p.13).

O corpo – de maneira mais específica, o corpo feminino – possui uma estreita relação com o conceito de beleza. Eco (2004) postula em seus estudos que

“belo” - junto com “gracioso,” “bonito” ou “sublime,” “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que, nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o belo e o bom. (ECO, 2004, p.9).

Diante disso, assentimos que analisar as diferentes relações existentes entre a constituição simbólica do corpo gordo e os diversos sentidos e representações que o permeiam, é pensar que

[...] o real apenas se constitui como realidade pela mediação da ordem simbólica, que lhe oferece consistência significativa, para que possa ser compartilhada por uma comunidade social determinada, dotada da mesma tradição histórica e linguística. Isso implica (sic) em dizer que a realidade é uma constituição eminentemente intersubjetiva e simbólica, não existindo, pois, fora dos sujeitos coletivos e históricos. (BIRMAN, 1991, p.8).

As representações da beleza e os valores simbólicos atribuídos àquilo que é considerado belo sofrem mudanças ao longo do tempo. Desse modo, os cânones do corpo ideal, e da beleza feminina, sofrem transformações por instâncias sociais das épocas das quais fazem parte, bem como das culturas vigentes. Face a isso, Stenzel (2002, p.19) afirma que “cada sociedade possui um corpo, e este corpo está submetido a ela; está submetido às suas leis, às suas regras, aos seus valores, à sua cultura, e às suas representações.”

Diante da proposta desta pesquisa em investigar os dizeres sobre o corpo gordo feminino, e os diversos movimentos enunciativos que envolvem a constituição dos sentidos atribuídos a esses dizeres, na sociedade contemporânea, – tendo em vista que ele é construído linguística e historicamente – faremos um breve recorte histórico sobre como o corpo feminino tem sido significado ao longo do tempo, tomando como base as vozes de estudiosas e estudiosos acerca do assunto.

1.1.1 A constituição histórica do corpo feminino

O corpo, enquanto “superfície de inscrição” (FOUCAULT, 1979) de sentidos e de dizeres socialmente constituídos, pertence à história (SANT’ ANNA, 1995). Ao longo dos séculos, diferentes padrões estéticos afligiram o corpo, transformando-o, valorizando-o e degradando-o. Pensar com Foucault acerca da articulação entre o corpo e a história, é apropriar-se da ideia de que essa relação “deve mostrar o corpo todo impresso de história, e a história arruinando o corpo” (FOUCAULT, 1979, p.22).

No recorte histórico que empreenderemos, a fim de compreendermos como se deram as transformações nos modos de pensar esse corpo, passamos por uma extensa trajetória que o situa no patamar em que se encontra atualmente.

Propulsor de intensos debates e significativos estudos, o corpo feminino do século XXI é um “produto cultural e histórico, nossa sociedade o fragmentou e recompôs, regulando seus

usos, normas e funções. Nos últimos anos, a mulher brasileira viveu diversas transformações físicas” (DEL PRIORE, 2000, p.9).

Grande parte dessas mutações advém do massivo controle da mídia e das indústrias de consumo: “Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho” (DEL PRIORE, 2000, p.11).

Nas décadas de 1960 e 1970, houve uma repentina irrupção do corpo como local de manifestação política e social. Nesse cenário, ele se revelava como uma ferramenta de contestação para com o legado de hierarquias políticas, culturais e sociais que vigoravam no passado (COURTINE, 2013, p.15); passou a reivindicar o direito de suas “proprietárias” em ter o controle de seus corpos. Nas ruas, as mulheres gritavam: “Nosso corpo nos pertence!”. Esse “é inicialmente um grito que adveio, e com ele o corpo”, defende Antoinette Fouque (1990, p.126 *apud* COURTINE, 2013, p.15), uma das fundadoras do Movimento de Libertação das Mulheres.

Contudo, apesar das intensas lutas pelo direito de “libertar-se”, Del Priore afirma que

a mulher não está fazendo mais do que repetir grandes modelos tradicionais. Ela continua submissa. Submissa não mais às múltiplas gestações, mas à tríade de “perfeição física”. [...] No início do século XXI, somos todas a nos colocar a serviço de nossos próprios corpos. Isso é, sem dúvida, uma outra forma de subordinação. Subordinação, diga-se, pior que a que se sofria antes, pois diferentemente do passado, quando quem mandava era o marido, hoje o algoz não tem rosto. É a mídia. São os cartazes da rua. O bombardeio de imagens na televisão. (DEL PRIORE, 2000, p.15).

O policiamento dos corpos, bem como a constante imposição de um padrão de beleza ocorrem, consoante Foucault, pelo fato de que o corpo

é diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o suplicam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos. (FOUCAULT, 2005, p.25).

Os estudos foucaultianos evidenciam, portanto, a vigilância empreendida sobre o corpo. Respalhada pela perspectiva foucaultiana, Lopes (2018, p.4), afirma que “os saberes e os poderes produzem discursos que ao longo do tempo se cristalizam e, depois de institucionalizados acabam objetivando padrões e coagindo o corpo a ser dessa ou daquela forma.”

Assim sendo, buscando associar as reflexões que apresentamos neste capítulo sobre o corpo àquelas que faremos no capítulo seguinte sobre o processo de produção de sentido, ressaltamos, que, em nossa concepção,

[...] os discursos institucionalizam sentidos, pois eles sustentam os domínios referenciais que recortam o real. Tem-se, assim, o campo de pertencimento que construímos nas enunciações do cotidiano, na relação entre a atualidade da formulação e o memorável de enunciações outras que comparecem no acontecimento enunciativo. (DIAS, 2013a, p.21).

Tendo em vista, portanto, que “os conceitos de beleza [...] são construções culturais que obedecem aos critérios de uma época [e de uma sociedade]” (DEL PRIORE, 2000, p.58), buscaremos trazer alguns traços, que se destacaram em determinados períodos, pertinentes ao entendimento das mudanças do corpo feminino até os dias atuais.

1.1.1.1 Corpo feminino: o cenário brasileiro em relação a outros países

O que faremos a seguir é indicar, de maneira breve, acontecimentos históricos significativos que balizaram as sucessivas descobertas do corpo feminino no Brasil. Procuraremos, portanto, investigar esse objeto que vem despertando o interesse de estudiosos das mais diversas áreas das ciências humanas.

Para que tal percurso seja realizado, tomaremos como base, principalmente, os estudos de Del Priore (2000), Stenzel (2002) e Goellner (2013), no que tange ao corpo feminino.

Em concordância com as seções anteriores, juntamente com Sant’ Anna (1995), concebemos o corpo como um objeto histórico. Isto é,

o corpo é uma construção sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos etc. Não é, portanto, algo dado *a priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (GOELLNER, 2013, p.30).

Ainda nas palavras da autora, “o corpo é também o que dele se diz e aqui estou a afirmar que o corpo é construído, também, pela linguagem” (GOELLNER, 2013, p. 31).

É a partir dessas citações de Goellner que nos propomos a averiguar, nesta seção, de que maneira a história, e seus decorrentes efeitos de sentido, exercem um papel fundamental para a constituição do corpo feminino. Afinal, diferentes dizeres sobre o corpo implicam um novo olhar para esse objeto.

Segundo Vasconcelos *et al.* (2004), em consonância com os estudos de Grieco (1991), as mudanças nos padrões de beleza, bem como na maneira de compreender o corpo

começam a surgir principalmente na questão da higiene física e aparência pessoal, já no século XVI, quando então passam a dar maiores atenções às partes do corpo que se apresentavam descobertas, como o rosto e as mãos. A literatura da época já

apontava para uma preocupação com a aparência e a forma física. (VASCONCELOS *et al.*, 2004, p.71).

Essa nova acepção de corpo fez com que as mulheres da época percebessem a beleza como uma ferramenta de autoafirmação social. Com efeito,

nesse período, de meados do século XVI, entendia-se como belo um corpo roliço e opulento, já que a gastronomia da época utilizava muita gordura na preparação dos alimentos. E como apenas as classes mais altas tinham acesso ao alimento farto, a gordura corporal denotava diferenciação social. (HEINZELMANN, 2011, p.9).

A beleza física consistia nas formas arredondadas e os corpos avantajados eram valorizados na sociedade europeia. Ter um corpo largo era, portanto, sinônimo de *status* e de bem-estar, uma vez que apenas os indivíduos abastados tinham acesso a esse tipo de culinária; ao passo que o corpo magro indicava pouca beleza, saúde precária e sinalizava, principalmente, pobreza. Nas palavras de Del Priore (2000), “a entrada do açúcar nos mercados europeus vai ajudar a criar um modelo de corpo cheio de curvas, e por que não dizer, gorduras, cuidadosamente reproduzidas por mestres como Rubens e Rembrandt” (DEL PRIORE, 2000, p.41).

A reprodução desse padrão corporal, vigente nos séculos XVI e XVII, pode ser observada na obra “As Três Graças”, do pintor belga Peter Paul Rubens:

FIGURA 1 - As Três Graças (1638)



Fonte: Vírus da Arte, 2015².

Essa composição encontra-se, atualmente, no Museu do Prado, em Madri, Espanha e “o objetivo central da obra é celebrar a beleza física”³. Isto é, a gordura estava associada à beleza estética para aquela sociedade.

Nesse mesmo período, no Brasil,

desembarcam os portugueses tomando conhecimento de outro biotipo, o das índias, de pele morena e cabelos escuros, muito distantes do ideal de beleza europeu da época, loiro e alvo. Ainda que as índias andassem despidas, a conexão neoplatônica entre amor e beleza, (sic) era um conceito em alta na Europa e os colonizadores associaram o despudor indígena com a pureza e o desconhecimento do mal. O ponto em comum

² Disponível em: <https://virusdaarte.net/rubens-as-tres-gracas/>. Acesso em: 04 mar. 2020.

³Idem

entre as europeias e as índias da época era o tipo de corpo, robusto, em ambos os casos. (HEINZELMANN, 2011, p.9).

O novo modo de conceber o corpo propiciou o aparecimento de diversos procedimentos, objetos, fragrâncias e cores que objetivavam a transformação do corpo feminino (DEL PRIORE, 2000). Assim, nas palavras da autora, “dissimular, apagar, substituir as imperfeições graças ao uso de pós, perucas, unguentos, espartilhos e tecidos volumosos era comum.” E ainda: “A pele azeitonada, a robustez física, as feições delicadas e a longa cabeleira passavam por processos feitos de bens e serviços, utensílios e técnicas, usos e costumes capazes de traduzir gostos e rejeição, preceitos e interditos” (DEL PRIORE, 2000, p.23).

A implementação de novas regras, que estavam diretamente associadas ao aumento dos cuidados com o corpo, propiciou, portanto, a expansão da cultura das aparências.

Ainda que existisse uma intensa preocupação feminina com sua fisionomia, esse período foi marcado, também, por um alto controle da Igreja sobre o corpo feminino no Brasil colônia (DEL PRIORE, 2000, p.27). Del Priore revela que

a mulher perigosa por sua beleza, por sua sexualidade, por sua associação com a natureza, inspirava toda a sorte de preocupações dos pregadores católicos. Não foram poucos os que fustigaram o corpo feminino, associando-o conforme a teologia cristã, como um instrumento do pecado e das forças obscuras e diabólicas. [...] O enfeamento do corpo estava articulado com a teoria punitiva do uso deste mesmo corpo. [...] Logo, modificar a aparência ou melhorá-la pelo emprego de artifícios, implicava em adensar essa inclinação pecaminosa. [...] Significava, também, alterar a obra do Criador que modelara seus filhos à sua imagem e semelhança. (DEL PRIORE, 2000, p.28).

Apesar da repreensão da Igreja, livros sobre beleza e cosméticos passam a circular no Brasil, eram os “livros de receitas – *os segredos* – de beleza” (DEL PRIORE, 2000, p.23), que buscavam corrigir os defeitos dos corpos. “A depilação das sobrancelhas, a pintura dos olhos e dos lábios, a coloração das maçãs do rosto, o relevo dado à frente atestavam uma nova representação da mulher” (DEL PRIORE, 2000, p.23).

Esse padrão estético, que considerava o corpo roliço, de ancas largas e seios grandes, belo, perdurou até o final do século XVIII, quando, então, se instaurou um novo modelo corporal. Assim,

com a chegada do século XVIII, a ideia de delicadeza e sensibilidade é repercutida na alta sociedade, sendo assim, o padrão físico sofre uma mudança, de corpos roliços e com formas arredondadas, o arquétipo torna-se magro e longilíneo. (MARQUES, 2017, p.14).

A fim de “corrigir” possíveis imperfeições, no que tange ao formato e à estrutura do corpo feminino, o novo padrão exigia o uso do espartilho. Com base nos estudos sobre a vestimenta feminina do século XVIII, do historiador Philippe Perrot (1981), Del Priore salienta que “o artefato, nascido com a Idade Moderna, correspondia, segundo Perrot, a uma nova

sensibilidade voltada para a ausência de sinuosidades, a linha plana e reta. A estranha couraça, informa Perrot, encerrava o tronco ajustando as formas convencionais a uma forma inflexível” (DEL PRIORE, 2000, p.52).

A adoção desse novo adereço provocou a intensa busca por uma postura imponente, “tal qual a haste do lírio” (DEL PRIORE, 2000, p.52); a qual estava diretamente relacionada às virtudes e ao caráter feminino para a sociedade da época. Ao mostrar-se em público, as mulheres europeias não poderiam ser negligentes com sua aparência. Inicia, assim,

toda uma severa estética da compostura, uma ética da contração. A vida nas cortes europeias, ou na nossa, iria controlar todas as possíveis turbulências do corpo, sua expansão ou vacilações. O envelope em couro ou pano duro, que cobria dos joelhos aos ombros, servia também para conter a moleza intrínseca do corpo feminino, corrigindo a sua fragilidade natural e constitutiva. [...] O uso do corpete deve ter se generalizado no Brasil durante o Segundo Império. Não há uma descrição de heroína de romance, nem fotografia da aristocracia do café em que as mulheres não apareçam com o enrijecimento dorsal, típico do uso do espartilho. (DEL PRIORE, 2000, p.52).

Mais que um simples adorno, o espartilho era uma peça fundamental do vestuário feminino da corte daquela época. Seu principal objetivo era reduzir o tamanho da cintura e manter o tronco ereto, controlando, de maneira rígida, os contornos naturais do corpo. Essa intensa tentativa em “domar” a silhueta feminina é retratada em algumas pinturas do artista francês Jean-Marc Nattier.

FIGURA 2 - Imperatriz da Rússia – Catarina I (1717)



Fonte: *Google* imagens, 2020⁴.

A Figura 2 exprime a imagem da Imperatriz da Rússia, Catarina I ou, do Russo *Yekaterina Alekseyevna*. Nessa pintura, a nobre apresenta-se em trajes volumosos, porém é possível perceber o uso do espartilho como um instrumento que objetiva moldar suas curvas.

Segundo Del Priore (2000),

a mulher de formas mais salientes tendia a ser considerada a mais ortodoxalmente feminina. E assim foi por muito tempo. [...] Ancas eram símbolo da mulher sexualizada, desejável e fecunda. Feliz prisioneira dessas formas, ela sublinhava a relação entre

⁴ Disponível em: <https://rainhastragicas.com/2016/05/04/sofia-frederica-augusta-parte-i/catharina-i-by-jean-marc-nattier/>. Acesso em: 04 mar. 2020.

sua conformação anatômica e sua função biológica e, ao mesmo tempo, sagrada: reproduzir, procriar, perpetuar. (DEL PRIORE, 2000, p.58).

As ancas eram grandes aliadas à moda que vigorava no universo feminino da época. Aquelas que não possuíam essas formas “naturais”, recorriam às “anquinhas”.

Essa espécie de enchimento artificial capaz de valorizar o baixo corporal feminino, deu ao posterior feminino uma forma ainda mais luxuriante. Se preciso fosse, usavam-se suplementos de variado tipo, feitos de barbatanas, lâminas de ferro, pufes de jornal e até “pneumáticos” para preencher e valorizar calipíguas das que não tinham. (DEL PRIORE, 2000, p.58).

Esse padrão estético, que considerava mulheres de formas salientes mais atraentes, perdurou até o século XIX. As mulheres tidas como belas eram aquelas que possuíam

um corpo-ampulheta, verdadeiras construções trabalhadas por espartilhos e anquinhas capazes de comprimir ventres e costas, projetando seios e nádegas. A couraça vestimentar deveria servir para protegê-las, simbolicamente, do desejo masculino. Desejo alimentado pela voluptuosidade da espera, do mistério, do jogo de esconde-esconde que as mulheres traduziam em seus corpos. A mão cobria-se com luvas, os cabelos, com véus e chapéus, os pés com sapatos finos, o corpo, submerso por toneladas de tecidos, só se despia por ocasião de bailes. (DEL PRIORE, 2000, p.59).

Desse modo, o uso do espartilho ainda estava vinculado à transformação do corpo feminino, conferindo-lhe a forma de ampulheta, com a cintura fina em contraste com os braços carnudos, pernas fortes e ancas largas.

O ideal do charme feminino correspondia a um mosaico de cheios e vazios, curvas e retas: ombros, arredondados e inclinados em suave queda, pescoço flexível e bem lançado, seios “obviamente” opulentos, bacia larga e *evasé*, talhe esbelto e fino, braços carnudos, pulsos delicados e magros, mãos longas mas recheadas, dedos afilados, pernas sólidas, pés pequenos e de artelhos bem graduados. Curvas, ondas, acidentes compunham a cartografia física, feita de escrupulosa distribuição de superfícies e volumes. (DEL PRIORE, 2000, p.60).

O início dos anos 1900 também foi marcado pelo uso dos espartilhos. O corpo feminino era moldado em formato de “s”, uma vez que “as mulheres não hesitaram em usar os espartilhos curvados que jogavam o abdômen para frente e os quadris para trás, servindo de estrutura para as roupas extremamente adornadas dessa década” (LIMA, 2019, p.71). A Figura 3, a seguir, é uma imagem da atriz de teatro belga, Camille Antoinette Clifford. No início do século, devido às suas curvas consideradas perfeitas para a época, Camille era a modelo mais famosa das ilustrações de Charles Dana Gibson⁵.

⁵ Informação retirada da dissertação de Lima (2019). Disponível em: http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_10734_DISSERTA%C7%C3O.pdf

FIGURA 3 - Camille Antoinette Clifford (1896)



Fonte: Flickr, 2015.⁶

Constitui-se, como parte essencial dos valores disseminados no século XIX e XX, na Europa, o surgimento de professores de ginástica e manuais de medicina que apresentavam as vantagens da prática de exercícios físicos (DEL PRIORE, 2000). Segundo a autora,

na Europa, de onde vinham todas as modas, a entrada da mulher no mundo do exercício físico, do exercício sobre bicicletas, nas quadras de tênis, nas piscinas e praias, trouxe também a aprovação de corpos esbeltos, leves e delicados. Tinha início a perseguição [...] aos quilinhos a mais, mesmo que discretos. O estilo “tubo” valorizava curvas graciosas e bem lançadas. (DEL PRIORE, 2000, p.66).

Desse modo,

era necessário cuidar da saúde do corpo e a gordura começa a ser criticada e mal vista, como sinal de desleixo, inaugurando, entre outras coisas, a noção de beleza aliada à saúde. No Brasil, o corpo amпуlheta, de cintura bem marcada pelo espartilho e ancas volumosas, ainda era considerado ideal. (HEINZELMANN, 2011, p.9).

Apesar de algumas posições contrárias a esse novo movimento, as mulheres começaram a aderir à prática de exercícios físicos. No Brasil, “as mulheres da elite sempre andaram a cavalo. A equitação, como esporte, foi praticada por uma parcela importante de nossa aristocracia, sobretudo, durante o reinado de D. Pedro II” (DEL PRIORE, 2000, p.63). A elegância feminina “começou a rimar com saúde. Se a mudança ainda se revelava hesitante, não demorou muito a instalar-se e a tornar-se inexorável” (DEL PRIORE, 2000, p.63).

Ao final do século XIX, surgiu um conjunto de valores divulgados e defendidos por aquela sociedade. Esses novos conceitos marcaram a inversão dos padrões até então aceitos como ideais. O historiador americano, Stearns (1997, *apud* STENZEL, 2002, p.32) chama esse período de transição de *the turning point*, isto é, o momento de transformação.

Essa intensa preocupação que marcou os anos de 1890 a 1910, bem como a necessidade de ter um corpo magro, mudou a maneira como os indivíduos daquela sociedade percebiam o corpo gordo. Segundo Stenzel,

⁶ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/guitarhero4/16386340371/>. Acesso em: 04 mar. 2020.

o emagrecimento passou a ser um desejo e uma meta a ser cumprida, como representação de aceitação e prestígio. Até 1890 o sucesso ou o reconhecimento se dava para aqueles que possuíam corpos avantajados; em 1900 esta representação se inverteu, e de lá para cá o sucesso e a beleza vêm cada vez mais sendo associados à magreza. (STENZEL, 2004, p.180).

Contudo, Del Priore (2000) defende que

apesar do declarado horror à obesidade, os viajantes [estrangeiros da época] reconheciam que o modelo “cheio”, arredondado, correspondia ao ideal de beleza dos brasileiros, o que explicavam pela decorrência do gosto de seus ancestrais. Gordas e belas eram qualidades sinônimas para a raça latina meridional, incluídos aí os brasileiros [...]. Dizia-se que o maior elogio que se podia fazer a uma dama no país era notá-la cada dia “mais gorda e mais bonita”, “coisa” – segundo o inglês Richard Burton, em 1893 – “que cedo acontece à maioria delas”. Gordas quando mocinhas, ao chegarem aos trinta anos já eram corpulentas, incapazes de seduzir o olhar dos estrangeiros. (DEL PRIORE, 2000, p.56).

Como já dito no início deste capítulo, o conceito de beleza é cultural, variando conforme a época e a sociedade vigentes. Desse modo, corpos avantajados, que um dia foram sinônimo de beleza e inspiraram os mais diversos artistas, começaram a ser ainda mais desvalorizados no século XX. Conforme aponta Stenzel,

essa “falência moral” atribuída aos obesos começou a delinear-se no início do século XX (entre os anos 1880 e 1920) e parece persistir nos dias de hoje. Stearns (1997) comenta que, qualidades como a sensualidade, a graça e a elegância começaram a ser atribuídas àqueles que reduziam peso; e em contrapartida, eram cada vez mais frequentes as piadas e os cartoons ridicularizando personalidades públicas que apresentavam excesso de peso. Uma nova geração estava sendo criada, baseada não só em novos padrões de estética e beleza, mas sim baseada em um sentimento de “terror” com relação ao excesso de peso. (STENZEL, 2002, p.36).

O ato de colocar o corpo em movimento ganhou mais força no Brasil República, uma vez que as cintas e os espartilhos já não eram mais suficientes para limitá-lo. Nos anos 1920, diversos eventos importantes transformaram o universo feminino e modificaram o papel social da mulher. Durante a Primeira Grande Guerra, muitas mulheres começaram a exercer atividades que, até aquele momento, eram responsabilidade exclusiva dos homens. Elas haviam conquistado, portanto, uma certa independência em várias situações que, no passado, ainda lhes eram negadas em função de estarem subjugadas aos seus pais, irmãos e maridos; e passaram a adotar novos hábitos de vida, incluindo a adoção do corte de cabelo curto – *à la garçonne*. Seu espaço já não se restringia, apenas, ao âmbito doméstico, mas também a cafés e ambientes públicos. E, ainda que recebessem salários mais baixos em relação aos homens, já podiam ser vistas trabalhando fora de casa.

Nesse cenário uma nova concepção da figura feminina surge:

Ela abandonara os penteados ornamentais com ondas conseguidas graças aos ferros de frisar para cortar os cabelos *à la garçonne*. O *sport*, antes condenado, tornara-se indicativo de mudanças: “Nosso fim é a beleza. A beleza só pode coexistir com a saúde, com a robustez e com a força” alardeava o autor de *A beleza feminina e a cultura physica*, em 1918. [...] A cintura de vespa, herdada do século anterior

continuava aprisionada em espartilhos. Esses, contudo, tinham melhorado. O dissimulado instrumento de tortura, feito de pano forte e varetas de barbatana de baleia, tão rígidas a ponto de sacrificar o fígado e os rins, mudara. Era, agora, feito de varetas flexíveis de aço. A partir de 1918, ele começara a ser substituído pelo “corpinho”. Se os primeiros salientavam os seios como pomos redondos, o corpinho deixava-os mais livres e achatados. (DEL PRIORE, 2000, p.64-65).

Diante dessa turbulência de novidades, e com o fortalecimento da indústria da beleza, novos cânones da estética feminina foram se manifestando ao longo das décadas que constituíram o século XX. Segundo Del Priore,

o famoso costureiro francês *Paul Poiret rompe com o modelo de ancas majestosas e seios pesados* para substituí-los por outro. No início do século XX, *tem início a moda da mulher magra*. Não foi apenas uma moda, foi também, diz Philippe Perrot, o desabrochar de uma mística da magreza, uma mitologia da linha, uma obsessão pelo emagrecimento [...]. O “tamanho”, ou seja, rubrica que passa a determinar a largura e a conformação do corpo em relação à roupa, torna-se uma espécie de forma anatômica. Além de constrangimento moral e não apenas corporal, o tamanho traduzia, num martírio mental e não mais físico, a linha de demarcação que passara a reprovar e estigmatizar toda mulher que o extrapolasse. (DEL PRIORE, 2000. p.66, grifo nosso).

Vale ressaltar que Paul Poiret foi um costureiro francês de grande renome no século XX. O grande prestígio por seu trabalho se dá pelo fato de que Poiret ficou conhecido como “o estilista que criou a silhueta feminina do século 20⁷” (CHAGAS, 2007) e que libertou as mulheres do espartilho.

Com a abolição do uso do espartilho, o corpo feminino tornou-se geometrizado e adquiriu um formato reto. As mulheres, que possuíam menos seios – inclusive, eram utilizados sutiãs que os achatavam –, ombros mais largos e menos curvas eram consideradas mais belas.

Segundo Lima (2019), Paul Poiret criava

vestidos com costuras mais soltas e com a cintura mais larga, trazendo de volta o estilo de vestidos do diretório ou do primeiro império. O estilo de Poiret começou a ser baseado em formatos, linhas e construções simples quando não deu mais tanta importância às costuras complexas e sim à fluidez. As linhas do pescoço passaram a ficar mais abertas e os tecidos soltos criavam uma silhueta mais longa e reta. (LIMA, 2019, p.89).

A Figura 4 ilustra o modelo de vestido e de corte de cabelo – *à la garçonne* – adotados pelas mulheres nos anos 1920. O estilo de roupa era mais solto, com menos tecido, e o corte possuía uma modelação reta, o que configurava o oposto do excesso de curvas, característica do século anterior.

⁷ Informação retirada do site: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,paul-poiret-o-estilista-que-criou-a-silhueta-feminina-do-seculo-20,20395>. Acesso em: 04 mar. 2020.

FIGURA 4 - Mulheres usando vestidos típicos dos anos 1920



Fonte: *Cute Drop*, 2011.⁸

Nos anos 1920, o ideal estético já não era imposto, exclusivamente, pelos estilistas franceses, mas sim pela indústria cinematográfica norte-americana; isto é, pelos estúdios de *Hollywood* (DEL PRIORE, 2000).

Ainda conforme a historiadora, o culto à aparência colocava em jogo, novamente, a transformação do corpo feminino, uma vez que o ato de mostrar os rostos das atrizes hollywoodianas, – “rostos jovens, maliciosos e sensuais” (DEL PRIORE, 2000, p.75) – considerados perfeitos; somado a outros fatores culturais e sociais, foram de suma importância para a construção de um novo modelo de beleza, que passou a repugnar a gordura corporal. O corpo deveria, pois, ser compatível às necessidades da vida moderna e industrial.

Data dessa época o banimento da cena da mulher velha. Se até o século XIX matronas pesadas e vestidas de negro enfeitavam álbuns de família e retratos a óleo, nas salas de jantar das casas patricias, no século XX, elas tendem a desaparecer da vida pública. Envelhecer começa a ser associado à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social. Associa-se gordura diretamente à velhice. É a emergência da lipofobia. Não se associava mais o redondo das formas – as “cheinhas” – à saúde, ao prazer, à pacífica prosperidade burguesa que lhes permitia comer muito, do bom e do melhor. *A obesidade começa a tornar-se um critério determinante de feiura*, representando o universo do vulgar, em oposição ao elegante, fino e raro. [...] A gordura opunha-se aos novos tempos que exigiam corpos ágeis e rápidos. A magreza tinha mesmo algo de libertário: leves, as mulheres moviam-se mais e mais rapidamente, cobriam-se menos com vestidos mais curtos e estreitos. (DEL PRIORE, 2000, p.75, grifo nosso).

Nos anos 1930, a ordem estética dita novos cuidados corporais, posto que nessa época, as práticas de exercícios físicos ao ar livre, bem como o bronzeador, eram valorizados. Desse modo, “o corpo feminino começa a ser trabalhado e passa a exhibir os signos da cultura física e da atividade esportiva, os músculos se tornam visíveis, elásticos, deixam de ser propriedade exclusiva do universo masculino” (FERREIRA, 2010, p.191). A nova silhueta esbelta feminina ganha, portanto, contornos específicos das atividades esportivas e os músculos não apresentavam gordura.

Segundo Ferreira (2010),

desde as primeiras décadas de século XX o peso é decretado “elemento primordial da beleza feminina” e o excesso de peso jamais deve ser considerado como sintoma de saúde. Ao contrário, ele pode ser perigoso, provocar riscos sanitários e até a mortalidade. A gordura se transforma em inimigo número um da elegância e da

⁸ Disponível em: <https://www.cutedrop.com.br/2011/02/a-beleza-dos-anos-20/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

felicidade. As medidas corporais tornam-se uma marca de beleza e os concursos de beleza popularizam esse novo padrão estético. Os concursos de *miss* se multiplicam no [período] entre guerras e fazem com que as modelos exibam seus corpos perfeitos popularizando a nova silhueta. (FERREIRA, 2010, p.191).

E ainda: “O uso dos *maillots* destaca as formas e transformam os critérios de beleza, ressaltando qualidades e defeitos, fazendo com que a balança passe a fazer parte do cotidiano” (FERREIRA, 2010, p.191).

FIGURA 5 - Mulheres usando *maillots*



Fonte: *Blog Water Colors*, 2018⁹.

A Figura 5 mostra mulheres usando o *maillot*, traje de banho típico dos anos 1930, já que o corpo feminino dessa época devia ser magro, bronzeado e esportivo: “A silhueta não se faz mais a partir dos artifícios do século XIX como as cintas, ela se faz agora a partir de um controle rígido sobre o próprio corpo, com exercícios e vontade, de modo a esculpir a própria silhueta” (FERREIRA, 2010, p.193).

Nos anos 1940, o cânone corporal ainda era ditado pelo cinema hollywoodiano. As curvas consideradas *belas* eram inspiradas no corpo da atriz e cantora norte-americana Ava Lavinia Gardner. Já no Brasil, a cantora e atriz Maria do Carmo Miranda da Cunha – mais conhecida como Carmem Miranda – vivenciava o auge de sua carreira, estrelando filmes nacionais e internacionais. O sucesso de seus trabalhos tornou-a uma das figuras mais populares da época “divulgando ideias, símbolos, estereótipos, que eram consumidos por grande parte da população. Em um momento de nacionalismo exacerbado, ela se tornou representante da nação brasileira [no exterior]” (KERBER, 2008, p.1). Assim, corpos magros e longilíneos, divulgados pela mídia, eram desejados pelo público feminino.

Nesse mesmo período, surgiu o termo, em inglês, *pin-up*, que teve origem a partir do verbo “pendurar”. Cunhado durante a Segunda Guerra Mundial, tratava-se de ilustrações para calendários e revistas, cuja modelo com mais destaque na época foi Betty Grable, considerada, ainda, a *Rainha das Pin-Ups* (FONZAR, 2017). As imagens retratavam “a beleza da época: mulheres voluptuosas, com penteados perfeitamente no lugar, batom vermelho e uma

⁹ Disponível em: <http://blog.watercolors.com.br/dicas-e-curiosidades/maio-centenario-e-cheio-de-historia/>. Acesso em: 06 mar. 2020.

sensualidade quase que velada” (FONZAR, 2017, n.p.). Essas ilustrações faziam sucesso entre os soldados norte-americanos, que as fixavam em seus beliches ou aeronaves.

As Figuras 6, 7 e 8 ilustram, respectivamente, Ava Gardner, Betty Grable e Carmen Miranda, exibindo suas curvas.

FIGURA 6 - Atriz Ava Gardner em praia de Miami (1948)



Fonte: *Hello Moto*, 2017¹⁰.

FIGURA 7 - Atriz Betty Grable em sua pose icônica *over-the-shoulder* (1943)



Fonte: *A Trip Down Memory Lane*, 2011¹¹.

FIGURA 8 - Atriz e cantora Carmen Miranda



Fonte: *Estadão*, 2010¹².

A década de 1950 foi marcada pela influência de mulheres com coxas e seios generosos e cintura fina, o que caracterizava a feminilidade da época. A atriz, modelo e cantora norte-americana Marilyn Monroe tornou-se símbolo desse novo padrão estético.

¹⁰ Disponível em: <https://www.hellomoto.com.br/verao-pede-maios-e-biquinis-mas-voce-sabe-a-historia-deles/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

¹¹ Disponível em: <http://greatentertainersarchives.blogspot.com/2011/05/betty-grable-ultimate-pin-up.html>. Acesso em: 11 mar. 2020.

¹² Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/edmundoleite/o-primeiro-carnaval-sem-carmen-miranda/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

No Brasil, as curvas também eram valorizadas, ainda que na mídia já se anunciasse “o desenvolvimento ou emergência do corpo magro, que se estabelecerá como ideal nas décadas futuras. Naquele tempo, o pior quadro da feiura era uma mulher sem curvas, quadris estreitos, cintura larga e seios achatados” (SANT’ANNA, 2014, p.100 *apud* AIRES, 2019, n.p.). Ainda segundo Aires,

em solo nacional, as cheinhas de corpo eram exibidas com charme pelas chanchadas cariocas [...]. Naquele tempo, eram as misses que faziam sucesso, como Martha Rocha, consagrada Miss Brasil em 1954, quando se tornou referência nacional de beleza, com cintura fina e quadris largos, atributos importantes associados ao corpo feminino ideal naquele momento. Em julho de 1954, Martha concorreu a *Miss Universo* nos Estados Unidos. As pesquisas já a consideravam eleita, no entanto ficou em 2º lugar. Surgiram boatos de que ela perdera o título de *Miss Universo* para a norte-americana Miriam Stevenson devido a duas polegadas a mais nos quadris, revelando que, *na década de 1950, já havia indícios de um processo de valorização da magreza corporal*. No entanto, somente após os anos 1960, os quadris se tornaram mais retos e as misses ganharam em altura e magreza. (AIRES, 2019, n.p. grifo nosso).

A Figura 9 apresenta a ex-Miss Brasil Martha Rocha em um carro alegórico:

FIGURA 9 - Ex-Miss Brasil Martha Rocha (1954)



Fonte: Flickr, 2009.¹³

Segundo Garcia (2016, n.p.),

com o fim dos anos de guerra e do racionamento de tecidos, a mulher dos anos 50 se tornou mais feminina e glamourosa, de acordo com a moda lançada pelo "New Look", de Christian Dior, em 1947. [...] A cintura era bem marcada e os sapatos eram de saltos altos, além das luvas e outros acessórios luxuosos, como peles e joias. Essa silhueta extremamente feminina e jovial atravessou toda a década de 50 e se manteve como base para a maioria das criações desse período. Apesar de tudo indicar que a moda seguiria o caminho da simplicidade e praticidade, acompanhando todas as mudanças provocadas pela guerra, nunca uma tendência foi tão rapidamente aceita pelas mulheres como o "New Look" Dior, o que indica que a mulher ansiava pela volta da feminilidade, do luxo e da sofisticação. (GARCIA, 2016, n.p.).

Ainda nesse período, as classes populares passaram a ter acesso à moda e a produtos de beleza, “seja por meio de revistas femininas, pelo cinema, ou pelo hedonismo da cultura de

¹³ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cbns/4115814179/in/photostream/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

massa” (WANDERLEY, 2011, p.20). Desse modo, os parâmetros estéticos começaram a fazer parte do universo de grande parte da população dos anos 1950.

Lipovetsky (1999 *apud* Wanderley, 2011) esclarece que

após a Segunda Guerra Mundial, o desejo de moda expandiu-se com força, tornou-se um fenômeno geral, que diz respeito a todas as camadas da sociedade [...] os signos efêmeros e estéticos da moda deixam de aparecer, nas classes populares, como um fenômeno inacessível reservado aos outros: tornaram-se uma exigência de massa, um cenário de vida decorrente de uma sociedade que sacraliza a mudança, o prazer, as novidades. (LIPOVETSKY, 1999 *apud* WANDERLEY, 2011, p.20).

Esse novo padrão foi possível graças ao advento do *prêt-à-porter*, termo originário do francês, que significa “pronto para vestir”,

onde as roupas deixaram de ser confeccionadas por costureiras e passaram a ser produzidas em massa. Na década de 1950, Christian Dior revolucionou a moda com a criação do New Look, onde se utilizava saias com muito pano para criar uma silhueta ampulheta, onde a cintura deveria ser destacada, sempre buscando deixá-la o mais fina possível. (MARQUES, 2017, p.14).

A Figura 10 mostra Marilyn Monroe em um ensaio fotográfico exibindo suas curvas:

FIGURA 10 - Marilyn Monroe em ensaio fotográfico



Fonte: *Pinterest*, 2018¹⁴.

Nos anos 1960, houve um grande contraste no padrão estético do corpo feminino, uma vez que “as carnudas estrelas dos anos 1950, como Marilyn Monroe, Sophia Loren ou Anita Ekberg, foram substituídas, nos 1960, por criaturas esqueléticas.” (DEL PRIORE, 2000, p.89). Ao contrário das curvas desejadas na década de 1950, em 1960 se buscava “o corpo reto, magro, sem seios; [a modelo] Twiggy se tornou ícone dessa época por retratar muito bem o padrão.” (MARQUES, 2017, p.14-15).

Diante da padronização corpórea, que coloca em foco um corpo magro e de silhueta longilínea, Lopes defende que

a partir de 1960, o cerco ao corpo gordo fechou-se ainda mais. Foi o fim definitivo do meio termo, porque não bastava mais ter a cintura fina e bem marcada das décadas anteriores, era preciso acentuar a magreza e alongar ainda mais as linhas. Segundo Del Priore (2013), uma das razões para que isso se estabelecesse de modo tão

¹⁴ Disponível em: <https://www.pinterest.co.kr/josesergiolopezguerra/marilyn-monroe/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

contundente inscreve-se no âmbito da moda, quando essa colocou em suas passarelas modelos como a britânica Lesley Lawson, conhecida pelo nome artístico de Twiggy; [...] [eram] mulheres de corpos extremamente magros, pernas e braços alongados e finos que ganharam notoriedade nesse ramo. (LOPES, 2018, p.97-98).

E completa dizendo que,

essas modelos, ao desfilarem nas passarelas seus corpos andrógenos, excessivamente magros, só fizeram reforçar o discurso da silhueta, estabelencendo como padrão a silhueta longilínea. [...] o corpo feminino foi padronizado sem curvas, as linhas da silhueta deveriam ser as retas. (LOPES, 2018, p.98).

À vista disto, o fato de se estabelecer um novo cânone estético, direcionou processos de produção de sentidos acerca do corpo feminino: “silhueta longilínea, corpo da moda, logo, mulher bonita, atraente, moderna; silhueta curvilínea, corpo fora de moda, logo, mulher feia, desagradável, atrasada” (LOPES, 2018, p.98).

Ainda que o corpo vigente, divulgado e defendido pela mídia, nos anos 1960, fosse o corpo reto, sem curvas e extremamente magro,

no Brasil, país no qual o sangue europeu misturou-se com o indígena, o negro e o asiático, a constituição corporal da mulher é geneticamente mais curvilínea: quadris mais avantajados destacam-se em sua silhueta; isso quer dizer que se reconhecer na silhueta longilínea era (é) pouco provável para a brasileira. Contudo, isso não foi empecilho para que a silhueta longilínea pudesse ganhar destaque também por aqui; isso porque a imagem da silhueta longilínea, além de ter se associado aos ditos da moda, associou-se também aos da estética (europeizada e americanizada), edificando um dado sentido da beleza. [...] No centro de tudo isso, tornou-se difícil encontrar uma mulher que não quisesse o corpo e a silhueta que se vendia em cada um dos desfiles da alta costura, em cada um dos anúncios de eletrodomésticos, em cada publicidade dos novos cosméticos. (LOPES, 2018, p.98).

A Figura 11 apresenta a imagem da modelo britânica Lesley Lawson, mais conhecida como Twiggy.

FIGURA 11 - Modelo Twiggy (1967)



Fonte: National Portrait Gallery, 2014¹⁵.

¹⁵ Disponível em: <https://portrait.gov.au/calendar/richard-avedon-people/821>. Acesso em: 11 mar. 2020.

Continuando nosso percurso pelo tempo, constatamos que a década de 1970 foi marcada por mudanças sociais e movimentos de contestação. As academias colocaram em alta o corpo malhado e exercitado.

Nas palavras de Del Priore, desembarcaram no Brasil dos anos 1970

numerosas máquinas e técnicas do corpo, instrumentos de um verdadeiro marketing de vivências corporais: o *body business*. [...] O corpo numa sociedade de abundância industrial tinha uma nova tarefa: ser um corpo consumidor [...]. Para as unhas, esmaltes e lixas. Para os cabelos, xampus, tinturas, secadores. Para o corpo, bronzeadores, hidratantes, sabonetes cremosos e desodorizantes. Difundindo padrões de beleza, as imagens publicitárias de produtos nunca antes vistos refletem-se no público feminino. [...] Nasce aí a imagem do corpo livre e liberado, de quem sabe o que quer, que goza, que é dono do próprio nariz; corpo livre da submissão dos signos do trabalho. Um corpo sem cicatrizes, um corpo-sorriso, um corpo publicitário. (DEL PRIORE, 2000, p.91).

Nesse mesmo cenário, jovens reivindicavam liberdade e direito sobre seus corpos. Segundo Sant’Anna e Scomparin (2015, p.1),

as mulheres ganharam cada vez mais poder e espaço na sociedade, com domínio de seu corpo e maior liberdade sexual, graças à pílula anticoncepcional, e níveis de estudo e posicionamento no mercado de trabalho crescentes. Sendo as roupas fonte de expressão não apenas de indivíduos, mas de grupos, tribos e sociedades, e os criadores de moda importantes influenciadores de estilo, uma análise das criações, em âmbito nacional e internacional, de peças através das quais a liberdade pode ser lida por meio da relação entre roupa e corpo e o seu desnudar permite um panorama de como o corpo, a sensualidade e a liberdade se relacionam e trabalham como meio de expressão e reivindicação.

No Brasil, a atriz Leila Diniz, em 1971, revolucionou a imagem corporal feminina, “ao aparecer grávida de biquíni na praia. Naquela época, só era permitido às mulheres o uso de maiôs como traje de banho” (ROCHA e TOSTA, 2014, p.17).

Contudo, o avanço tecnológico, o consumismo de bens e serviços para o corpo, defendidos pela publicidade, e a busca pela liberdade de expressão corporal, desencadeiam uma certa anulação do indivíduo perante o coletivo. Desse modo, Del Priore (2000, p.91) afirma que “ao buscar incessantemente a sua originalidade [...] esta transforma-se em regra.”

E ainda:

Essa busca estará sempre referida a um ideal inatingível, uma vez que as imagens veiculadas nada têm de humano e a promessa de felicidade absoluta, plenitude e intemporalidade aí contida empurra as mulheres para a impossibilidade de adequar-se aos novos padrões estéticos. A publicidade embute, em relação a essas [mulheres] que não se encaixam nos padrões, uma ideologia de fracasso, de impotência ao próprio corpo. [...] Esse corpo é trabalhado e valorizado até adquirir as condições ideais de competitividade que lhe garanta assento na lógica capitalista. Quem não o modela, está fora, é excluído. (DEL PRIORE, 2015, p.91-92).

A Figura 12 mostra a atriz Leila Diniz se banhando na praia de Ipanema, usando biquíni, ato revolucionário para os costumes da época.

FIGURA 12 - Atriz Leila Diniz usando biquíni em Ipanema (1971)



Fonte: Filipe Catto, 2018.¹⁶

Na década de 1980, havia uma intensa preocupação com o corpo e com a saúde, o que mobilizou mulheres de todas as idades a buscarem academias de ginástica. Os corpos femininos eram moldados por sessões de musculação, dietas e atividades aeróbicas; assim, o padrão de beleza dessa época consistia em braços definidos e corpo magro e atlético. Além disso, “o Ocidente cada vez mais dava ênfase às roupas apertadas que evidenciavam as curvas do corpo. Afinal, o propósito era mesmo esse: exibir-se” (ROCHA, 2011, p.47).

Rocha e Tosta (2014) afirmam que

nessa década a moda tomou uma proporção muito grande, os consumidores passaram a se preocupar com o conforto e praticidade das peças. O corpo feminino foi tomando nuances diferentes das cultuadas décadas anteriores. A valorização de uma silhueta magra não era tendência e sim exaltação da saúde. Dessa forma, as mulheres passaram a exibir corpos mais “normais” e recuperaram as curvas, que segundo Thamer (1988, p.76) quadris, seios e bumbuns ficando no meio-termo: nem exageradamente palito nem robusta a ponto de não poder desfilas com roupa colada ao corpo. (Rocha e Tosta, 2014, p.19).

Segundo Rocha (2011), a acentuada prática de exercícios, nos anos 1980, pode estar associada à propagação da Aids e ao acidente nuclear de Chernobyl, uma vez que esses acontecimentos “mudaram o relacionamento das pessoas não apenas com seus corpos, mas com suas próprias vidas.” (ROCHA, 2011, p.44). Isto é, a preocupação com o corpo e com a saúde derivou dos medos e angústias que assombravam a sociedade da época (ROCHA, 2011).

A Figura 13 apresenta a modelo australiana Elle MacPherson, cujo nome artístico é Eleanor Nancy Gow, exibindo suas curvas tonificadas.

¹⁶ Disponível em: <https://www.abcdabc.com.br/abc/noticia/mulheres-que-fizeram-historia-leila-diniz-18545>. Acesso em: 15 mar. 2020.

FIGURA 13 - Modelo Elle MacPherson (1986)



Fonte: Cais da Memória, 2015.¹⁷

Já no Brasil, a apresentadora Maria da Graça Meneghel, Xuxa Meneghel, (Figura 14) possuía medidas consideradas perfeitas, o que a tornava um dos ícones femininos dos anos 1980.

FIGURA 14 - Apresentadora Xuxa, anos 1980



Fonte: *Ponte La Ropa, Chica*, 2012.¹⁸

Por fim, nos anos 1990, o culto à magreza excessiva e aos inibidores de apetite faz parte do universo feminino. Segundo Marques (2017), nessa época buscava-se

uma ruptura com a geração anterior, que prezava o exercício e a boa saúde. Tentava-se obter então uma imagem quase doente, Kate Moss, sempre muito magra e com aspecto fraco, se tornou a antimodelo na época, queridinha de nomes muito grandes na indústria da moda. (MARQUES, 2017, p.15).

Nessa época, as modelos ganharam *status* de celebridades na mídia, o que transformou esse corpo magro no padrão de “mulher ideal”, no imaginário coletivo feminino. Nas palavras de Caroline Freiberger Caron (2006, p.9),

o padrão inatingível de beleza feminino difundido nos meios de comunicação e na moda tem, como em nenhuma outra época, construído estereótipos de mulheres que são inatingíveis para a maioria das consumidoras. É uma espécie de tirania a que pauta os bens de consumo no uso do corpo feminino.

Lima (2002, p.42 *apud* CARON, 2006, p.9) explica que

¹⁷ Disponível em: <https://ocaisdamemoria.com/2015/03/29/elle-macpherson-esta-de-parabens/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

¹⁸ Disponível em: <http://pontelaropachica.blogspot.com/2012/03/bom-estar-contigo-na-televisao.html>. Acesso em: 15 mar. 2020.

em nome da aparência, peca-se pelo excesso, embora haja uma consciência coletiva da importância da saúde. Entretanto, na realidade, o que se verifica é que muitos extrapolam seus próprios limites, comprometendo o desejo de uma vida que se considera “saudável” [...]. Há sempre uma incessante busca pelo bem estar em sua maioria, mas com um alto nível de dependência ligado ao compromisso de manter-se sempre jovem, bonita e saudável. Os meios de comunicação dão uma espécie de certificado ao valorizarem esta atitude com a massificação do uso da imagem e da venda exagerada de revistas que só tratam do assunto.

Nos anos 1990, as mulheres também passaram a investir em procedimentos estéticos e cirurgias plásticas, em especial no implante de silicone, a fim de realçar seus atributos físicos.

À vista disso, Rocha (2011) afirma que nessa década,

o corpo passou a ser elemento fundamental de transformação estética, além de academia de ginástica, ocorreu a democratização das cirurgias plásticas e popularização dos *piercings* e tatuagens, a preocupação de exibir uma silhueta livre de gorduras e sem nenhuma imperfeição foi a marca da década. A grande sensação da cirurgia cosmética dos anos 90 foi mesmo o silicone, os implantes turbinaram a sexualidade dos 90, não apenas resolvendo o problema de quem tinha seios pequenos ou murchos – eles criaram uma poderosa raça de mulheres para quem nunca é muito. (ESSINGER, 2008, p.220 *apud* ROCHA, 2011, p.52).

Nesse sentido, conforme defende Lopes (2018), diante desse universo de dietas, procedimentos estéticos e valorização do corpo feminino magro, livre de gorduras,

[...] podemos considerar que, a partir das décadas de 1990, o corpo da mulher obesa estava fortemente objetivado pelos valores insalubres da obesidade que o tornaram o signo da falta de controle sobre si e, mais ainda, do desmazelo social. O olhar para a mulher obesa [...] ganhou tons condenatórios, respondendo aos ditos de uma epidemia da obesidade a ser duramente combatida. [...] O corpo feminino obeso, sobre o qual se reproduziam os riscos e os poderes de toda uma estrutura social, tornou-se o *signo* da culpa e da recriminação da sociedade. (LOPES, 2028, p.139, grifo da autora).

A Figura 15 mostra a supermodelo britânica Kate Moss, que possuía atributos físicos que se “encaixavam” nas medidas consideradas perfeitas para a época.

FIGURA 15 - Supermodelo Kate Moss, anos 1990



Fonte: *Denimology*, 2007.¹⁹

Diante do exposto, é perceptível que

¹⁹ Disponível em: https://denimology.com/2007/06/more_of_kate_moss_her_topshop. Acesso em: 15 mar. 2020.

a aparência tornou-se mais do que nunca um mercado a explorar, seja pela indústria de cosméticos, pela Medicina com as intervenções cirúrgicas, ou mesmo pela moda, que no Brasil, na década de 90, consolidou-se como uma grande indústria. (HEINZELMANN, 2011, p.11).

O intuito de discorrermos acerca desse percurso histórico, é tentar compreender de que maneira os padrões estéticos – que transformaram (e ainda transformam) os corpos –, vigentes em diferentes épocas, balizam a produção e regularização dos mais diversos efeitos de sentidos, nos acontecimentos enunciativos; posto que, para nós, é pela linguagem, pela significação, que os fatos cotidianos, nos quais o olhar sobre o corpo se inclui, ganham pertencimento social. Abordaremos, com mais detalhes, no próximo capítulo, a noção de *acontecimento enunciativo*, bem como outros conceitos filiados à Semântica da Enunciação.

No entanto, para encerrarmos esse percurso histórico, entendemos ser importante dizer que, pela perspectiva teórica a que nos filiamos, não há enunciação fora da história. Portanto, concordamos com Guimarães (2017, 2018) para quem o acontecimento de fala não pode ser visto como algo linear, datado rigidamente no tempo, mas sim como algo que se constitui sócio historicamente. Desse modo,

as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações. Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de seu passado. O que uma forma é, em certo momento, tem a marca de como ela funcionou nas enunciações em que a língua se pôs a funcionar. (GUIMARÃES, 1996, p.27).

Dessa maneira, a partir dessas reflexões, esperamos ter apontado aspectos pertinentes à história do corpo gordo feminino, no que concerne às perspectivas de valorização e de discriminação desse corpo até a década de 1990, uma vez que tais referenciais nos ajudarão a construir, em grande medida, as bases sobre as quais empreenderemos a análise dos dados desta pesquisa.

Entretanto, decidimos dar destaque, em uma seção específica, aos dizeres sobre o corpo feminino no tempo que chamamos de “hoje”. Gostaríamos de salientar que a marca dêitica “hoje” – assim como as demais marcas temporais usadas no percurso que acabamos de traçar – corresponde a uma tentativa de didatização da escrita, e, nem de longe, representa um aprisionamento da história em uma temporalidade específica, fato que contrariaria uma grande premissa que adotamos: o acontecimento enunciativo, para nós, apresenta sua própria temporalidade.

1.1.1.2 E hoje? Que corpo temos? Que corpo queremos?

Após um breve resgate histórico acerca do corpo feminino, chegamos ao século XXI, a fim de pontuarmos algumas questões sobre o corpo atual. Diante das características apresentadas na seção anterior, em diferentes épocas do passado, percebemos que

as descobertas do corpo possuem uma história secular e vasta, pontuada pelos avanços e limites do conhecimento humano. Pois se o corpo não cessa de ser descoberto, é preciso não perder de vista a provisoriedade de cada conhecimento produzido a seu respeito: constantemente redescoberto, nunca, porém, completamente revelado! Cada tentativa feita para conhecer o funcionamento do corpo, incluindo os seus significados biológicos e culturais, é desencadeadora de esclarecimentos e de dúvidas inusitadas a seu respeito. (SANT'ANNA, 2000, p.237).

Desse modo, no que diz respeito ao corpo atual, algumas influências do século passado ainda agiam na primeira década dos anos 2000. Dito isso, a busca pelo modelo corporal “perfeito” - ainda que intervenções cirúrgicas fossem necessárias para que isso fosse possível –, determinou a forma de se olhar o corpo feminino nessa época. Contudo, mesmo que o desejo de perfeição ainda fosse uma tendência, esse período também foi – e, na segunda década dos anos 2000, ainda é – marcado pelo cuidado e exibição de um corpo bonito e saudável.

O padrão estético, atual, considera o corpo magro, com curvas, “ideal”. Mas, há, também, o padrão de beleza *fitness*, em que seus adeptos seguem dietas balanceadas, consumindo o mínimo possível de açúcar e gordura. A proposta desse estilo de vida é que os indivíduos melhorem sua saúde e sua qualidade de vida, além de manter um visual impecável e desejável. Aliada a esse tipo de alimentação mais controlado, há a prática de exercícios físicos, uma vez que a prioridade é a eliminação de gordura corporal e, conseqüentemente, a valorização dos músculos.

Del Priore (2000) defende que

[...] as transformações do corpo da mulher brasileira foram brutais. Uma radicalização compulsiva e ansiosa [...] segue empurrando [as mulheres] para a tríade abençoada pela mídia: ser bela, ser jovem, ser saudável! Graças à supremacia das imagens, instaurou-se a tirania da perfeição física. (DEL PRIORE, 2000 p.79).

Desse modo, podemos perceber que o corpo magro ainda é tido como regra dentro de diversos setores da sociedade – especialmente nos âmbitos de maior circulação da mídia, sejam impressos ou digitais –, sendo, ainda, relacionado ao belo. Nas palavras de Marques (2017, p.16), “atualmente, o padrão magro continua prevalecendo, o que podemos observar ao analisar os meios de comunicação que alcançam a grande população.” Assim,

a respeito da exploração midiática do corpo ideal, um exemplo de propaganda de moda é especialmente importante, uma vez que é a matriz para as futuras reproduções do ideal estético atual. Visto que a percepção do corpo depende da representação

visual do físico nas imagens nos cercando, é de extrema importância aumentar a conscientização (sic) que a influência das apresentações visuais têm (sic) na internalização da autodisciplina na vida cotidiana. (MILIVOJEVIC-JESTRATIJEVIC, 2002, p.9 *apud* MARQUES, 2017, p.16, tradução livre da autora).

Na sociedade contemporânea, caracterizada pelo consumo, o corpo torna-se, também, alvo da publicidade, uma vez vinculado à imagem daquilo que se deseja. A falsa promessa midiática de que é possível controlar e moldar o corpo, provoca a sensação de bem-estar e prazer, o que, no século XXI, é sinônimo de sucesso e satisfação. Porém, aquelas que não se encaixam nesse molde, passam a ter uma visão distorcida de seus corpos. Identifica-se, aqui, um processo de controle-estimulação (FOUCAULT, 2000 *apud* ALBINO, VAZ, 2008). Esse processo, por sua vez, “[...] se transfigura em uma dominação por meio do estímulo de mostrar e fazer-se desejar, o que incita a tornar possível, ao menos ilusoriamente, qualquer que seja a configuração corporal desejada, exigida pelas demandas de consumo” (ALBINO, VAZ, 2008, p.205).

No que tange à intensa influência da mídia sobre os indivíduos e a relação com seus corpos, Del Priore (2000) afirma que

a beleza instituiu-se como prática corrente, pior, ela consagrou-se como condição fundamental para as relações sociais. Banalizada, estereotipada, ela invade o cotidiano através da televisão, do cinema, da mídia [...]. Nas praias, nas ruas, nos estádios ou nas salas de ginástica, a beleza exerce uma ditadura permanente, humilhando e afetando os que não se dobram ao seu império. (DEL PRIORE, 2000 p.94).

E ainda:

Há um fato novo e quase imperceptível para a maioria de nós. *Trocamos a dominação de pais, maridos e patrões por outra, invisível, e, por isso mesmo, mais perigosa. A dominação da mídia e da publicidade.* É ruim, e até pior, pois diariamente enfrentamos a tarefa de ter que ser eternamente jovens, belas e sadias. (DEL PRIORE, 2000, p.99, grifo nosso).

No entanto, ainda que o corpo magro esteja em voga, mulheres de diferentes faixas etárias, com os mais diversos tipos de corpos vêm, se unindo num processo de aceitação de seus corpos, independentemente da métrica estabelecida pelo universo das passarelas. Nesse cenário, Castro (2010, p.103) afirma que as mulheres precisam explorar seus atributos, para que possam tornar seu corpo mais autêntico e natural.

Assim,

embelezar-se passa a significar também um momento de contato mais íntimo com o próprio corpo, pois é preciso saber escutá-lo, ouvir o que ele tem a dizer. [...] Nos dias de hoje, pois, ser bonita significa estar bem consigo mesma. E todos os métodos de embelezamento vão ressaltar essa característica. (CASTRO, 2010, p.103).

Contudo, esse processo de aceitação depende da reflexão acerca do fato de que

a valorização da magreza não seria possível sem a desvalorização do corpo obeso e talvez o aumento gradual de casos de obesidade acabe por incentivar o desejo de uma magreza ainda mais extremada. Mesmo que as mulheres optem por diminuir suas formas, no imaginário nacional e estrangeiro do corpo da brasileira, estão as formas curvas, com destaque para nádegas e quadris. (HEINZELMANN, 2011, p.17).

Essa possibilidade de reconhecer fatores biológicos, por exemplo, como determinantes para a existência de diferentes tipos corporais, permite que alguns grupos considerados “desviantes”, busquem enfrentar as imposições dos padrões estéticos de beleza.

Dito isso, Del Priore justifica:

Ora, o Brasil é um país mestiço. Nossos corpos [...] são resultados de uma longa história biológica na qual se misturam índios, negros, brancos de várias procedências e amarelos. O resultado foram ancas, cabelos crespos, a maneira ondulante de andar [...]. É preciso proteger e libertar nossa sociedade do que ela pode fazer com ela mesma. É preciso proteger nela a sua integridade, a sua identidade subjetiva e genealógica, a dignidade de suas formas e das suas cores originais contra o materialismo e o desmantelamento do corpo. (DEL PRIORE, 2000, p.81).

Além disso, existem esforços coletivos que clamam pelo aumento da diversidade dos corpos nas passarelas brasileiras. As modelos gordas ganharam as passarelas em 2009, quando aconteceu o primeiro “Desfile *Plus Size*” do país²⁰. Esse novo mercado defende um corpo feminino “real”, que é constituído por imperfeições e curvas que ultrapassam medidas padronizadas.

No entanto, ainda que se pregue a autoaceitação e o amor próprio, e, até mesmo, a ausência de um padrão estético “marcante”, como nas décadas passadas; a silhueta, cuja barriga deve ser “tanquinho”, braços e coxas bem torneados – resultado de treinos pesados em academias –, os seios volumosos e as nádegas avantajadas, são atributos valorizados no corpo feminino da segunda década do século XXI.

Desse modo, a empresária e socialite, Kim Kardashian (Figura 16) e a atriz e modelo brasileira, Viviane Araújo (Figura 17) possuem corpos desejados por uma parte das brasileiras atualmente.

²⁰ Informação retirada do site “Últimas Notícias”. Disponível em: <https://www.ultimasnoticias.inf.br/noticia/formiga-recebe-primeiro-desfile-plus-size-na-sexta-feira/>

FIGURA 16 - Kim Kardashian exibindo suas curvas (2020)



Fonte: *E!News*, 2020.²¹

FIGURA 17 - Viviane Araújo em praia brasileira, exibindo seu corpo malhado (2018)



Fonte: *Bol*, 2018.²²

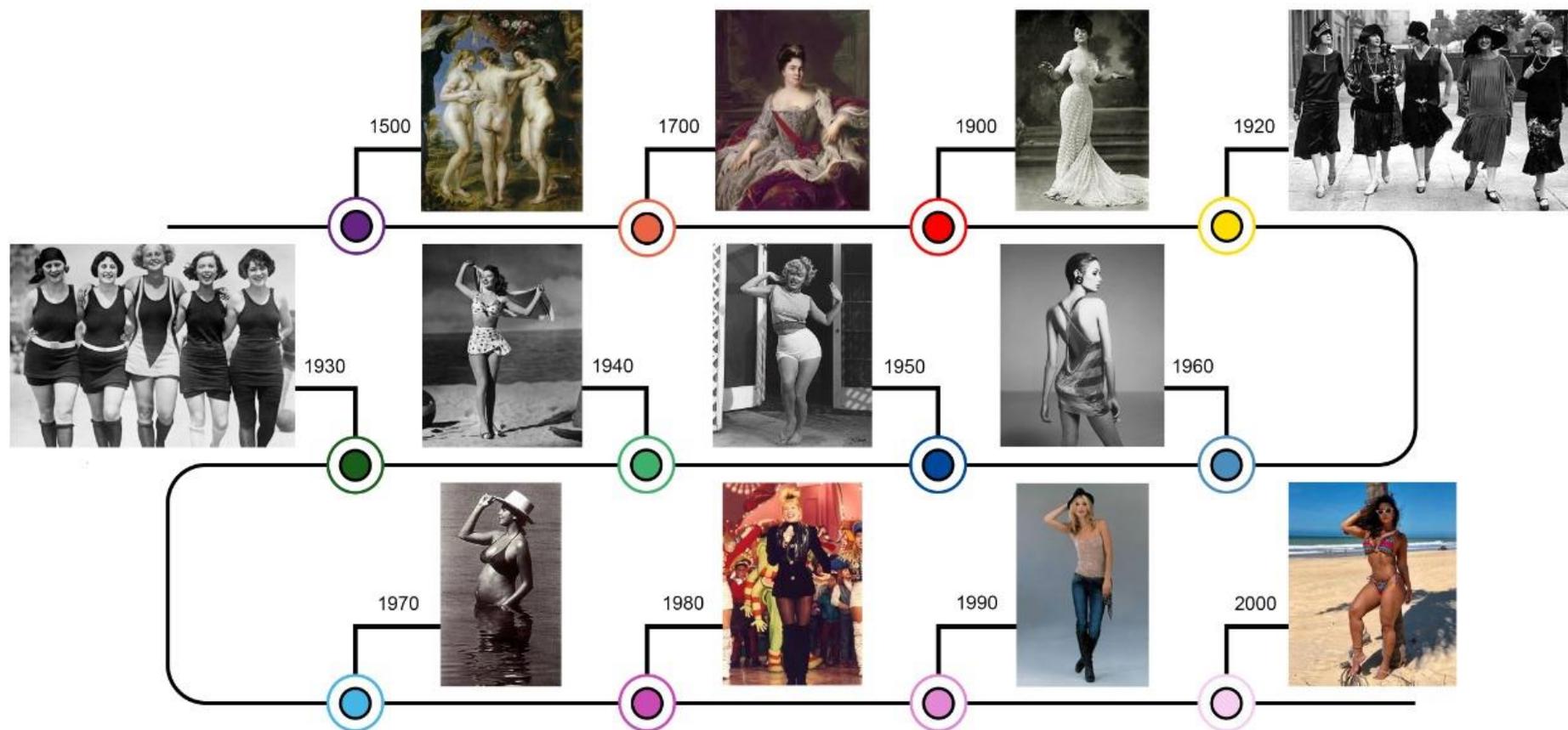
Com efeito, parece vivermos um momento em que enquanto mulheres lutam pelo corpo magro, outras se propõem saudáveis e definidas e outras, ainda, tentam se mostrar satisfeitas com o padrão que, geneticamente, lhes pertence. Ou seja, historicamente, como ocorre também em outros campos sociais, os anos 2000 têm apresentado uma disputa pelo direito de ser.

A fim de ilustrarmos o percurso histórico que delineou, e vem delineando, o corpo feminino ao longo dos anos, elaboramos o *continuum* que se segue:

²¹ Disponível em: <https://www.eonline.com/news/1131999/work-out-from-home-kim-kardashian-s-trainer-reveals-her-go-to-booty-and-ab-exercises>. Acesso em: 18 mar. 2020.

²² Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2018/04/20/viviane-araujo-sensualiza-com-biquini-minusculo-em-ensaio-fotografico.htm>. Acesso em: 18 mar. 2020.

FIGURA 18 - *Continuum* – O corpo feminino ao longo da história



Fonte: Elaborado pela autora.

2 PRESSUPOSTOS DA SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos, relacionados à Semântica da Enunciação, que serão fundamentais à nossa pesquisa. Tal aprofundamento teórico visa levantar reflexões acerca das postulações relativas à teoria, com o intuito de estabelecer aproximações com o primeiro capítulo, destinado ao estudo do corpo feminino.

Para isso, o capítulo foi dividido conforme descrito, a seguir. Em uma seção mais ampla, apresentamos alguns conceitos básicos, pertinentes à **Semântica da Enunciação**, evidenciando o seu objeto de estudo, a significação da linguagem, e a sua unidade de análise, o enunciado; com base nos pressupostos teóricos postulados por Eduardo Guimarães (1989, 2002/2017, 2018) e por Luiz Francisco Dias (2013a, 2013b, 2013c, 2018). Na tentativa de ampliar as discussões sobre uma semântica de bases enunciativas, dedicamo-nos ao estudo do conceito de **Enunciação como Acontecimento** (2.1) e, em seguida, dedicamo-nos ao estudo dos **Aspectos simbólicos do dizer** (2.1.1), que, por sua vez, demandam de dois princípios essenciais: **Referencial histórico, referencial temático e perspectiva referencial** (2.1.1.1) e **Pertinência enunciativa** (2.1.1.2). No tópico que discorreremos sobre a **Semântica da Enunciação – A Enunciação como Acontecimento** (2.1), apresentamos, também, os **Aspectos formais – a materialidade da língua** (2.1.2), discutindo as **Formas Linguísticas: as formações nominais e a constituição dos enunciados** (2.1.2.1) e, por fim, de maneira mais específica, propusemos uma seção para discutirmos a **Formação Nominal x Sintagma Nominal** (2.1.2.1.2). Ademais, neste capítulo, trazemos o procedimento de determinação de efeitos de sentido, com o qual trabalharemos: a **Reescrituração** (2.1.2.2). Por fim, desenvolvemos a noção de **Argumentação e argumentatividade: orientações enunciativas do dizer** (2.1.2.3) e de **Negação** (2.1.2.4).

2.1 Semântica da Enunciação – A Enunciação como Acontecimento

A Semântica da Enunciação, segundo Guimarães (2018), é a disciplina científica que se ocupa em estudar o funcionamento da língua e da linguagem, e não pode ser tratada como componente gramatical, nem como domínio da exterioridade linguística. Isso se dá pelo fato de que a Semântica da Enunciação não pensa as palavras de forma isolada, em si mesmas, no

estado de dicionário, de maneira fixa; mas as coloca em funcionamento nos acontecimentos enunciativos, incluindo a historicidade em seu campo de estudo.

Além disso, essa vertente teórica tem o enunciado como unidade de análise e, também, tem a significação como centro de interesse, no âmbito da linguagem. Por *significação*, entendemos que se trata de algo processual, “é o que se apresenta pelo que se diz [...], a significação é produzida pela *enunciação*, por alguém, de algum material de linguagem específico” (GUIMARÃES, 2018, p.14, grifos do autor).

Do ponto de vista da enunciação, o enunciado, enquanto elemento de análise, “é a unidade de linguagem que apresenta, em seu funcionamento, uma consistência interna, aliada a uma independência relativa” (GUIMARÃES, 2018, p.15), e deve ser investigado no acontecimento enunciativo do qual faz parte.

A consistência interna faz com que os enunciados, de certa forma, se bastem (GUIMARÃES, 2018). Dito de outra maneira, sob esse viés, é possível concluir que o enunciado não é dependente de outras articulações linguísticas para significar; pelo contrário, é por ter tal consistência, que ele significa. Além disso, essa unidade, independente enquanto forma, deve ser integrada a um texto, isto é, deve ser considerada “em relação ao todo de que [...] faz parte num acontecimento de enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p.129); e, por isso mesmo, sua independência é relativa.

A independência relativa, por seu turno, nos dizeres de Guimarães (2018, p.16), “aliada à consistência interna, [é] o que faz o enunciado significar e assim ser enunciado, e não se reduzir a uma sequência de sons, ou de palavras, ou de formas, simplesmente.” Ou seja, a independência de um enunciado está atrelada à inter-relação deste com outros enunciados de um texto em que está integrado.

Em consonância com Guimarães (2007, p.82), comungamos com o conceito de *texto* postulado pelo autor, que o define como “uma unidade de significação integrada por enunciados.” Assim, segundo Guimarães,

não pensamos a existência de enunciados senão na medida em que um (sic) certa sequência, com características específicas, que faz dela um enunciado, integra um texto. Não são os aspectos formais que fazem de uma sequência um enunciado, mas o fato de que esta sequência integra um texto. E na mesma medida não há texto sem enunciado. (GUIMARÃES, 2007, p.82-83).

Em suma, ao enunciar uma forma consistente, que se dilata em sentido ao integrar-se, como unidade, a um texto (em um acontecimento enunciativo), o processo de independência relativa dessa forma é constituído, tendo em vista uma materialidade linguística de caráter mais global que a abriga.

Diante das reflexões apresentadas acerca do estudo da unidade de análise da Semântica da Enunciação, concordamos com Guimarães (2018) que essa linha teórica se dedica a estudar os sentidos dos enunciados e “a sua relação de integração ao texto em que está” (GUIMARÃES, 2018, p.42).

Dito isso, filiados a essa perspectiva teórica, concebemos que a linguagem significa o mundo e tudo o que se diz é construído na/pela linguagem. Assim, para nós, a semântica é a ciência da linguagem que lida com a constituição dos sentidos por meio da relação entre o linguístico e os aspectos históricos da linguagem. E, acrescido a isso, entendemos que a Semântica da Enunciação, cujo objeto de estudo é o enunciado, é "uma semântica que considera que a análise do sentido da linguagem deve localizar-se no estudo da enunciação, do acontecimento do dizer" (GUIMARÃES, 2017, p.9). Decorre desse fato entendermos enunciação como acontecimento.

Traremos, aqui, a noção de enunciação, pautados no modo como esse conceito foi desenvolvido por Benveniste (1989), Ducrot (1987), Guimarães (1989, 2017, 2018) e Dias (2013).

Benveniste, em seu texto *O aparelho formal da enunciação* (1989), postula que a enunciação é a relação entre o sujeito e a língua, posto que, para ele, o sujeito se apropria da língua, colocando-a em funcionamento, a fim de produzir sentido. Sendo assim, Benveniste (1989, p.82), sustenta que "a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização".

E ainda, nas palavras do autor,

o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno. Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor [...]. (BENVENISTE, 1989, p.82-83).

A relação estabelecida entre os parceiros do discurso, mostra que a enunciação, para Benveniste, acontece em forma intercambiada. Ou seja, ao enunciar, o “eu” instaura o outro, o “tu”, que alternam as suas funções no processo enunciativo gerando, assim, a relação de intersubjetividade entre esses sujeitos.

Ducrot, por sua vez, em seu texto intitulado *Esboço de uma teoria polifônica da enunciação* (1987), aborda o estudo da polifonia no enunciado, através da materialidade linguística. O intuito desse estudo é identificar as diferentes vozes que se manifestam, simultaneamente, nos dizeres. A partir dessas reflexões, o autor estabelece sua perspectiva de

enunciação enquanto um acontecimento efêmero e irrepitível. Isto é, a enunciação ocorre no momento em que alguém produz um enunciado em um determinado acontecimento histórico.

Nas palavras de Ducrot (1987), a enunciação

é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dada existência a alguma coisa que não existia antes de se falar e que não existirá mais depois. É esta aparição momentânea que eu chamo “enunciação”. (DUCROT, 1987, p.168).

O conceito de enunciação como acontecimento histórico relativo à produção do enunciado, adotado por Guimarães (2017), guarda relações com a formulação proposta por Ducrot (1987), visto que, para Guimarães (2017, p. 15), "a enunciação, enquanto acontecimento de linguagem, se faz pelo funcionamento da língua." Dito isso, “para esses autores, a enunciação se constitui de um acontecimento enunciativo de natureza histórico-social; tendo em vista as particularidades dos estudos de cada um deles.” (DALMASCHIO, MARTINS, 2019, p.2).

Desse modo, procuraremos traçar, agora, um caminho que nos leve a entender como o conceito de enunciação foi articulado nos estudos de Guimarães.

Como já mencionamos na seção anterior, Guimarães (2017), autor que tomamos agora como um dos balizadores de nossa pesquisa, postula que

o tratamento da enunciação deve se dar num espaço em que seja possível considerar a constituição histórica do sentido, de modo a que a semântica se formule, claramente, como uma disciplina do campo das ciências humanas, fora de suas relações com a lógica ou a gramática pensadas ou como o matematizável ou como uma estrutura biologicamente determinada. (GUIMARÃES, 2017, p.10).

Nessa direção, para o autor, a noção de acontecimento, sob a perspectiva histórico-social, não se caracteriza pela repetibilidade, muito menos pela irrepitibilidade dos enunciados, como propõe Ducrot (1987). Dito de outra maneira, Guimarães considera que o acontecimento não se configura como algo linear, que se marca cronologicamente como sucessão temporal, mas é a partir do uso da linguagem, que os sentidos são produzidos e ressignificados.

Nas palavras do autor, a enunciação é, portanto, uma atividade social, situada no acontecimento. Da mesma forma,

[...] algo só é enunciado se relacionado a um conjunto de entidades de mesma natureza, outros enunciados. Ou seja, não seria possível imaginar a existência de um enunciado único. Faz parte das condições de existência de um enunciado que existam outros. Assim seu caráter é necessariamente relacional. Só há um enunciado se houver mais de um. Ou seja, é impossível pensar a linguagem, o sentido, fora de uma relação. Nada se mostra a si mesmo na linguagem. Algo sozinho nunca é linguagem. Algo só é linguagem com outros elementos e nas suas relações com o sujeito. Isto dá o caráter inescapavelmente histórico da linguagem. (GUIMARÃES, 1989, p.74).

Além disso, Guimarães (2017) toma “a enunciação como um acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (2017, p.10). Tal formulação se aproxima dos postulados de Benveniste (1989), que, embora não apresente a noção de acontecimento em sua teoria (DALMASCHIO, 2013), considera, em nossa leitura, que isso se daria “pela perspectiva da entrada do sujeito na língua e essa entrada constitui-se como condição inexorável para que o homem ganhe a dimensão de indivíduo e para que as formas linguísticas adquiram *status* de unidade” (DALMASCHIO, 2013, p. 55). Entretanto, sobre esse postulado, Guimarães assim se manifesta:

Diria que este aspecto faz parte dos problemas do tratamento enunciativo de Benveniste, ao qual se acresce para mim, como para outros linguistas e para a análise de discurso, a questão da centralidade deste sujeito da enunciação. Não se trata de um sujeito psicológico, não se trata de um sujeito pragmático, por exemplo, mas trata-se de um sujeito que tem a capacidade de apropriar-se da língua e semantizar, e fazer significar. (GUIMARÃES, 2005, p.47).

Em sua forma de compreender a relação do sujeito com a língua, o autor (2017) afirma que o acontecimento agencia o sujeito e instaura sua própria temporalidade. Assim,

a temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre lugar dos sentidos e um passado que não é lembrança ou recordação pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como latência de futuro. É nesta medida que o acontecimento é diferença na sua própria ordem: o acontecimento é sempre uma nova temporalização, um novo espaço de conviviabilidade de tempos, sem a qual não há sentido, não há acontecimento de linguagem, não há enunciação. (GUIMARÃES, 2017, p.17).

Ou seja, há a instalação do novo, ancorado em uma memória, que, por sua vez, é evocada por marcas linguísticas histórico-sociais. Nas palavras de Guimarães (2017), a noção de

presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um passado que os faz significar. Isto é, esta latência de futuro, que, no acontecimento, projeta sentido, significa porque o acontecimento recorta um passado como memorável. (GUIMARÃES, 2017, p.16).

Com efeito, podemos entender o acontecimento como algo fluido, sem marcações delimitadas, e que não segue uma linha contínua entre passado, presente e futuro. A significação se dá, portanto, através do entrecruzamento de enunciações, efetivadas no acontecimento.

Nesse âmbito, para Guimarães (2017), presente, passado e futuro existem em concomitância, não havendo, portanto, uma linearidade no discurso já que o enunciado está articulado em redes, e não sequencialmente. Desse modo, “[...] não é o sujeito que temporaliza, é o acontecimento. O sujeito não é assim a origem do tempo da linguagem. O sujeito é tomado na temporalidade do acontecimento” (GUIMARÃES, 2017, p.16).

Além disso, como já mencionado na seção anterior, assim como Ducrot (1987), Guimarães (2017) concebe a enunciação como um acontecimento que se dá, portanto, a partir

da inclusão de um enunciado em um texto. Ou seja, o sentido produzido durante o processo de enunciação advém da inserção do enunciado em um texto.

Por fim, no intuito de reafirmar o que vimos apresentando até aqui, em seu livro *Semântica Enunciação e Sentido* (2018), o autor enfatiza que “a enunciação diz respeito a algo que ocorre quando se diz algo. Trata-se, para nós, de um acontecimento, o acontecimento do dizer” (GUIMARÃES, 2018, p.18-19).

A fim de darmos continuidade à noção de enunciação, para os estudos semânticos de base enunciativa, trazemos, ainda, o conceito proposto por Dias (2013a), que, ancorado nos estudos de Guimarães, e, conseqüentemente, nos estudos de Benveniste e Ducrot, evidencia que a “enunciação é o acontecimento de produção do enunciado, o qual adquire sentido na medida em que uma atualidade motivadora da formulação adquire pertinência na relação com outras enunciações, concebidas como traços da memória discursiva” (DIAS, 2013a, p.15). Em outros termos, os enunciados produzidos pelo funcionamento da língua, são significados em uma atualidade enunciativa, presentificada pela enunciação; tal processo se ancora em um referencial histórico posto em cena pelo memorável, pela memória discursiva.

Pautados nessas reflexões, tomamos a memória como um elemento do discurso fundamental para a produção dos efeitos de sentido, uma vez que é por meio dela que o passado é resgatado e atualizado no acontecimento enunciativo. Nessa direção, para a Semântica da Enunciação, a língua carrega, em sua estrutura, marcas de seu passado. Contudo, memória não significa reservatório de lembranças, tampouco "sede" de conhecimentos psicológicos (DALMASCHIO, 2016). Dessa forma, "todo acontecimento é captado por uma memória de dizer e esse dizer, que já vinha passado por um processo de discursivização, produz efeitos de sentido e também provoca outras discursividades" (DALMASCHIO, 2016, p.2826).

Vale ressaltar, contudo, que Guimarães (2018) produz uma diferença entre o conceito de memória e memorável. Em uma leitura feita por Silva (2019),

podemos entender a memória como uma dimensão discursiva, a partir de uma noção mais abrangente caracterizada pela atividade dinâmica de ressignificação e conflito. Enquanto o memorável pode ser compreendido a partir da dimensão da temporalidade do acontecimento representado pelo passado que é resgatado/recortado pela enunciação. Ou seja, o presente produz relação com o memorável de outros dizeres, visto que a rememoração de enunciações anteriores se presentifica, a fim de projetar enunciações futuras, futuridade. (GUIMARÃES, 2018 *apud* SILVA, 2019, p.72).

Em outros termos, o presente estabelece relações com o passado de outros dizeres (memória), recortados pela enunciação (memorável).

Diante das reflexões apresentadas nesta seção, em suma, para Guimarães (2017),

algo é acontecimento enquanto diferença na sua própria ordem. E o que caracteriza a diferença é que o acontecimento não é um fato *no* tempo. Ou seja, não é um fato novo

enquanto distinto de qualquer outro ocorrido antes no tempo. O que o caracteriza como diferença é que o acontecimento temporaliza. Ou seja, ele não está num presente de um antes e de um depois no tempo. Ele instala uma temporalidade: essa a sua diferença. De um lado o acontecimento constitui um presente e abre uma latência de futuro, sem a qual ele não é um acontecimento de linguagem, sem a qual ele não significa, pois sem ela nada há aí de projeção de sentido. O acontecimento tem como seu um depois incontornável e próprio do dizer. Por outro lado, este presente e futuro próprios do acontecimento funcionam por um memorável que os faz significar. (GUIMARÃES, 2017, p.78, grifo do autor).

Alicerçados nas contribuições teóricas dos autores aqui abordados, podemos dizer que a enunciação é um acontecimento histórico-social, que, através do funcionamento da língua, produz enunciados que são significados por meio de uma temporalidade própria desse acontecimento.

Passaremos, agora, a discorrer sobre os aspectos simbólicos e formais, que, em interface, constituem o linguístico no movimento enunciativo do dizer. Enfatizamos que a separação de tais aspectos em diferentes seções, apresenta um caráter estritamente epistemológico, uma vez que, para nós, “o funcionamento linguístico não se estabelece, unicamente, na materialidade linguística, que por sua vez constitui-se organicamente, isto é, na dimensão das formas; mas também na dimensão simbólica, decorrente do funcionamento da língua” (Dias 2007 *apud* DALMASCHIO, MARTINS, 2019, p.6). Nas palavras de Dias (2007), “temos, de um lado, formações simbólicas não projetadas nas unidades e nas formas articuladas; de outro, formas articuladas que projetam formações simbólicas dispersas” (DIAS, 2007, p.193).

Sob essa concepção, para que as formas linguísticas adquiram significação e, também, pertinência, elas estão sujeitas às relações internas e externas de articulação linguística nos acontecimentos enunciativos em que são inseridas. Dessa maneira, “a forma linguística é afetada por uma relação tensa entre o plano da organicidade e o plano do enunciável” (DIAS, 2018, p.38).

Isto posto, o plano da forma, em sua dimensão orgânica/material, e o plano do enunciável, em sua dimensão simbólica, atuam em concomitância no acontecimento enunciativo.

2.1.1 Aspectos simbólicos do dizer

Nesta seção trataremos os aspectos simbólicos que constituem os dizeres, pertinentes a este trabalho, que, por sua vez, demandam de dois princípios essenciais: o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

Antes de tratarmos dessas duas vertentes de maneira mais detalhada, é preciso salientar que compreendemos que, em seu processo de constituição, o linguístico lança mão de um aspecto simbólico e de um aspecto material que **convivem em interface**, sem que um desconsidere o outro. Nas palavras de Dias (2007, p.192, grifo nosso) “As línguas se constituem numa **relação necessária** entre a dimensão material e a dimensão simbólica.”

Por essa razão, não temos a pretensão de analisar essas duas faces linguísticas separadamente, tampouco de aprofundar nosso olhar para a conceituação de “simbólico” e de “material”. O intuito de desenvolvermos seções separadas acerca desses dois aspectos é tentar demonstrar que o linguístico se desdobra em dois vieses, que, por sua vez, são, ambos, constituintes de língua.

Posto desse modo, ao lidarmos com a face simbólica da língua, tratamos de elementos da ordem do enunciativo. Segundo Dias (2007, p.193-194),

o plano do enunciável é [...] regulado pelo discurso, que arregimenta as forças de representação simbólica (de natureza histórica). O sentido do termo "enunciável" no nosso estudo está agregado à concepção de enunciação que adotamos.

Para a Semântica da Enunciação, o aspecto simbólico está diretamente ligado à noção de “exterioridade constitutiva”. Tal conceito considera que não existe uma separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva. Desse modo, os dizeres se constituem pela palavra posta em movimento, pela relação entre forma e conteúdo, ou seja, pela historicidade enquanto componente linguístico (ORLANDI²³, 2012). A partir dessa relação, a língua se inscreve na história, a fim de significar e produzir efeitos de sentidos. Esses múltiplos efeitos estabelecem o sentido não como algo estático e previamente estabelecido, mas como tensões, retomadas e deriva (ORLANDI, 2012). Desse modo, para Orlandi (2012, p.13)

isso é historicidade, a maneira como se constituem os efeitos de sentido, no caso, pela deriva, pelo efeito metafórico, uma mexida na rede de sentidos, na filiação à memória. É, pois, com a historicidade que estaremos lidando, entre outros, que não é, entretanto, deriva mas sentidos em fuga: repetição, imitação e polissemia. Algo é apresentado sob várias formas, ou inscrito em várias formações (discursivas). Re-formulações.

Precisamos ressaltar que “a exterioridade constitutiva à qual nos referimos não é vista na teoria que adotamos como o contexto, como a situação, da maneira como é abordada na pragmática”. (DALMASCHIO, 2008, p.28). “Trata-se de uma materialidade histórica do real. Ou seja, não se enuncia enquanto ser físico, nem meramente no mundo físico. Enuncia-se enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico.”

²³ Embora os trabalhos de Eni Orlandi se fundamentem na Análise do Discurso, algumas questões teóricas, propostas pela autora, se aproximam dos caminhos percorridos pela Semântica da Enunciação, perspectiva à qual nos filiamos. Por esse motivo a autora é citada neste capítulo teórico.

(GUIMARÃES, 2002, p.11). Assim, “esse fato nos faz acreditar que o simbólico implica a constituição do sujeito e dos sentidos.” (DALMASCHIO, 2008, p.28).

Resta-nos, agora, recortar algumas nuances do que estamos considerando “aspectos simbólicos” do dizer. Para este trabalho, nos deteremos, com mais profundidade, em duas delas: o referencial histórico e a pertinência enunciativa.

2.1.1.1 Referencial histórico, referencial temático e perspectiva referencial

Partimos do princípio de que o referencial histórico e a pertinência enunciativa são elementos constitutivos do acontecimento enunciativo e, por esse motivo, ancoram a significação de um enunciado. Segundo Dias (2018, p.97), “[...] no acontecimento enunciativo, uma demanda de pertinência do presente do enunciar é afetada por referenciais históricos de significação”, e, como já indicamos na seção que abre este capítulo, a relação entre esses princípios faz da enunciação um acontecimento social.

O conceito de referencial histórico proposto por Dias (2013a; 2013b; 2018) é pautado na concepção de domínio referencial desenvolvida por Foucault (2008 [1969], p.104), que o compreende como

[...] um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades”, ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas.

Ou seja, o referencial ancora-se em nomeações, designações e descrições dos objetos para produzir os mais diversos sentidos. Logo, é o referencial do enunciado que

forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade. É esse conjunto que caracteriza o nível enunciativo da formulação, por oposição ao seu nível gramatical e seu nível lógico: através da relação com esses diversos domínios de possibilidade, o enunciado faz de um sintagma, ou de uma série de símbolos, uma frase a que se pode, ou não, atribuir um sentido, uma proposição que pode receber ou não um valor de verdade. Vê-se, de qualquer forma, que a descrição do nível enunciativo não pode ser feita nem por uma análise formal, nem por uma investigação semântica, nem por uma verificação, mas pela análise das relações entre o enunciado e os espaços de diferenciação, em que ele mesmo faz aparecer as diferenças. (FOUCAULT, 2008, p.104).

Sendo assim, é o próprio enunciado que instala o seu referencial, uma vez que Foucault (2008) propõe uma abordagem distinta da concepção convencional de referência. Dito de outra maneira, o autor francês oferece um viés enunciativo e social, no qual as entidades são recortadas da exterioridade (DIAS, 2018). Nas palavras de Dias (2018, p.100), a enunciação irá

tornar essas entidades “pertinentes aos acontecimentos em linguagem, tendo em vista as possibilidades históricas que as fazem emergir. As construções nominais abrigam a base desse referencial, isto é, desse campo de emergência das entidades extralinguísticas.”

A construção do referencial é essencial, portanto, para o estabelecimento de um conjunto de possibilidades de significação da realidade por meio do dizer, tendo em vista que o referencial não se define como algo fixo e estático. Desse modo, por remeter aos campos de significação que um enunciado pode abranger, o referencial histórico agrega condições de enunciabilidade a esse enunciado, ou seja, concede possibilidades de mobilização do sentido, que, por sua vez, se regularizam em diferentes polos de referencialidade (DIAS, 2013b).

Segundo a perspectiva teórica adotada por Dias (2018), a noção de memorável é parte constituinte do referencial histórico, posto que os domínios de ancoragem do enunciado são afetados pelo que já significou, pelo “já enunciado”, tendo em vista a temporalidade do acontecimento e seu funcionamento histórico-social. Logo,

no nosso entendimento, o dizer se faz pertinente nas práticas de linguagem cotidianas quando uma demanda do presente produz relação com memoráveis de outros dizeres (GUIMARÃES, 2017). Essa relação é responsável por imprimir sentido ao que enunciamos. Na nossa perspectiva, esse memorável de outros dizeres, constituídos na instância do ‘já enunciado’, são parte desse referencial histórico, isto é, desses domínios de ancoragem do enunciado, tendo em vista o funcionamento histórico-social. Afinal, faz parte do sentido não somente aquilo a que o enunciado remete, mas também aquilo que já se falou, e que o enunciado se filia, e aquilo de que fala o enunciado. (DIAS, 2018, p.101).

Em suma, podemos conceber que o referencial histórico abrange os domínios de ancoragem do enunciado que são estabelecidos a partir do memorável, ou seja, dos dizeres já enunciados, e é atualizado por meio da pertinência enunciativa. Em outros termos, por não haver significação antes de se enunciar, os efeitos de sentido se estabelecem somente a partir do instante em que há a presentificação da virtualidade recortada pelo memorável, em observação a uma demanda de pertinência.

Com base nos pressupostos teóricos acerca do referencial histórico, postulados por Dias (2013a, 2013b, 2018), ousamos propor, neste trabalho, dois olhares distintos para o referencial histórico²⁴. Isto é, elaboramos duas categorias de referencial: a primeira intitula-se *referencial temático*, que, por sua vez, desdobra-se no que nomeamos de *perspectivas referenciais*.

Entendemos o *referencial temático* como divisões histórico-sociais da significação em grandes domínios de sentido no âmbito dos estudos da linguagem. Em outros termos, o

²⁴ A síntese das duas novas categorizações que ousamos propor neste trabalho surgiu a partir de discussões informais com o professor Luiz Francisco Dias, da UFMG e com a professora Priscila Brasil Gonçalves Lacerda, do IF-Ouro Preto. Além disso, o amadurecimento dessa divisão do conceito de *referencial histórico* se deu por meio de reuniões com o grupo de estudos Enunciar da UFMG.

referencial temático investe-se de uma amplitude referencial ancorada em manifestações sociais do cotidiano que, ao se relacionar com expressões linguísticas regularizadas discursivamente e materializadas nos enunciados, apresenta-se em perspectivas. De forma ilustrada, tomamos neste trabalho a *beleza* como um referencial temático que circunda a significação social do corpo feminino, uma vez que se trata de um escopo que abriga e sustenta discursos diversos acerca desse corpo, oferecendo pertinência a esses discursos.

Já as *perspectivas referenciais* são acionadas pelos diferentes olhares e interpretações do referencial temático. Assim, para que esse movimento de perspectivação aconteça, é necessário um olhar para o referencial temático em enunciação, mobilizado em um enunciado, uma vez que as perspectivas referenciais são constituídas pelas diversas experiências de percepção. Trata-se, portanto, de pontos de vistas que se assentam e se articulam linguisticamente, como um gesto de construção social. Uma das questões para nós, como descrevemos em nosso primeiro objetivo específico, corresponde a entender, portanto, quais perspectivas referenciais, sustentadas pelo referencial temático da beleza significam o corpo feminino?

2.1.1.2 Pertinência enunciativa

A noção de pertinência enunciativa é concebida por Dias (2018) como pertencimento/adesão, sendo que essa relação de pertença se dá pela adesão dos enunciados à temporalidade do acontecimento enunciativo. Dito de outra forma, sustentados pelo passado (referencial histórico), os enunciados são presentificados (ganham pertinência) e projetam enunciações futuras, isto é, os sentidos dos enunciados estão em constante movimento e se entrelaçam em uma rede balizada pela dinâmica social.

Desse modo, nessa perspectiva teórica, *pertinência* não deve ser tomada em seu sentido dicionarizado, mas deve corresponder à ideia de aderência ao que está sendo dito, uma vez que o dizer possui um compromisso com outros dizeres em um campo de enunciação.

Nos termos de Dias (2018),

o conceito de pertinência enunciativa se fundamenta na ideia de adesão. Enquanto seres de linguagem, vale dizer, enquanto seres constitutivamente históricos, nós somos instalados a responder, a interpretar, a inferir enunciativamente nas situações que se nos apresentam. É a “demanda do presente” que estamos denominando pertinência enunciativa. As respostas, as interpretações, as interferências que se efetivam na enunciação, isto é, as respostas às demandas do presente são constitutivas do acontecimento enunciativo. (DIAS, 2018, p.103).

Assim, os enunciados adquirem pertencimento nas demandas do presente do acontecimento do qual fazem parte; isto é, nos ancoramos na ideia de que o acontecimento é balizado socio-historicamente por referenciais que, no processo de construção de efeitos de sentido, contraem relações de pertinência com outros enunciados em uma associação entre o linguístico e o social. Em vista disso, o enunciado ganha pertinência somente em função de uma instância de anterioridade da memória enunciativa (DIAS, 2009) que o sustenta.

De maneira singular, Dias (2009, p.10) afirma que

para que as formas linguísticas possam dar suporte à significação, elas devem confrontar-se com a memória discursiva e o presente do acontecimento. Nessa direção, a memória da língua comporta uma latência, uma condição para o confronto entre a instância do dizível histórico e a instância de um presente. Nos termos de Guimarães (1996, p.32), por ser latente, a memória da língua “pode ser sempre outra coisa, para isso bastando que outras enunciações a façam derivar, mesmo que imperceptivelmente. Desse modo, uma forma na língua não é nem soma de seus diversos passados, nem deriva de um étimo, nem algo em si: senão uma latência à espera do acontecimento enunciativo, onde o presente e o interdiscurso a fazem significar”.

Nessa direção, os dizeres são produzidos em função das necessidades demandadas pela enunciação, ou seja, pela língua em funcionamento. Os acontecimentos, ancorados em referenciais históricos, produzem uma atualização, tendo em vista a pertinência enunciativa desses dizeres. Assim, “um acontecimento adquire pertinência social, tornando-se um fato de linguagem, na medida em que a dimensão da memória entra em relação com a atualidade do dizer, isto é, com o ato de enunciar” (DIAS, 2018, p.83). E os enunciados já significados são reorganizados no presente da enunciação adquirindo, assim, pertinência.

Para ilustrar com um fato linguístico as ideias de referencial e de pertinência, nos propomos a analisar o enunciado a seguir:

(1)

FIGURA 19 - Post retirado do perfil de @livialamblet



Fonte: *Instagram*, 2020.²⁵

O enunciado anterior pertence a uma postagem da rede social *Instagram*, em um perfil cuja organizadora se dedica a produzir conteúdos diversos, relacionados ao seu cotidiano.

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9cz1MlpXJr/>. Acesso em: 12 mai. 2020.

O acontecimento enunciativo²⁶ (1) abrange questões relacionadas ao corpo da mulher, que, ao ser enunciado, ganha pertinência por estar ancorado em referenciais históricos. A fim de explicarmos melhor, ao lançarmos um olhar para a formação nominal²⁷ *mulher gorda*, é possível notar que a sustentação do sentido de *gordura* para o corpo feminino ancora-se no referencial temático da beleza, que baliza dizeres historicamente constituídos sobre o corpo; isto é, no campo do memorável, a concepção que o adjetivo *gorda* traz, ancora uma perspectiva referencial negativa. Assim, se sentir uma *princesa* em um *vestido* é “muito difícil para uma mulher gorda.”

Contudo, no texto em questão, o sentido de *gorda* é reconfigurado, tendo em vista a demanda de atualização do acontecimento enunciativo presente. Isso pode ser percebido no enunciado

(1a) “comprei um vestido hoje que me fez me sentir uma princesa.”

Desse modo, ao reescrever²⁸ *mulher gorda* por *princesa*, a autora do *post* atualiza o sentido dessa formação nominal, que, ao ser presentificada, continua a se manifestar no referencial temático da beleza, contudo aciona uma nova perspectiva referencial, da aceitação, assumindo um efeito positivo no enunciado em análise. Em outros termos, esse movimento de atualização da perspectiva sobre o corpo gordo feminino, uma vez discursivizado, passa a ser algo passível de regularização, em função da pertinência social que lhe permite acontecer. Afinal, em nosso entendimento, defendemos a tese de que não se trata de dizer que “as coisas existem” e são captadas pelo linguístico e, sim, que as “coisas acontecem” pelo dizer. (GUIMARÃES, 2007, p.95).

Assim, a mobilização da perspectiva *gorda* para o nome núcleo *mulher* só ganha pertinência enunciativa em função de fazer parte de uma rede de dizeres anteriores (referencial histórico) que autorizam a entrada dessa perspectivação, levando em conta que o acontecimento carrega em si lembranças enunciativas que se atualizam, a fim de estabelecer uma futuridade para outras enunciações.

Posto dessa maneira, o referencial histórico se configura como um leque que abrange o referencial temático e as perspectivas referenciais, levando em consideração aspectos sociais e

²⁶ Concebemos que o acontecimento enunciativo se dá em um espaço de enunciação, no qual também é desenvolvida uma cena enunciativa. Desse modo, neste trabalho, tomamos a noção de “acontecimento” e de “cena enunciativa” como sinônimos, no que tange o funcionamento da língua nas ocorrências analisadas.

²⁷ O conceito de formação nominal será explorado na seção 2.1.2.1.2 desta pesquisa.

²⁸ O conceito de reescritura será explorado mais profundamente na seção 2.1.2.2 deste trabalho.

materiais da linguagem, que traz ao enunciado em análise a possibilidade de produzir diferentes efeitos de sentido, por meio de um espaço de correlações fundamentais ao processo de pertinência, ou de aderência, ao que está sendo dito.

Após termos apresentado os conceitos de referencial histórico e de pertinência enunciativa, recortes constitutivos do que nomeamos como aspectos simbólicos do dizer; e por considerarmos que é necessário lançar mão de uma abordagem que seja “capaz de explicar o funcionamento da língua, trabalhando a relação entre a configuração orgânica e suas projeções de acionamento enunciativo” (DIAS, 2005, p.121), passaremos a abordar a concepção de forma linguística, explorando a noção de formação nominal em comparação à de sintagma nominal, tendo em vista os mecanismos de constituição dessas formações.

2.1.2 Aspectos formais – a materialidade da língua

Nesta seção passaremos a discutir os aspectos linguísticos formais, também pertinentes a este trabalho, discorrendo sobre a noção de forma linguística (DIAS, 2018), a fim de nos aprofundarmos no conceito de formação nominal (a partir de agora FN), que será utilizado em nossas análises.

Segundo Dias (2007),

o plano da organicidade não é autônomo, porque a materialidade linguística não tem uma base primária de identidade física. Um objeto como um lápis tem uma base de identidade na sua própria dimensão. Isso não significa que essa dimensão é independente da dimensão simbólica. Mas a dimensão simbólica, neste caso, é projetada da dimensão material. Os “objetos linguísticos”, ao contrário, não ganham identidade a partir de uma projeção da sua dimensão material. Palavras, sintagmas, sentenças não são entidades distinguíveis a partir da sua dimensão material. É na relação com o plano do enunciável que esses “objetos” ganham identidade. (DIAS, 2007, p.193).

Essa relação necessária entre o plano da forma e o plano simbólico se dá pelo fato de que “nessa relação, o simbólico se ‘historiciza’ e o material se faz articulável. A articulação é uma relação na qual unidades de um extrato de materialidade linguística formam sequência linear com unidades de outros extratos” (DIAS, 2007, p.192-193).

Dias desenvolve seus estudos acerca das duas faces linguísticas (material e simbólica), com base nos postulados de Foucault (2008). Essa articulação entre essas dimensões pode ser associada à noção de enunciado adotada por Foucault (2008, p.124), uma vez que para ele, “o enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto.” Coexistindo, assim, duas vertentes na sua constituição. Desse modo,

sobre esse cenário da coexistência enunciativa se destacam...as relações gramaticais entre as frases, as relações lógicas entre as proposições, as relações metalinguísticas

entre uma linguagem objeto e aquela que lhe define as regras, as relações retóricas entre grupos (ou elementos) de frases. (FOUCAULT, 2008, p.112 *apud* DALMASCHIO, 2015, p.176).

Dalmaschio (2015, p.176) em leitura a Foucault (2008) afirma, portanto, que “esse nível seria o que Dias estabelece como dimensão material do linguístico, ou seja, aquela não oculta, passível de descrições e marcada organicamente na sentença.” Em outras palavras, esse seria o nível que comporta as formas linguísticas.

2.1.2.1 Formas linguísticas: as formações nominais e a constituição dos enunciados

Considerando que a Semântica da Enunciação tem o enunciado como unidade de análise, cujos fundamentos são a consistência interna e a independência relativa (GUIMARÃES, 2018), como mostramos no início deste capítulo²⁹, é pertinente discutirmos sobre as formas linguísticas que compõem esse enunciado. Vale ressaltar que neste trabalho recortamos as construções nominais como alvo de nosso olhar.

Segundo Dias (2018),

o conceito de forma linguística que se estabelece nos estudos linguísticos a partir do século XX é definido seja por oposição a *significado*, seja por oposição a *função*. Em ambos os casos, forma é algo apreendido por traços fonológicos e morfológicos. Nessa direção, as formas linguísticas podem ser tomadas por órgãos estruturais da língua, como itens lexicais e morfemas. (DIAS, 2018, p.36, grifos do autor).

Ainda segundo o autor, sob uma perspectiva enunciativa, a noção de *forma* adquire outras acepções. O ponto de partida dessa abordagem advém dos estudos de Guimarães (1996) a respeito dos conceitos de língua e de regularidade linguística. Desse modo, conforme Guimarães, a língua é um sistema de regularidades, no qual há relações que sustentam suas unidades. Assim, “as relações que se constituem entre discursos movimentam o funcionamento da língua pela enunciação, moldando esse sistema de regularidades” (DIAS, 2018, p.37).

Para Dias (1997, p.110, *apud* DIAS, 2018, p.10), a forma linguística “não é o signo em si (se a forma é identificada em relação a ela mesma, nesse caso ela é tão somente sinal), a forma linguística, torna-se signo”. O autor retoma os estudos de Bakhtin (1990), para quem “o elemento que torna a forma linguística um signo não é a sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica” (BAKHTIN, 1990, p.94).

²⁹ Esta discussão está inserida no item 2.1 Semântica da Enunciação – A Enunciação como Acontecimento – desta dissertação.

Dessa maneira, entendemos que a forma linguística adquire significação tendo em vista o referencial histórico e a pertinência enunciativa, na medida em que é colocada em funcionamento no acontecimento enunciativo. Nas palavras do autor (2018, p.37), “uma forma linguística constitui-se como tal na conformação de unidades às regularidades da língua, tendo em vista o seu acionamento enunciativo”.

A fim de verificarmos o “acionamento enunciativo” das formas linguísticas e mostrarmos a sua “mobilidade” de significação, faremos uma breve análise dos seguintes acontecimentos enunciativos:

(2) “Para uma noiva de curvas generosas, a prova final [do vestido de noiva] pode ser tão assustadora quanto a primeira.”³⁰

(3)

FIGURA 20 - Ellen Rocche exibindo suas curvas generosas em ensaio da Rosas de Ouro



Fonte: *Pure people*, 2016.³¹

Nos exemplos (2) e (3) constatamos o *acionamento enunciativo* de uma mesma forma linguística *curvas generosas*, que se ancora no referencial temático da beleza. Todavia, percebemos que em cada um dos acontecimentos apresentados ela adquire uma significação diferente, devido à *mobilidade* que essa forma linguística possui, isto é, em razão da mobilização das perspectivas referenciais dos enunciados em análise. Em (2), *curvas generosas* é uma forma linguística que atribui certas particularidades ao corpo de uma noiva acima do peso. Assim, ela é utilizada para se referir às noivas gordas que vão ao ateliê “Curves Couture”,

³⁰ Enunciado retirado do programa televisivo “Boutique das Noivas Plus Size”. Episódio 2, primeira temporada.

³¹ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/midia/ellen-arrasou-com-um-vestido-decotado-e_m1203462. Acesso em: 17 mai. 2020.

a fim de provar vestidos para seus casamentos – tendo em vista o escopo do programa em questão, que protagoniza noivas *plus size*.

Já em (3), a forma linguística *curvas generosas* atribui características a um corpo com *formas torneadas*, no sentido de que esse corpo apresenta volume no busto e nos quadris, mas possui a cintura fina – características almejadas por grande parte das mulheres brasileiras atualmente, como já foi mencionado no capítulo anterior. Trata-se, portanto, de um efeito de sentido regularizado para a constituição de uma nova perspectiva referencial. Isso é possível, segundo Dias, pois “as discursividades são relativas à constituição social do dizer, são heterogêneas e marcadas pela inquietação própria do dissenso constitutivo nas relações sociais” (DIAS, 2018, p.37).

Desse modo, essas formas do dizer estão vinculadas às formas de significar (DIAS, 2018), tendo em vista o acontecimento da enunciação do qual fazem parte, bem como as relações de articulação linguística – internas e externas – adquirindo pertinência. Assim, “a forma linguística é afetada por uma relação tensa entre o plano da organicidade e o plano do enunciável” (DIAS, 2018, p.38), como vimos salientando ao longo deste capítulo.

Em síntese, a forma linguística, sob o viés enunciativo, é “uma unidade de língua concebida do ponto de vista das suas condições de articulação com outras unidades segundo razões enunciativas” (DIAS, 2018, p.166). E é a partir dessa concepção e de suas relações linguísticas que Dias (2013) desenvolveu o conceito de *formação nominal*, demonstrando uma outra maneira de conceber o sintagma nominal.

É importante frisarmos que, neste trabalho, não tomaremos a construção nominal, conforme estudos tradicionais acerca desse fato gramatical, uma vez que nosso recorte não se vincula ao processo de relação de dependência entre as palavras em uma sentença, por meio de um olhar estritamente morfossintático. Trata-se, antes, da reflexão acerca de um processo articulatório que se constitui por um nome-núcleo e seus determinantes. Não pretendemos, também, abordar a formação nominal como sinônimo de sintagma nominal, como demonstraremos na próxima seção.

2.1.2.1.2 Formação nominal x sintagma nominal

Passemos a delinear, brevemente, os traços de diferenciação dos conceitos de formação nominal (FN) e de sintagma nominal (SN), sob a perspectiva à qual nos filiamos.

Dias (2018) afirma que uma boa parte dos semanticistas da linha formal, ao estudarem as construções nominais, ancora-se nos pressupostos de Frege (1978). Essa linha teórica defende que as construções nominais, designadas sintagmas nominais, possuem a capacidade de projetar uma “realidade”. Desse modo, conforme Frege, “o sintagma nominal abrigaria o modo como se apresenta a entidade que ele nomeia. Esse modo de apresentar o real constituiria o *sentido*” (DIAS, 2018, p.162, grifo do autor).

Com base nos estudos de Frege (1978), Chierchia (2003 *apud* DIAS, 2018, p.162-163) postula que “construir um sintagma nominal pode implicar na realização de uma operação de composicionalidade em que um nome nuclear recebe uma determinação com vistas a enriquecer o modo como se apresenta uma entidade no real.” Em suma, nessa perspectiva, “o sintagma nominal expressaria as propriedades as quais seriam necessárias para a possibilidade de referência dessas entidades no mundo.” (DIAS, 2018, p.163).

Assim, para Chierchia (2003), o sintagma nominal está inserido em uma perspectiva composicional, com vistas a analisar o *produto* dessa construção, não considerando, portanto, o *processo* enunciativo das unidades linguísticas.

Após uma breve exposição de concepções de sintagma nominal desenvolvidas sob a perspectiva da Semântica Formal, apresentaremos, agora, o conceito de formação nominal abordado no âmbito enunciativo das construções nominais.

Dias (2013a, 2013b, 2013c, 2018) desenvolveu o conceito de formação nominal sob o viés da Semântica da Enunciação. Tal formulação diferencia-se da concepção de sintagma nominal, defendida pelos semanticistas da linha formal, na medida em que não se restringe ao nível sintático das construções nominais, uma vez que pertence, também, ao nível enunciativo. Além disso, a formação nominal se ocupa em demonstrar o *processo* de constituição e de produção das formas nominais, ao passo que o sintagma nominal está centrado em descrever o *produto* dessas formas quando articuladas.

Nas palavras de Dias (2018), “desenvolvemos o conceito de formação nominal como contraponto ao conceito de sintagma nominal, no sentido de compreender as construções nominais do ponto de vista de uma semântica da enunciação” (DIAS, 2018, p.166).

À vista disso, concordamos com Dias (2015) que

o estudo da formação nominal estaria centrado não na descrição do objeto produzido (sintagma nominal) e muito menos nas características fonético fonológicas ou gráficas da unidade, mas na constituição dos referenciais da sua produção, na razão das articulações que são contraídas interna e externamente à construção nominal. (DALMASCHIO; LACERDA; DIAS, 2015, p.50).

Diante do que foi exposto, em síntese, a formação nominal busca explicar o processo de inserção de um nome-núcleo, e seus determinantes, no enunciado. Por constituir uma unidade enunciável, remonta ao potencial de significação da língua, tendo em vista seus usos no campo do memorável, e é a partir da efetivação desses usos que o nome adquire, linguisticamente, existência social e os sentidos são mobilizados, tornando-se pertinentes no acontecimento enunciativo. Dessa forma, nas palavras do autor,

a constituição da significação nas FNs é realizada na relação entre os referenciais históricos e as pertinências enunciativas. Essas são especificamente as condições que fundam a articulação entre os termos nas FNs, isto é, que fundam os diferentes procedimentos de agregação no âmbito de uma formação nominal. Se a formação é a constituição das formas em unidades qualificadas para a enunciação, a formação nominal é a constituição interna e externa das formas para a constituição da unidade nominal. As formações, articulatoriamente configuradas, sustentam materialmente o referencial histórico, a memória das significações dos seus termos e a pertinência enunciativa do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento. (DIAS, 2018, p.143).

Conforme descrito nas seções anteriores, o enunciado adquire sentido na medida em que é colocado em funcionamento em um acontecimento enunciativo. No acontecimento, há uma anterioridade resgatada pelo campo do memorável e um futuro responsável pela projeção de sentidos. O fato de a língua carregar marcas de seu passado, coloca o memorável como elemento fundamental para a produção dos efeitos de sentido, posto que a cada nova enunciação se estabelece uma dialética com outros dizeres. Desse modo, o enunciado adquire pertinência na atualidade do dizer, que, por sua vez, é afetada pelos referenciais históricos evocados pela materialidade linguística.

Assim, a análise das formações nominais nos permite conhecer a constituição do sentido dessas formas na linguagem, no processo de enunciação.

A título de ilustração do que acabamos de teorizar, daremos prosseguimento à análise do processo de constituição das regularidades de sentido assumidas pela FN *curvas generosas*, observando as razões enunciativas da relação entre o referencial histórico e a pertinência enunciativa dos dizeres em questão.

(4)

FIGURA 21 - Perfil de @curvasgenerosas na rede social *Facebook*

Fonte: *Facebook*, 2013.³²

(5)

Patricia Leitte mostrou suas curvas generosas aos (sic) posar de lingerie. A ex-BBB postou o clique no Instagram com uma mensagem sobre a sua personalidade. Ela garante que não se importa com a negatividade alheia.

“Com alguns comentários, a gente fica chateada. Mas estou feliz em ver várias pessoas achando que estou usando photoshop (sic) porque emagreci (sic) muito e estou definindo muito o corpo. Sinal que as pessoas não acreditam que eu emagreci”, disse ela.

Para manter as curvas, a loira diz que tem treinado sete dias por semana e cortado os excessos e o açúcar. “Tem que ter muita dedicação. Estou malhando de segunda a segunda. Alimentação é tudo. Tem que se alimentar bem, comer coisas saudável (sic), tirar o açúcar e os excessos”, contou.

Fonte: Educadora, 2019³³.

O acontecimento enunciativo (4) é um perfil aberto da rede social *Facebook*, cujo público alvo são mulheres gordas que buscam inspirar outras mulheres a aceitarem seus corpos. A página traz como descrição o seguinte enunciado:

(4a) “Perfil criado para mulheres com curvas generosas que se amam, que se aceitam, se cuidam, e tem (sic) seu amor próprio em primeiro lugar.”

Nosso olhar se volta, portanto, para uma FN específica que suscita a ideia de suavização de sentido, no que concerne à descrição do corpo gordo feminino. Trata-se da construção nominal *curvas generosas*. Expliquemos melhor: ao analisarmos a FN *curvas generosas*, é

³² Disponível em: https://pt-br.facebook.com/pg/curvasgenerosas/about/?ref=page_internal. Acesso em: 21 mai. 2020.

³³ Disponível em: <https://www.educadora.am.br/entretenimento/uau-patricia-leitte-mostra-curvas-generosas-de-lingerie>. Acesso em: 21 mai. 2020.

possível notar que a sustentação do sentido dessa construção ancora-se na tentativa de reescritura das perspectivas referenciais do preconceito, da depreciação, sem, contudo, deixar de significar um corpo feminino que é caracterizado pela abundância, pela fartura, que se situa no referencial temático da beleza. Essas perspectivas são acionadas pelo movimento de interpretação dos enunciados em análise, ou seja, pelo movimento enunciativo que significa o corpo feminino.

Historicamente, isto é, no campo do memorável, o adjetivo *generosas* é utilizado na perspectivação de qualidades positivas ao nome ao qual se articula, por esse motivo, há uma tentativa de atenuação de um efeito negativo, que o adjetivo *gordas* produziria, por meio do uso desse adjetivo (*generosas*). Além disso, ao afirmar que o perfil em questão é direcionado a mulheres “que se amam, que se aceitam, se cuidam, e tem (sic) seu amor próprio em primeiro lugar”, constrói-se, por meio de orações adjetivas restritivas, o efeito de que há *mulheres com curvas generosas* que não *se aceitam*, ou seja, não estão satisfeitas com o tipo de corpo que possuem: um corpo gordo.

Dito de outra maneira, no caso do enunciado em análise, portanto, é preciso que se afirme que *mulheres com curvas generosas se aceitam, se cuidam e tem (sic) seu amor próprio em primeiro lugar*, para que se negue³⁴ uma definição historicamente construída que defende o contrário. Desse modo, essa negação confere novos efeitos de sentido à FN *curvas generosas*, atualizando-a para a perspectiva referencial da aceitação e conferindo-lhe noções positivas.

Em (5), há a presença da mesma forma linguística *curvas generosas*,

(5a) “Patricia Leitte mostrou suas curvas generosas aos *sic* posar de lingerie”

que também está ancorada no referencial temático da beleza. Contudo, esse referencial mobiliza a perspectiva referencial do bem-estar, da saúde. Assim, ao enunciar

(5b) “Tem que ter muita dedicação. Estou malhando de segunda a segunda. Alimentação é tudo. Tem que se alimentar bem, comer coisas saudáveis (sic), tirar o açúcar e os excessos”

e

(5c) “[Tenho] treinado sete dias por semana e cortado os excessos e o açúcar”,

³⁴ O conceito de negação será explorado na seção 2.1.2.4 desta pesquisa.

a ex-BBB, Patricia Leitte, descreve seus hábitos saudáveis que têm *definindo [seu] corpo*. Nesse acontecimento enunciativo, portanto, a FN *curvas generosas* adquire novos traços de pertinência, atualiza o sentido historicamente atribuído ao corpo gordo, como é o caso do acontecimento (4), e o torna pertinente ao corpo definido.

A análise da formação nominal *curvas generosas*, nos acontecimentos enunciativos (4) e (5), demonstra os diferentes efeitos de sentido, bem como diferentes direções argumentativas³⁵, advindos da inserção do nome-núcleo e seu determinante no processo de enunciação. Assim, ao mesmo tempo em que essa FN se ancora na ideia de um corpo gordo, também se faz pertinente na noção de um corpo definido.

Em suma, a análise da enunciação dessa FN, nos autoriza a sustentar a concepção segundo a qual o acontecimento da produção do sentido de *curvas generosas* não corresponde apenas a um procedimento de composicionalidade em que o nome *curvas* é determinado pelo sentido do adjetivo *generosas*, como postula o conceito de sintagma nominal. Para nós, trata-se, antes, da observação de um processo de significação que envolve o cruzamento do referencial histórico da ideia de um corpo gordo e da pertinência/atualização dessa ideia, que constitui ora um corpo gordo, ora um corpo definido.

A fim de ilustrarmos, de forma sistemática, o que acabamos de discutir, elaboramos os quadros que seguem. Neles, incluímos as ocorrências dos enunciados (2) a (5), para percebermos de forma mais detalhada o que acabamos de descrever.

QUADRO 1 – Síntese da análise da FN *curvas generosas* em reescrita a *corpo gordo*

ENUNCIADOS	FN	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
(2) Para uma noiva de <u>curvas generosas</u> , a prova final [do vestido de noiva] pode ser tão assustadora quanto a primeira.	Curvas generosas/ corpo gordo	insegurança	B E L E Z A
(4) Perfil criado para mulheres com <u>curvas generosas</u> que se amam, que se aceitam e tem <i>sic</i> seu amor próprio em primeiro lugar.	Curvas generosas/ corpo gordo	aceitação	

Fonte: Elaborado pela autora.

³⁵ A noção de argumentação e a sua interface enunciativa será explorada na seção 2.1.2.4 deste trabalho.

QUADRO 2 – Síntese da análise da FN *curvas generosas* em reescrita a *corpo definido*

ENUNCIADOS	FN	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
(3) Ellen arrasou com um vestido decotado e curtinho que deixava suas <u>curvas generosas</u> à mostra.	Curvas generosas/ corpo definido	sexualidade	B E L E Z A
(5) Patricia Leite mostrou suas <u>curvas generosas</u> aos <i>sic</i> posar de lingerie. [...]Para manter as curvas, a loira diz que tem treinado sete dias por semana e cortado os excessos e o açúcar.		esforço físico	

Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.2.2 Reescrituração

Neste tópico, buscaremos apresentar os dois modos de relação enunciativa: de articulação e de reescrituração, propostos por Guimarães (2007; 2017; 2018). No entanto, de acordo com nossos propósitos, voltaremos nosso olhar, mais especificamente, para o modo de relação enunciativa de reescrituração. A inserção desse modo de relação, neste capítulo, se faz pertinente, uma vez que tentaremos associar o processo de reescrituração ao estudo da formação nominal, postulado por Dias (2018). Tal processo é fundamental para nossas análises.

Conforme já mencionamos no início deste segundo capítulo, uma semântica de bases enunciativas entende a significação como aquilo que é produzido pela enunciação. Dito de outra maneira,

a enunciação, que produz sentidos, é o acontecimento do funcionamento da língua num espaço de enunciação. E a semântica, enquanto semântica da enunciação, é a disciplina que analisa os sentidos dos enunciados enquanto enunciados que integram textos nos acontecimentos que os produzem. (GUIMARÃES, 2018, p.22).

Diante do exposto, como vimos, o enunciado é a unidade de análise da teoria à qual nos filiamos e apresenta, como principais fundamentos, a consistência interna e a independência relativa (GUIMARÃES, 2018). Ainda consoante o autor, essas duas particularidades do enunciado estão atreladas aos modos de relação enunciativa de articulação e de reescrituração; isto é, a articulação está vinculada à produção da consistência interna e a reescrituração, por sua

vez, à produção da independência do enunciado, tendo em vista a sua relação de integração com o texto (GUIMARÃES, 2018).

Os modos de relação por articulação funcionam como organizadores das formas que compõem os enunciados. Nas palavras do autor, a articulação “é o modo de relação enunciativa que dá sentido às contiguidades linguísticas”, isto é, trata-se de “uma relação local entre elementos linguísticos que significam pela relação com os lugares de enunciação agenciados pelo acontecimento” (GUIMARÃES, 2018, p.80).

Com efeito, os enunciados podem ser estruturados, tendo em vista três modos distintos de articulação, são eles: por dependência; por coordenação e por incidência. Explicaremos, de maneira breve, a seguir, cada um dos três modos propostos por Guimarães (2007; 2017; 2018).

O primeiro modo é o de articulação por *dependência*, que “se dá quando os elementos contíguos se organizam por uma relação que constitui, no conjunto, um só elemento” (GUIMARÃES, 2018, p.81). A articulação por *coordenação*, por seu turno, “é aquela que toma elementos de mesma natureza e os organiza como se fossem um só da mesma natureza de cada um dos constituintes. [...] Em outras palavras, se apresenta por um processo de acúmulo de elementos numa relação de contiguidade” (GUIMARÃES, 2018, p.81). Por fim, a articulação por *incidência* “é a relação que se dá entre um elemento externo a outro que, ao se articular com ele, forma um elemento do segundo tipo” (GUIMARÃES, 2018, p.81).

É nessa medida que o procedimento de articulação estabelece relações semânticas, em virtude do modo como as formas – tomadas em sua estrutura e ordem –, que compõem os enunciados, significam algo em sua contiguidade; isto é, a articulação aponta para sentidos relativos à maneira como um determinado enunciado integra um texto. Nas palavras de Guimarães (2018, p.84), as articulações “não são meramente relações internas ao enunciado, mas relações de contiguidade que fazem do enunciado um elemento que se integra a um texto”. Além disso, o modo de relação por articulação está diretamente ligado ao processo de produção de sentidos dos acontecimentos.

O segundo modo de relação enunciativa – o qual balizará nossas análises e será, portanto, o centro de nossa atenção –, com base nos pressupostos teóricos de Guimarães, é a reescrituração. Para o autor, a reescrituração “é o modo de relação pelo qual a enunciação rediz o que já foi dito” (GUIMARÃES, 2018, p.85).

O movimento de redizer o que já foi dito, em um acontecimento enunciativo, produz diferentes efeitos de sentido sobre a significação do texto, uma vez que esse “dizer novamente” não é dizer o mesmo. Dito de outra forma, o processo de redizer projeta novos sentidos sobre

aquilo que é dito de novo, tendo em vista a relação de reescrituração entre duas, ou mais, formas integrantes de um mesmo texto.

Nas palavras de Guimarães (2018, p.85), “há reescrituração quando um elemento Y de um texto (uma palavra, uma expressão, por exemplo) retoma um outro elemento X do texto. Nesse caso Y reescritura X. Este modo de relação enunciativa leva a interpretar uma forma como diferente de si.”

Posto dessa maneira, o modo de relação enunciativa por reescrituração é capaz de produzir efeitos de sentido que atravessam a linearidade do texto, efeitos estes que se materializam no acontecimento. Essas novas possibilidades de dizer, por marcarem certas diferenças, em relação àquilo que já foi dito, constituem novos acontecimentos enunciativos que continuam em constante movimento, registrando novos processos de sentido na história.

Ademais,

a reescrituração é uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente. A reescrituração é a pontuação constante de uma duração temporal daquilo que ocorre. E ao reescrever, ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. E o que ele atribui? Aquilo que a própria reescrituração recorta como passado, o memorável. [...] E esse movimento de predicação na duração do presente pelo memorável significa porque projeta um futuro, o tempo da integração no depois do acontecimento no qual o reescriturado é refeito pelo reescriturante. (GUIMARÃES, 2017, p.38).

Para Guimarães (2018), a reescrituração é uma operação enunciativa que atribui significação aos elementos formais que constituem um texto, ou seja, isso é o que o autor nomeia de “determinação semântica” (GUIMARÃES, 2018, p.86). Desse modo, segundo Guimarães (2018, p.86), “trata-se de uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão reporta a outra, por modos de relação específicos variados. Uma expressão pode retomar outra, pode negá-la, pode redizê-la em outros termos”. De acordo com o autor, assim como o procedimento de articulação, o processo de reescrituração apresenta diferentes modos de relação dos elementos linguísticos que compõem os enunciados de um texto.

A fim de delinear os modos de relação por reescrituração, mostraremos um panorama de como eles ocorrem. Conforme postulado por Guimarães (2018), a reescrituração pode se dar por *repetição*, quando um elemento linguístico é retomado no enunciado; por *substituição*, quando um elemento linguístico é substituído por outro elemento no enunciado; por *elipse*, quando um elemento linguístico é omitido no enunciado; por *expansão*, quando um elemento linguístico é ampliado no enunciado e, por fim, por *condensação*, quando um elemento linguístico é condensado por outro elemento no enunciado.

Esses modos de redizer o que já foi dito, por sua vez, produzem relações de *sinonímia*, de *especificação*, de *desenvolvimento*, de *globalização* (ou *totalização*) e de *definição*. Nos

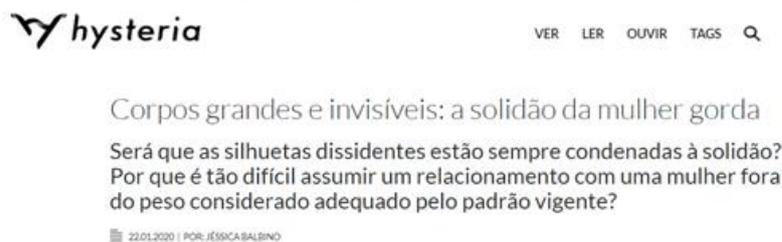
termos de Guimarães (2018), essas relações se estabelecem entre elementos de enunciados próximos, ou não, “e isto é parte do modo de produzir sentido (a integração dos enunciados ao texto). Assim esta operação de redizer é decisiva no modo como os enunciados, integrados a um texto, significam” (GUIMARÃES, 2018, p.89).

A reescrituração se configura, portanto, como um processo que produz a diferença nos acontecimentos enunciativos. Ao redizer o que já foi dito, os diversos sentidos advindos das relações entre as formas que pertencem a um mesmo texto, ganham pertinência e se regularizam, gerando uma *orientação argumentativa*³⁶ distinta.

Vejamos o enunciado que segue, a fim de ilustrarmos essas discussões acerca da reescrituração.

(6)

FIGURA 22 – Publicação no *blog* Hysteria



Fonte: *Blog* Hysteria, 2020.³⁷

(6a) “Corpos grandes e invisíveis: a solidão da mulher gorda.”

(6b) “Será que as silhuetas dissidentes estão sempre condenadas à solidão?”

(6c) “Por que é tão difícil assumir um relacionamento com uma mulher fora do peso considerado adequado pelo padrão vigente?”

(6a₁) Corpos grandes

(6a₂) mulher gorda

(6b) silhuetas dissidentes

(6c) mulher fora do peso considerado adequado pelo padrão vigente

³⁶ Esta discussão está inserida no item 2.1.2.3 - Argumentação e argumentatividade: orientações enunciativas do dizer, desta dissertação.

³⁷ Disponível em: <https://hysteria.etc.br/ler/corpos-grandes-e-invisiveis-a-solidao-da-mulher-gorda/>. Acesso em: 05 jan. 2021.

Conforme discutimos anteriormente, o modo de relação enunciativa por reescrituração pode se dar de diferentes maneiras. Em (6b), a FN *silhuetas dissidentes* reescritura a FN *corpos grandes*, de (6a₁), por substituição. Ambas as formas linguísticas fazem referência ao corpo da *mulher gorda* (6a₂) que, por seu turno, também é reescriturado, por substituição, em (6c) por *mulher fora do peso considerado adequado pelo padrão vigente*.

Percebemos que tais procedimentos de reescritura, além de redizerem o já dito, materializam um investimento enunciativo de produzir efeitos de sentido distintos aos daqueles já apresentados. Ou seja, à FN *mulher gorda* (6a₂), é acrescentado, pelo processo de reescrituração, o sentido de que o convergente *gorda* articulado ao nome-núcleo *mulher* corresponde a um desajuste social do corpo feminino, por encapsular o conceito de algo *fora do peso considerado adequado pelo padrão vigente*. Fato esse já reafirmado pelo jogo de reescritura que relaciona *corpos grandes* (6a₁) e *silhuetas dissidentes* (6b), de modo a produzir a orientação argumentativa de que o corpo que é grande, é o mesmo que diverge, que se pauta na diferença, no dissenso. Com efeito, se, por um lado, não podemos postular que haja uma total diferença semântica entre as formas linguísticas apresentadas, tampouco podemos considerar um espelhamento de sentido entre essas formas. A reescrituração corresponde, dessa maneira, ao mesmo e ao outro operando em concomitância no texto, por meio de uma relação que rediz os elementos constitutivos do enunciado.

2.1.2.3 Argumentação e argumentatividade: orientações enunciativas do dizer

Abordaremos, nesta seção, o caráter argumentativo do acontecimento, sob o ponto de vista da Semântica da Enunciação. Isto é, ao partirmos de uma perspectiva teórica que lida com a constituição dos efeitos de sentidos, com base no aspecto histórico da linguagem, discutiremos as noções de *argumentação* e de *argumentatividade* atreladas ao direcionamento do dizer, uma vez que nos pautamos na tese de que "as formas linguísticas são, assim, entidades potencialmente provocadoras de orientações do dizer. As formas da linguagem evocam discursos que podem se materializar nos encadeamentos argumentativos" (DIAS, 2018, p.60).

Diante dessa concepção, apresentaremos, a seguir, aspectos pertinentes ao nosso trabalho que se aproximam, ou estabelecem um contraste, no que concerne à noção de orientação argumentativa (GUIMARÃES, 2013; 2018), assumida pela Semântica da Enunciação.

Argumentar é uma prática linguística que acompanha, historicamente, diferentes sociedades. As reflexões acerca da argumentação encontram base na Retórica, que consiste em uma visão prescritiva de Aristóteles (1979 *apud* SILVEIRA, 2019). Segundo Silveira (2019), ao propor o estudo da argumentação, o filósofo elaborou, sistemicamente, procedimentos que auxiliavam a constituição do discurso persuasivo. Isto é,

o autor estudou a forma como uma argumentação deve ser estruturada. Assim, a arte retórica, proposta por Aristóteles (1979), cria as operações argumentativas que visam à persuasão por meio do discurso do locutor que é proferido argumentativamente para adquirir a adesão de seu auditório. (SILVEIRA, 2019, p.46).

Ao sistematizar o estudo da argumentação, através da Retórica, Aristóteles (1979 *apud* SILVEIRA, 2019) buscava identificar quais elementos deveriam constituir um discurso cuja finalidade era *persuadir*. Em contraste à visão prescritiva aristotélica, que concebia a argumentação como um ato de persuasão, destacamos os estudos argumentativos de Oswald Ducrot, cujo interesse é abordar a argumentação na língua.

Desse modo, Ducrot (2009) defende que a *argumentação linguística* não estabelece uma relação direta com a *argumentação retórica*. O autor caracteriza a *argumentação retórica* como “uma a atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa” (DUCROT, 2009, p.20). Diante dessa definição, Ducrot (2009) sustenta que esse viés argumentativo expressa algumas limitações, posto que o “fazer crer”, segundo o autor, não demanda uma ação de alguém sem que este esteja amparado por um “crer”.

Outra limitação apontada por Ducrot (2009) é a de que a Retórica considera outros elementos de “fazer crer” como parte do processo de persuasão, o que poderia desencadear diferentes interpretações, ou seja, a persuasão por meio de *intenções* ou de *demonstrações orais* daquele que argumenta distancia-se da materialidade linguística, dificultando conclusões mais precisas, uma vez que tais proposições são apoiadas, de acordo com Ducrot (2009), “em outros motivos que não os racionais [...] O que eu defendo, quanto a mim, é que a argumentação discursiva não tem nenhum caráter racional, que ela não fornece justificação, nem mesmo esboços fracos, lacunares, de justificação” (DUCROT, 2009, p.21). Em suas palavras, a argumentação retórica “é definida como um esforço *verbal* para fazer alguém crer em algo” (DUCROT, 2009, p.21, grifo nosso).

A *argumentação linguística* ou, simplesmente, *argumentação*, por sua vez, é definida como “um meio evidente de fazer admitir uma proposição” (DUCROT, 2009, p.21). Em outros termos, é um procedimento direto que faz com que alguém creia em algo. Ainda consoante o autor, a argumentação se configura pelo “encadeamento de duas proposições A e C, ligadas implícita ou explicitamente por um conector do tipo *donc* (portanto), *alors* (então), *par*

conséquent (consequentemente). Chamarei A o argumento, e C a conclusão” (DUCROT, 2009, p.20-21). Assim, a argumentação linguística, conforme postula Ducrot, pode ser expressa da seguinte forma: A (*argumento*) + *Portanto / No entanto* = C (*conclusão*), visto que "o próprio conteúdo do argumento só pode ser compreendido pelo fato de que conduz à conclusão" (DUCROT, 2009, p.22).

Diante do exposto, Ducrot (2009) afirma que o sentido está inscrito na língua e é estabelecido, portanto, em um enunciado. Em outros termos, as palavras que constituem os enunciados, isto é, as marcas linguísticas registradas nos discursos, conferem orientações argumentativas aos dizeres. Logo, o valor argumentativo de um discurso advém da orientação argumentativa da materialidade linguística, já que "há encadeamentos argumentativos na própria significação das palavras e dos enunciados com os quais o discurso é feito" (DUCROT, 2009, p.23).

É importante salientarmos que a abordagem acerca da noção de argumentação, que assumimos neste trabalho, se difere dos estudos desenvolvidos por Aristóteles (1979) e por Ducrot (2009). Contudo, apresentamos essas duas vertentes, conforme mencionamos no início desta seção, com o intuito de apontarmos semelhanças e diferenças entre os estudos teóricos. Isto posto, discutiremos, a seguir, a respeito da argumentação sob o viés da Semântica da Enunciação, linha teórica que baliza esta pesquisa.

A partir das reflexões apresentadas anteriormente, trazemos os estudos argumentativos, conforme analisa a Semântica da Enunciação (GUIMARÃES, 2013; 2018). Em uma semântica de bases enunciativas,

a argumentação se caracteriza como uma relação produzida pelo agenciamento do alocutor-x e pela configuração que ele produz de seu alocutário-x relativamente à sustentação do que se enuncia. Isto significa que a argumentação é significação produzida pela enunciação. Não se trata, portanto, de caracterizá-la como busca da persuasão, pois isto seria tomá-la fora das relações de sentido, como efeito segundo. (GUIMARÃES, 2018, p.108).

Logo, sob essa perspectiva teórica, a argumentação não se caracteriza pela persuasão ou pela intenção daquele que fala, como defende Aristóteles (1979), mas se configura como “o processo pelo qual um lugar social de locutor sustenta uma posição na enunciação. O sentido da argumentação não é o da persuasão é o da sustentação de uma posição, e, nesse sentido, é política” (GUIMARÃES, 2013, p.283). Assim, a argumentação adquire um caráter político na cena enunciativa, posto que, segundo Guimarães (2013), o "mesmo enunciado pode ter duas relações de argumentatividade opostas" (GUIMARÃES, 2013, p.278). A cena enunciativa, por sua vez, “é o lugar social de locutor que aparece significando uma relação destes lugares com as condições históricas do acontecimento enunciativo” (GUIMARÃES, 2018, p.99).

Nessa medida, a argumentação é produzida no acontecimento enunciativo – tendo em vista as relações enunciativas que compreendem o lugar social de dizer, que, por seu turno, balizam a sustentação de uma posição –, fazendo parte, portanto, do processo de significação.

Alicerçados, ainda, pelos estudos argumentativos de Guimarães, destacamos uma outra categorização que se integra à noção de argumentação defendida pelo autor: a *argumentatividade*. A argumentatividade está associada ao processo de produção de sentidos no enunciado que, integrado ao texto, orienta o dizer, ou seja, “o que faz significar a argumentatividade é a articulação da língua” (GUIMARÃES, 2018, p.117) que agencia o falante na cena enunciativa. Isso se dá pelo acontecimento da enunciação que direciona argumentativamente os sentidos das relações entre enunciados que constituem o texto, posto que uma mesma forma linguística pode ter distintas direções argumentativas quando posta em diferentes enunciações. Com efeito, “a argumentação é o processo geral da sustentação de posições pelo alocutor, e a argumentatividade é, no seu interior, um processo específico pelo agenciamento linguístico do Locutor e segundo as relações da dinâmica da cena enunciativa.” (GUIMARÃES, 2018, p.126).

Nesse âmbito, fundamentados pelos pressupostos da Semântica da Enunciação, verificamos que a argumentação não visa ao convencimento do interlocutor, uma vez que trabalhamos com a ideia de direção argumentativa do dizer para a produção de sentidos. Desse modo, salientamos “que a enunciação não se caracteriza por intenções de alguém. O sentido se constitui exatamente pelos modos de agenciamento do acontecimento da linguagem.” (GUIMARÃES, 2018, p.44).

Diante do que acabamos de apresentar, e conforme o que propomos no início desta seção, é possível aproximarmos os postulados de Ducrot (2009) aos estudos da Semântica da Enunciação, na medida em que a noção de orientação argumentativa estabelece certas associações, no que tange o interesse pela análise da materialidade linguística no processo de produção de sentidos na argumentação. Além disso, os estudos de Guimarães e de Ducrot se distanciam da perspectiva retórica, defendida por Aristóteles (1979), uma vez que ambos, dadas as devidas proporções, defendem que o “fazer crer” acarreta certas limitações. Outro aspecto que afasta a Semântica da Enunciação da argumentação retórica, é o fato de que, como já discutimos, não trabalhamos com as ideias de persuasão e de intenção daquele que fala, já que a argumentatividade significa por estar articulada na língua.

A fim de ilustrarmos o que acabamos de apresentar, faremos uma breve análise dos acontecimentos enunciativos, a seguir, tendo em vista as diferentes direções argumentativas.

(7)

FIGURA 23 - Perfil de @brunasaidplus na rede social *Instagram*

Curtido por **patyy_godoy** e **outras pessoas**
brunasaidoficial Vamos de polêmica!

Sempre critiquei mulheres gordas que se diziam Body Positive e perdiam peso. Até que um dia vi uma youtuber gorda famosa tendo que gravar um vídeo para justificar o motivo dela ter emagrecido e achei isso absurdo já que um dos princípios do Body Positive é não controlar o corpo do outro.

Hoje eu vejo que você pode fazer o que você quiser com o seu corpo, gordo ou magro, desde que seja uma escolha feita por você, para você, e que não prejudique sua saúde física e mental.

Não estou dizendo que você deve se render aos padrões estéticos e às pressões que a sociedade te impõe. Muito menos que é bom fazer dietas malucas, tomar remédios maléficos para sua saúde ou fazer milhares de procedimentos estéticos para ser aceita pelos outros.

Estou dizendo que, se você não gosta de algo no seu corpo porque isso incomoda VOCÊ, mudar não é um problema, desde que não te faça mal e seja feito por VOCÊ. Tá tudo bem querer emagrecer, engordar, ganhar massa, fazer um procedimento ou simplesmente mudar o seu cabelo.

Você pode fazer o que quiser para melhorar sua autoestima, repito, desde que seja algo que vai te fazer bem e que não prejudique sua saúde, principalmente a mental.

Fonte: *Instagram*, 2020.³⁸

O acontecimento enunciativo (7) é uma publicação retirada do perfil aberto da rede social *Instagram*, cuja temática é encorajar mulheres a se sentirem satisfeitas com seus corpos gordos. O que nos chama atenção nesse *post* são os seguintes enunciados:

(7a) “Sempre critiquei mulheres gordas que se diziam Body Positive e perdiam peso. Até que um dia vi uma youtuber gorda famosa tendo que gravar um vídeo para justificar o motivo dela ter emagrecido e achei isso um absurdo já que um dos princípios do Body Positive é não controlar o corpo do outro.”

e

(7b) “Hoje eu vejo que você pode fazer o que quiser com seu corpo, gordo ou magro, desde que seja uma escolha feita por você, para você, e que não prejudique sua saúde física e mental.”

A argumentação presente em (7a) e em (7b), se dá em relação ao lugar social de dizer ocupado, nessa publicação, pela influenciadora digital Bruna Said como alocutor-influenciadora digital, alocutor-mulher *gorda*, alocutor-encorajadora *de mulheres* (como ela

³⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/brunasaidplus/>. Acesso em: 08 jan. 2021.

mesmo destaca em sua biografia no perfil em análise). Esse processo argumentativo se dá, também, em relação ao posicionamento assumido por esse alocutor no acontecimento enunciativo, isto é, Bruna, a princípio, defende uma postura contrária à atitude de mulheres gordas que, apesar de seguirem os ideais do movimento *Body Positive*, procuravam procedimentos emagrecedores. Contudo, essa perspectiva assume um novo contorno, na medida em que a influenciadora se depara com uma situação em que uma *youtuber gorda* precisa justificar seu emagrecimento em um vídeo público, o que vai contra os princípios de liberdade corporal do *Body Positive*. Diante desse fato, Bruna percebe que as mudanças corporais individuais devem ser bem vistas, desde que estejam ligadas ao bem-estar de quem optar por fazê-las.

Lançando, novamente, nosso olhar aos aspectos teóricos da argumentação, para a Semântica da Enunciação, concordamos que as noções de posição, bem como a de lugar social de dizer, estão ligadas à concepção de argumentação. Atrelada à essa ideia de argumentação, como defende Guimarães (2018), está a argumentatividade que, por sua vez, é responsável pela orientação dos dizeres que constituem o acontecimento enunciativo.

Com efeito, na ocorrência em análise, notamos uma projeção argumentativa voltada, em primeira instância, à desaprovação do emagrecimento em prol dos padrões de beleza, uma vez que o movimento *Body Positive*, adotado por Bruna Said, defende a beleza de todos os tipos corporais, inclusive das *mulheres gordas*, a despeito de um molde considerado belo. No entanto, há um movimento, isto é, um novo direcionamento argumentativo, que se choca com a perspectiva anterior. A partir da fala de uma *youtuber gorda famosa*, que precisou esclarecer seu emagrecimento, assume-se uma diferente perspectiva do dizer, agora favorável às mudanças corporais que promovem o bem-estar feminino, uma vez que se acredita na ideia de que as transformações não comprometem a beleza do corpo gordo. Essa diretriz argumentativa reforça a importância de se considerar a beleza dos diferenciados tipos de corpos, em prol da satisfação feminina.

2.1.2.4 Negação

Neste tópico, dedicamo-nos a apresentar alguns pressupostos teóricos que balizam a noção de *negação* na linguagem. Para tanto, nos valeremos das contribuições de Benveniste (1995) e de Fedatto (2013; 2015a; 2015b). Sabemos que o conceito de negação é tema de muitas discussões, em diversos campos dos estudos da linguagem e da significação, oferecendo, assim,

espaço para posições diversas sobre as relações entre a afirmação e a negação, bem como sobre em que medida essa relação influencia a produção dos efeitos de sentido na linguagem e no mundo. Por essa razão, não podemos desconsiderar a complexidade desses debates. No entanto, iremos nos limitar, neste trabalho, a pensar uma das possibilidades de perceber a negação, entendendo-a como um mecanismo de língua que, ao negar algo, possui, como *contraparte*, a afirmação.

Isto posto, e alicerçados por Benveniste (1995), consentimos que

a característica de negação linguística é que ela pode anular apenas o que é enunciado, que deve apresentá-lo explicitamente para suprimi-lo, e que um julgamento de não-existência tem necessariamente também o status formal de um julgamento de existência. Assim, a negação é em primeiro lugar admissão. (BENVENISTE, 1995, p.91).

Sendo assim, iniciaremos nossas discussões, partindo da ideia de que os estudos linguísticos exploram, em certa medida, a manifestação da negação nas diferentes faces da língua. Por esse motivo,

todas essas formas mostram que o fenômeno da negação não é inequívoco, estável nem transparente. E quando analisamos discursos, ou seja, a língua em funcionamento na sociedade e na história, devemos procurar o *não* que se diz e o *não* que não se diz, mas que significa produzindo diferentes efeitos de sentido. (FEDATTO, 2015b, p.29, grifos da autora).

Diante do caráter complexo do efeito de negação, e levando em consideração a teoria à qual nos filiamos - que defende que os objetos do mundo são significados pelo dizer; isto é, para a Semântica da Enunciação, não há sentidos concebidos *a priori*, uma vez que a realidade ganha pertinência quando enunciada -, concordamos com Fedatto (2015a) quando afirma que “em termos de definição, a negação é mais aberta do que a afirmação: não sendo ‘isso’ especificamente” (FEDATTO, 2015a, p.103). Assim, o processo de negação articula sentidos diversos, não podendo, portanto, ser encarado como “uma resistência absoluta aos sentidos postos em circulação” (FEDATTO, 2015a, p.103).

Em vista disso, entendemos que não é possível realizar uma análise do processo de negação na língua, se não houver a associação desta com o funcionamento efetivo da língua, ou seja, acreditamos que o que movimenta a significação de uma materialidade linguística são os acontecimentos enunciativos de que ela participa.

Ainda consoante a autora, a noção de negação não pode ser, portanto, “encarada simplesmente como uma justaposição de sentidos diferentes, ela deve ser compreendida como um *conjunto articulado* de relações que muitas vezes se estabelece de maneira tensa” (FEDATTO, 2015b, p.28, grifos da autora).

Com base nos estudos de Green (2010 *apud* FEDATTO, 2015b), acerca dos efeitos da negação na construção dos sentidos, Fedatto (2015b) identifica quatro sentidos distintos, derivados das relações simbólicas da negação na língua. São eles:

1) a negação como *oposição* que instaura um antagonismo entre dois termos contrários que lutam para resistir ou aniquilar um ao outro; 2) o negativo como o inverso simétrico e intercambiável de um positivo; 3) o *não* como *ausência*, como algo que se faz potencialmente presente ou comparece pela falta e, finalmente 4) o negativo como sendo o *nada*, aquilo que nunca chegou a existir e/ou que nunca existirá. (FEDATTO, 2015b, p.28, grifos da autora).

No entanto, como salientamos anteriormente, para efeitos de nossas análises, lidaremos com a ideia de negação como “o inverso simétrico e intercambiável de um positivo” (FEDATTO, 2015b, p.28).

O que nos parece importante destacar, é o fato de que o conceito de negação, pertinente neste trabalho, foi inspirado nas reflexões de Freud (1988 [1925]). Assim, Fedatto (2013) retoma o funcionamento da afirmação e da negação, ao sustentar que “a lógica nos ensina que a dupla negação resulta numa afirmação. [...] Freud afirma que a negativa deve ser escutada como uma afirmação que deseja encobrir o que não deve aparecer” (FEDATTO, 2013, p.6).

Diante do exposto, reconhecemos, mais uma vez, a importância das contribuições de outras vertentes teóricas para o estudo da significação. No entanto, nosso interesse está centrado na apreensão dos diferentes efeitos de sentido que se manifestam nos traços linguísticos dos enunciados, postos em cena pelo dizer. Isto é, ainda que o campo dos estudos psicanalíticos, apresentados por Freud, seja de suma importância para diversas vertentes teóricas, nos deteremos, apenas, ao funcionamento da negação em enunciados que apresentem um **paradoxo** (FEDATTO, 2015a) e não nos aprofundaremos, desse modo, em questões de cunho psicológico.

Assim,

no processo analítico, por exemplo, Freud, num célebre texto de 1925, nos indica que, quando algo é negado, é preciso escutar também o que é que aí se afirma. Uma leitura psicológico-pragmática do papel afirmativo do *não* pode ver na negação um meio de dissimulação ou disfarce de intenções, mas o que Freud nos convida a pensar é que o *não* está sempre acompanhado de um *sim*. (FEDATTO, 2015a, p.104, grifos da autora).

A fim de continuarmos nosso percurso acerca da noção de negação, entendemos que

não podemos negar a existência de uma coisa sem considerar, de fato, a própria existência do que se nega. Mas isso não significa que algo é necessariamente afirmado antes de poder ser negado. Muitas vezes é pela própria negação que algo pode existir. Não há afirmação que preceda essa existência, já que é pelo *não* que esse algo aparece. (FEDATTO, 2015a, p.104).

Para nós, a negação funciona, portanto, como um mecanismo linguístico que sustenta uma potência de significação em suas diversas formas de manifestação na língua e marca a “tensão no ato de definir” (FEDATTO, 2015a, p.96). Com efeito,

começamos por questionar o alcance de uma definição contrastiva da significação do não: dizer *não* seria o contrário de dizer *sim*, negar o oposto de afirmar. Mas um exame mais amplo do *funcionamento* da negação mostra algumas nuances importantes em relação a essa polarização, principalmente se pudermos questionar a anterioridade da afirmativa sobre a negativa. (FEDATTO, 2015a, p.104, grifos da autora).

Diante do que acabamos de apresentar, nossas análises tangenciarão as marcas de uma negação na qual se pressupõe, simultaneamente, uma afirmação. Dito de outra maneira, verificaremos ocorrências em que há afirmações por meio de formulações negativas. Assim, voltaremos nosso olhar para negações que implicam o funcionamento da afirmação.

Ilustraremos, a seguir, como a negação se manifesta como ancoragem para uma afirmação no acontecimento enunciativo (8):

(8)

FIGURA 24 - Perfil de @laylabrigido na rede social *Instagram*



Fonte: *Instagram*, 2021³⁹.

Em (8), temos uma publicação retirada da rede social *Instagram*. Trata-se de um perfil que visa à autoestima e ao bem-estar de mulheres que não se sentem confortáveis com seus corpos gordos. Nesse âmbito, nos ocuparemos com os enunciados em que a negação e a

³⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/laylabrigido/>. Acesso em: 02 fev. 2021.

afirmação se manifestam, significando, simultaneamente, suas contrapartes, sem abirmos mão da ideia de que o grande balizador de nossas análises é o referencial temático da beleza.

Ao voltarmos nosso olhar para o acontecimento enunciativo, como um todo, notamos referenciais históricos que sustentam a pertinência enunciativa de que o corpo gordo é sinônimo de *impossibilidades*, no sentido de que no campo do memorável, há a concepção de que se deve *enxergar esse corpo como limitação*. Essa formulação, ao ser atualizada no acontecimento enunciativo, e levando em consideração sua relação com outros enunciados, adquire novas orientações de sentido. Conforme discutimos no item 2.1.1.2, desta dissertação, ainda que a pertinência enunciativa seja concebida como *adesão* (DIAS, 2018), devido ao seu compromisso com outros dizeres, ela está em constante movimento, assim como os sentidos dos enunciados.

Diante de formulações historicamente delineadas sobre o corpo gordo feminino, que agregam efeitos de sentido desfavoráveis a esse corpo, como em: *nosso corpo não é capaz; [esse corpo] não merece estar ali e [esse corpo] não pertence à (sic) determinado lugar*, a influenciadora digital Layla Brigido admite que já se privou de realizar diversas atividades por acreditar que seu *corpo não pode*. No entanto, ao *ressignificar* tais efeitos, como ela mesmo constata em seu texto, a pertinência dessas construções linguísticas se atualiza no acontecimento. Dito de outra maneira, ao afirmar *EU CONSIGO*, constrói-se a contraparte dos enunciados anteriores, uma vez que diante de uma nova perspectiva referencial, que toma o corpo gordo como *possibilidade*, e não mais como *limitação*, o alocutor-influenciador lança mão da reformulação de tais construções. Isto é, no acontecimento enunciativo atualizado, o corpo gordo *é capaz; merece estar ali e pertence* a quaisquer lugares, assim como o é todos os tipos de silhuetas.

Um processo semelhante de efeitos de sentido da negação e da afirmação pode ser percebido em: *seu corpo não é problema; [seu corpo não é] prisão; [seu corpo] não é um erro*. Ou seja, negar que o corpo seja *problema, prisão* ou *erro* só encontra pertinência no referencial histórico que afirma essa perspectiva sobre o corpo gordo. Desse modo, o corpo gordo não deve ser visto como *problema, prisão* e nem *erro*, mas sim como *sua grande possibilidade*, conferindo-lhe noções positivas, que atualizaram a perspectiva referencial desse nome.

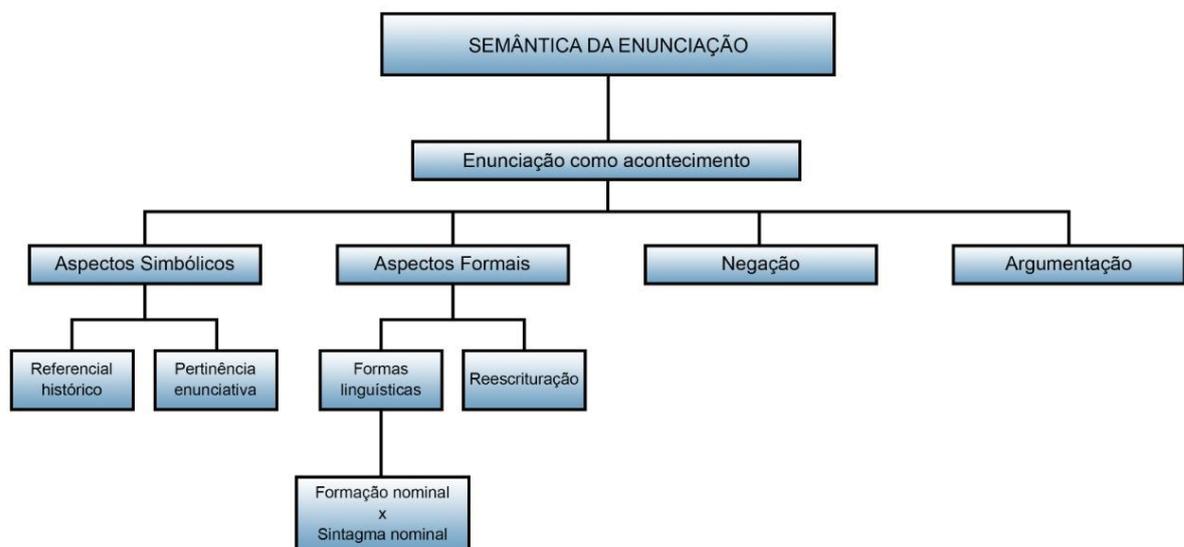
Tendo em vista, portanto, os múltiplos efeitos da negação na construção dos sentidos, propomos que o referencial temático é a beleza e a *contraparte* é a não-beleza. Isso se dá, porque postulamos que *negar* apresenta em si a contraparte *afirmar*, na medida em que esse processo é recíproco. Com isso, salientamos que há o intercâmbio entre o positivo e o negativo, estabelecendo uma relação simétrica entre ambos (FEDATTO, 2015b). Assim, ao se afirmar que o referencial temático é a beleza, já está investida nele a não-beleza.

2.2 Em Síntese

De acordo com o anunciado no início deste segundo capítulo, discutimos alguns postulados da **Semântica da Enunciação**, a partir do conceito de **enunciação enquanto acontecimento de linguagem** (GUIMARÃES, 2017). Para tanto, nos debruçamos sobre a análise da interface entre os **aspectos simbólicos** e **formais** na constituição do sentido (DIAS, 2007). Como recorte da dimensão simbólica refletimos a respeito da importância do **referencial histórico** (DIAS, 2013a, 2013b, 2018; FOUCAULT, 2018 [1969]) enquanto elemento de ancoragem da **pertinência enunciativa** (DIAS, 2018). E, no que se refere à face material da língua, nos detivemos à conceituação de **forma linguística** (GUIMARÃES, 1996, 2018; DIAS, 1997, 2018), sob a perspectiva trazida pelo conceito de **formação nominal**, que “designa o processo de constituição dos nomes e seus articuladores do ponto de vista da enunciação” (DIAS, 2018, p.12). Além disso, agregamos, também neste capítulo, as discussões acerca do processo de **reescrituração** pelo qual podem passar as formações nominais, bem como apresentamos as nuances enunciativas passíveis de serem atribuídas à **negação** e à **argumentação linguística**.

A seguir, elaboramos um gráfico, em formato de organograma, que pretende oferecer uma sistematização mais hierarquizada, e visualmente mais facilitada, a esses pressupostos teóricos.

Gráfico 1 – Síntese dos pressupostos teóricos do capítulo 2



Fonte: Elaborado pela autora.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos que nortearam o desenvolvimento da análise. Sendo assim, descrevemos o processo de seleção dos enunciados sobre o corpo feminino, que fazem parte de nosso *corpus*, abordamos o conceito de rede enunciativa, elaborado por Dias (2018) e demonstramos como foi feita a análise dos dados, por meio da associação entre os pressupostos da Semântica da Enunciação e os estudos sobre o corpo.

Para que as análises, aqui propostas, sejam desenvolvidas, foram utilizados, como aporte teórico, os estudos desenvolvidos pela Semântica da Enunciação, bem como os estudos da argumentação e alguns pressupostos da teoria da negação. Em um primeiro momento, fizemos um aprofundamento, no que se refere aos pressupostos teóricos, para que pudéssemos sustentar a posição científica assumida nesta pesquisa.

Paralelamente a essa etapa, selecionamos o *corpus* de nosso trabalho. Faz-se necessário dizer que a motivação para esse recorte de pesquisa surgiu a partir da audiência de um programa, veiculado em uma rede de televisão por assinatura, chamado “Boutique das Noivas *Plus Size*”⁴⁰. A princípio, os enunciados produzidos pelas protagonistas e participantes de tal programa nos chamaram atenção enquanto semanticistas. Desse modo, as formas linguísticas que analisaríamos, em um primeiro momento, seriam transcritas, apenas, das falas produzidas no programa. Contudo, o percurso de aprofundamento teórico que realizamos, principalmente no que diz respeito ao movimento de (des)regularizações históricas por que passaram os discursos sobre o corpo feminino, exigiu que a coleta de nosso *corpus* fosse ampliada e se configurasse para além daquele universo delimitado inicialmente. Percebemos, portanto, que delimitar o campo de busca dessas FNs, e desses enunciados, a apenas um programa televisivo específico, ou seja, adotar apenas um mecanismo de recolhimento dos dados, poderia limitar os efeitos de sentido da FN mulher curvilínea, construção nominal que primeiro nos chamou atenção.

Após selecionarmos os enunciados do programa televisivo, um outro recorte foi realizado por nós para efeito de análise, ou seja, nosso olhar de pesquisa se voltou para FNs que constituem enunciados, cujo domínio referencial mantém relação com o foco da pesquisa; isto

⁴⁰ “Boutique das Noivas Plus Size” é uma série do canal *Discovery Home&Health*, que se passa no ateliê “Curves Couture”, especializado em vestidos de noivas *plus size*. O atendimento é feito pelas consultoras Jo Cooke e Alison Law que, no passado, vivenciaram a dificuldade de encontrar modelos de vestido que lhes servissem perfeitamente. Por esse motivo, seu trabalho é prestar consultoria, a fim de identificar as necessidades de suas clientes, no momento da escolha do vestido de noiva para mulheres que não os encontram em outras lojas. Informações disponíveis em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/discovery-home-health-estrela-serie-de-moda-para-noivas-plus-size>. Acesso em: 08 jun. 2020.

é, trata-se de enunciados que remetem ao corpo gordo feminino. Esse recorte metodológico se justifica pelo fato de as FNs oferecerem condições para que haja a filiação de uma memória e uma atualidade. Retomando, portanto, os estudos de Dias (2013a, p.15) acerca das formações nominais, entendemos que a enunciação irá torná-las “pertinentes aos acontecimentos linguísticos, tendo em vista as possibilidades históricas que as fazem emergir. As FNs abrigam a base desse referencial, isto é, desse campo de emergência das entidades extralinguísticas.”

Dessa forma, documentos, textos literários e peças publicitárias também foram convocados, na mídia impressa, por meio de diversos *sites* de pesquisas como o *Google*, *Facebook*, *Instagram* e *Twitter*, para a construção de nossas ocorrências de análise. Fizemos uma busca por *mulher curvilínea* e encontramos uma quantidade significativa de ocorrências relacionadas ao corpo gordo feminino, tais como: *mulher gorda*, *mulher com curvas*, *mulher curvilínea*, *corpo gordo*, *corpo com curvas*, *corpo curvilíneo*, *corpo roliço*, *curvas avantajadas*, entre outras. Em oposição à FN que deu origem às nossas buscas, encontramos *mulher longilínea*, *mulher magra*, *corpo magro*.

Além disso, quando necessário, construímos ocorrências, a fim de que

por contraste ou por reforço, possibilitem que seja saturada a demanda de dados exigida pela análise em questão. É importante explicar que as ocorrências por nós elaboradas, para a constituição do *corpus*, representarão possibilidades oferecidas por enunciados efetivos da língua. Elaboraremos, então, um conjunto de ocorrências que formam uma unidade (DALMASCHIO, 2013, p.18).

Essa possibilidade de construção de exemplos corresponde ao que Dias (2018) nomeia de *rede enunciativa*. Uma vez que o que se faz pertinente para a constituição do *corpus* é a regularidade que as ocorrências apresentam no uso real da língua em determinados acontecimentos enunciativos. Isto posto, pretendemos observar as ocorrências das FNs em situações de enunciação distintas, tendo em vista o procedimento metodológico que constitui a rede enunciativa. Para o autor,

a constituição de uma rede enunciativa envolve a formação de contrastes entre a construção linguística em estudo e outras construções com estruturas semelhantes e palavras iguais, no sentido de permitir a percepção dos domínios de mobilização que a enunciação sustenta. Essas construções outras, trazidas para a rede enunciativa, são construídas pelo próprio pesquisador e/ou podem também ser buscadas em usos efetivos, como no Google e nos bancos de dados que abrigam usos orais e escritos da nossa língua (DIAS, 2018, p.35).

Consoante Dias (2018, p.35), esse procedimento metodológico estabelece “pontos de observação enunciativa” que permitem a visualização das diferentes dimensões da significação de um elemento linguístico, em diversas instâncias enunciativas. A partir dessa concepção, o autor apresenta o conceito de *domínios de mobilização* de sentido de um mesmo elemento linguístico.

Segundo Dias (2018, p.17, grifo do autor), “denominamos *domínio de mobilização* as articulações de sentido socialmente configuradas que determinam as formas expressivas na constituição de uma unidade significativa”. Desse modo, os domínios de mobilização “são modos sociais de agir, reagir, não agir, no mundo por meio de formas de expressão” (DIAS, 2018, p.57). E é por meio da elaboração de redes enunciativas das formações nominais, que podemos perceber as razões enunciativas para a enunciação dessas formas.

Assim, procuraremos analisar o processo enunciativo a partir de redes enunciativas, uma vez que "as relações visíveis do enunciado são dependentes de outras relações que não estão visíveis. E isso que não está visível faz parte da enunciação, pois permite a produção de sentido" (DIAS, 2018, p.35).

Sendo assim, entendemos que as redes enunciativas constituem, em nossa pesquisa, um procedimento metodológico que permite realizar um diagnóstico da significação produzida pelos discursos sobre o corpo feminino no cotidiano social.

A fim de exemplificarmos o conceito de redes enunciativas, proposto por Dias (2018), destinaremos os próximos capítulos para análise dos dados.

4 EM ANÁLISE: OS EFEITOS DE SENTIDO DAS ENUNCIACÕES SOBRE O CORPO FEMININO

4.1 O corpo feminino e suas filiações referenciais

Neste capítulo de análise, passaremos a discutir sobre a oscilação ocorrida nos discursos sobre o corpo feminino, a partir da construção de um contínuo de significação que tenta rastrear os efeitos de sentido das FNs *corpo gordo/ corpo magro/ corpo definido/ corpo real*, por meio do olhar para outras FNs, cujo funcionamento em rede constrói a representação do corpo feminino no cotidiano sócio-histórico. Ao realizar tal análise, estamos nos propondo a sistematizar nosso primeiro objetivo de pesquisa: **verificar em quais perspectivas referenciais se sustenta a pertinência das FNs em análise, tendo em vista o referencial temático da beleza.**

Nossa análise toma como fundamento, para a delimitação das quatro FNs descritas, o percurso teórico que traçamos no primeiro capítulo desta dissertação.

Começamos, então, as nossas reflexões tentando demonstrar em que medida os discursos produzidos desde o final da Idade Média, até, aproximadamente, os anos finais do século XIX, fundam-se na valorização do corpo gordo feminino e por quais movimentos de sentido esse valor passa no decorrer desse tempo.

4.1.1 *Corpo gordo*

Conforme apresentamos no capítulo 1, os discursos sobre o corpo gordo feminino em um período medieval, até, aproximadamente, os anos finais do século XIX, ofereciam ao corpo, assim perspectivado (gordo), um efeito positivo. Afinal, a gordura sugeria perspectivas referenciais de ascensão de classe, abundância, riqueza. Isso porque, em tempos de escassez de recursos, o acúmulo de qualquer ordem demonstrava prosperidade e nada mais adequado do que um corpo farto para demonstrar esse *status* social.

Entretanto, em nosso viés não referencialista da linguagem, entendemos que a existência dessa realidade social não se antecipa aos discursos sobre ela. Ou seja, para nós, a criação da figura feminina corpulenta e desejada ancora-se em movimentos enunciativos que regularizam tal representação.

Passemos a ilustrar a tese em que nos baseamos por meio dos seguintes exemplos:

(9)

“Saiba, Mestre Jehan, que um cavalo deve ter 16 características: [...] 4 de uma donzela: uma juba bonita, um peito bonito, lombo de boa aparência e nádegas largas.” (1393)⁴¹

(10)

“Arreitada donzella em fofa leito,
Deixando erguer a virginal camisa,
Sobre as roliças coxas se divisa
Entre sombras subtis pachacho estreito.” (1791)

(11)

“Afinal um bello dia
Encontrei Maricota
Muito esbelta, luzidia,
Gorda como uma bolota!” (1889)

(12)

“Vistosa e gorda rapariga
De ricas formas um primor!” (1900)

Em (9), temos um excerto de um manuscrito medieval de 1393, cujo título é *Le Ménagier de Paris*:

(9)

“Saiba, Mestre Jehan, que um cavalo deve ter 16 características: [...] 4 de uma donzela: uma juba bonita, um peito bonito, lombo de boa aparência e nádegas largas.”

A obra traz ensinamentos sobre como deveria ser a postura de uma mulher em relação ao homem, bem como em relação às suas obrigações na administração da casa. Embora tenha sido escrito no século XIV, foi publicado em formato impresso em 1846, com o título *Traité de morale et d'économie domestique*, pelo Barão Jérôme Pichon, bibliógrafo e colecionador de artes francês. O fragmento que apresentamos aqui, foi extraído da tradução inglesa da obra, realizada em 2009, por Gina L. Greco e Christine M. Rose, que a intitularam *The Good Wife's Guide*⁴². Nessa obra, algumas das qualidades de um bom cavalo corresponderia àquelas de uma boa mulher. Tais qualidades são descritas no texto por meio de quatro FNs: *uma juba bonita*,

⁴¹ Tradução livre de: “Know, Master Jehan, that a horse should have 16 characteristics: [...] 4 of a maiden: a handsome mane, a beautiful chest, fine-looking loins, and lar buttocks.”

⁴² Informações disponíveis em: https://books.google.com.br/books?id=Mmh4nzn-7AEC&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 29 mar. 2020.

um peito bonito, lombo de boa aparência e nádegas largas. Dessas quatro, duas nos interessam de maneira particular: *lombo de boa aparência* e *nádegas largas*.

Em *lombo de boa aparência*, o nome-núcleo dessa FN (*lombo*) não é, de forma regular, utilizado para significar uma parte do corpo humano, muito menos do corpo de *uma donzela*. Entretanto, esse foi o recurso utilizado no texto para descrever o corpo ideal de uma mulher. Embora se apresente no mesmo domínio semântico de *costas/dorso*, *lombo* corresponde a uma parte carnuda que se agrega a ambos os lados da espinha dorsal. O valor semântico desse nome está, pois, afetado pelo efeito de fartura corporal e, em grande medida, de gordura.

A segunda FN que destacamos (*nádegas largas*) traz uma orientação de sentido para valorização do corpo gordo feminino ainda mais marcada. Dessa vez, não se trata da significação produzida pelo nome-núcleo da FN (*nádegas*), e sim pelo elemento convergente (*largas*). Com efeito, uma *donzela bonita e atraente* deve apresentar um *corpo carnudo, largo, portanto, gordo*.

QUADRO 3 - Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 1

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			

Fonte: Elaborado pela autora.

O quarteto que compõe o exemplo (10) foi retirado de um poema de Bocage⁴³, de 1791, publicado em *Poesias eroticas, burlescas e satyricas*, como *Soneto IX* e reeditado com o título *Soneto da Donzela Ansiosa*, em obras posteriores.⁴⁴

(10) “Arreitada donzella em fofo leito,
Deixando erguer a virginal camisa,
Sobre as roliças coxas se divisa
Entre sombras subtis pachacho estreito.”

⁴³ Manuel Maria de Barbosa l'Hedois Du Bocage - poeta português e um dos maiores representantes do arcadismo lusitano.

⁴⁴ Informações obtidas em MATTOSO, Glauco. *Bocage, o desbocado; Bocage, o desbancado*. São Paulo: 2002. Disponível em: <http://www.elsonfroes.com.br/bocage.htm>. Acesso em: 28 mai. 2020.

Nele, percebemos que o tom erótico, típico do poeta, encontra, novamente, em uma *donzella*, a expressão de uma mulher cujo biotipo, que inclui *roliças coxas*, seduz os homens. Mais uma vez, assim como ocorreu com as *nádegas* descritas no manual de 1393, as *coxas* femininas são perspectivadas como *amplas*, o que nos leva a ampliar a rede enunciativa que produzimos no Quadro 4:

QUADRO 4 - Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 2

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			

Fonte: Elaborado pela autora.

O exemplo (11) corresponde à parte de um poema publicado por Olina, no jornal *O Rio-nu*⁴⁵, em 1899.

(11) “Afinal um bello dia
Encontrei Maricota
Muito esbelta, luzidia,
Gorda como uma bolota!”⁴⁶

Nosso olhar se volta, mais uma vez, para uma FN específica que reafirma o aspecto valoroso do corpo gordo feminino. Trata-se da construção nominal *gorda como uma bolota*. Entretanto, o efeito de sentido que positiva o volume do corpo da mulher encontra sustentação em outros convergentes; isto é, em outras perspectivas referenciais, que antecedem a FN marcadora da gordura propriamente dita. Assim:

(11a) “Maricota que era esbelta”

(11b) “Maricota que era luzidia”

é a mesma

⁴⁵ As edições do Jornal (1898 a 1916) podem ser encontradas no acervo da Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Digital Nacional. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/rio-nu/706736>. Acesso em: 30 mai. 2020.

⁴⁶ Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1899_00066.pdf. Acesso em: 30 mai. 2020.

(11c) “Maricota que era gorda como uma bolota.”

Nessa direção é possível que nossa rede enunciativa receba as seguintes agregações:

QUADRO 5 - Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 3

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			

Fonte: Elaborado pela autora.

Fato parecido pode ser notado nos versos de outro poema, publicado no mesmo jornal, em 1900, que compõem o exemplo (12):

(12) “Vistosa e gorda rapariga
De ricas formas um primor!”⁴⁷

Não se trata, apenas, de perspectivar a *rapariga* como *gorda*. Trata-se de uma mulher que, além de gorda, é *vistosa*, de *ricas formas* e *primorosa*.

Assim, podemos oferecer à rede enunciativa da qual participa a FN *corpo gordo* efeitos de sentidos ainda mais ampliados, como pode ser percebido no Quadro 6.

QUADRO 6 - Rede enunciativa: corpo gordo – Ascensão de classe 4

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			

Fonte: Elaborado pela autora.

⁴⁷ O Rio Nu, Rio de Janeiro, ano III, n. 228, 12 set. 1900, p.2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/706736/per706736_1900_00228.pdf. Acesso em: 30 mai. 2020.

As FNs que acabamos de analisar demonstram que há uma identidade de filiação referencial nos discursos que legitimam o corpo gordo como ideal feminino nesse momento histórico. Tal representação se regulariza ancorada em enunciados que ganham pertinência social e, conseqüentemente, passam a alimentar o memorável de enunciações futuras até que a dinâmica enunciativa regularize novos referenciais.

Passemos a explorar de que forma essa dinâmica acontece, observando os próximos exemplos.

4.1.1.1 Corpo gordo ampulheta

Nos anos finais do século XIX, o corpo considerado belo já não era mais o corpo gordo, roliço em todas as suas partes. Gradualmente, este deixou de ser sinônimo de beleza e começou a ser depreciado, principalmente, com a chegada do século XX. Entretanto, sua depreciação não veio de forma imediata. Ela se manifestou de forma gradual. Assim, o novo padrão corporal desejado, e bem quisto, passou a ser aquele modelado pelo espartilho ou *collete*. Esse adereço surgiu como uma alternativa para corrigir as “imperfeições” do corpo feminino, delineando os contornos naturais desse corpo e conferindo imponência à figura feminina, perante a sociedade da época.

Esse novo cânone estético modelou o corpo gordo, transformando-o no corpo gordo ampulheta. A cintura deveria ser fina, em contraste com as ancas largas e pernas e braços mais grossos, herdados dos séculos anteriores. Esse intercâmbio entre modelos corporais, simboliza a transição do corpo gordo para o corpo magro, isto é, a FN *corpo gordo ampulheta* traz novas orientações de sentido para o corpo feminino, cuja pertinência pode ser notada nas seguintes ocorrências:

(13)

FIGURA 25 - Anúncio de cintas modeladoras, 1920

BELLEZA

Um rosto FORMOSO e uma cutis encantadora não combinam com um CORPO sem GRAÇA

As mulheres se esforçam muito para conservar ou adquirir uma figura graciosa e um ar erecto, entretanto ha milhares dellas que têm de lutar contra terríveis defeitos por causa de não susterem de uma maneira propria as partes vitais — o abdomen. As mulheres que comprehendem que a moda e uma boa saúde devem andar juntas, deveriam uzar o Supporte Reductor «Buenaforma» com preferencia a qualquer outra cousa, como um auxiliar para

um auxiliar para poder conservar essa graça de movimento essa formosura de forma — esse equilibrio de porte — esse extra porte adicional que os colletes e supportes communs não podem dar. O resultado que se obtem é melhor saúde, e por conseguinte, mais belleza.

Note-se a figura que aqui se reproduzio para mostrar como um Supporte Reductor «Buenaforma» se ajusta ao corpo de uma maneira perfeita — observe-se a figura maravilhosamente bella — o porte correcto — a formosura da forma — o encanto da pose, e então poderão comprehendêr porque o Supporte Reductor «Buenaforma» é tão amplamente favorecido pelas senhoras.

Supporte ou apoio e protecção se podem obter por meio do novamente patenteado Supporte Reductor «Buenaforma».

Gratis Si a Sra. uzar ou deve uzar um protector para o abdomen, escreva-nos immediatamente e lhe mandaremos informação detalhada, gratis, carta anatomica e graverá desta maravilhosa invenção.

— COUPON PARA INFORMAÇÃO GRATIS —
GOODFORM MFG Co., — Mills Bldg n.
3327 — St. Louis, Mo., E. U. A.

Eu quero protecção abdominal e desejo saber todo o concernente da sua patente de Buenaforma. Minha medida de cintura é.....polegadas.



Fonte: Anúncio retirado da Revista Fon-Fon, Rio de Janeiro, ano XIV, n.1, 3 jan. 1920, p.54⁴⁸.

(14) “Minha mulher com a cabeleira de fogo de lenha

Com pensamentos de relâmpagos de calor

Com a cintura de ampulheta

Minha mulher com a cintura de lontra entre os dentes de tigre

Minha mulher com a boca de emblema e de buquê de estrelas de primeira grandeza.”

Em (13), temos um anúncio, por meio do qual se divulga a venda de *colletes*, veiculado na edição de 3 de janeiro de 1920 da revista brasileira Fon-Fon, fundada no Rio de Janeiro. Esse tipo de anúncio era facilmente encontrado nos meios de comunicação impressos entre 1910 e 1930, uma vez que nesse período havia uma intensa busca pelo *porte correto*, pela *formosura da forma*, atributos considerados essenciais para que as mulheres pudessem *adquirir uma figura graciosa e um ar erecto*. O valor semântico dessas construções nominais está, pois, afetado pelo efeito das formas, delineadas pelo espartilho, que o corpo feminino deveria ter para ser considerado belo e saudável, posto que a *moda e uma boa aparência devem andar juntas* e o resultado do uso do *collete* seria *melhor saúde, e por conseguinte, mais beleza*; isto é, o corpo valorizado era aquele que possuía um *equilíbrio de porte*, sem *terríveis defeitos*.

⁴⁸ Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_1920/fonfon_1920_001.pdf. Acesso em: 20 mai. 2020.

Em *porte correto*, *formosura de forma* e em *equilíbrio de porte*, os nomes-núcleo dessas FNs (*porte*, *forma* e *equilíbrio*, respectivamente) são utilizados para referir-se ao corpo feminino, de maneira particular, ao formato desejado desse corpo, conferindo-lhe atributos que derivam do uso do espartilho (*formosura* e *correção*).

Tendo em vista o que acabamos de discutir, nossa rede enunciativa poderá receber novas formações:

QUADRO 7 - Rede enunciativa: corpo gordo/corpo gordo ampulheta – Delineamento artificial 1

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	
formosura da forma			
equilíbrio de porte			

Fonte: Elaborado pela autora.

O exemplo (14) são versos retirados do poema “A união livre” de André Breton.

(14) “Minha mulher com a cabeleira de fogo de lenha
Com pensamentos de relâmpagos de calor
Com a cintura de ampulheta
Minha mulher com a cintura de lontra entre os dentes de tigre
Minha mulher com a boca de emblema e de buquê de estrelas de primeira grandeza.”

André Breton foi um escritor e poeta francês, que ganhou prestígio por ser um dos líderes do Movimento Surrealista na literatura⁴⁹. Seus versos expressavam suas emoções e seguiam o fluxo natural do que lhe vinha à mente; isto é, a escrita acontecia de maneira espontânea, sem intervenção da lógica, uma vez que o poeta se filiava à visão de Sigmund Freud sobre o inconsciente, o que influenciou, diretamente, em sua estética surrealista.

⁴⁹ Informações retiradas do site da “Revista Zunai”. Disponível em: http://www.revistazunai.com/traducoes/andre_breton.htm. Acesso em: 02 jun. 2020.

Os versos em análise foram publicados em 1931, traduzidos da obra original “L'union libre”. Breton discorre acerca de suas impressões paradoxais em relação à sua mulher, ora expressando afeto, ora evocando características distorcidas, e, por vezes excêntricas, relacionando-as ao corpo feminino.

De modo específico, os versos

(14a) “Com a cintura de ampulheta”

e

(14b) “Minha mulher com a cintura de lontra entre os dentes de tigre”

despertam nossa atenção e se tornam pertinentes, uma vez que que a FN *cintura de lontra entre os dentes de tigre*, em (14b), desenvolve o sentido “inicial” da FN *cintura de ampulheta*, expressa em (14a), devido à demanda do presente à qual este acontecimento foi submetido. Dito de outra maneira, o acontecimento enunciativo (14) dilata o efeito de sentido de *cintura de ampulheta*, posto que essa formação nominal foi atualizada pela forma linguística *cintura de lontra entre os dentes de tigre*, cujo efeito de sentido é o de uma cintura modelada pelas presas de um animal. Com efeito, tais formas ganham aderência de sentido no acontecimento de que participam, pois se referem à cintura fina do corpo feminino.

Dessa maneira, quanto ao referencial histórico que autoriza essa atualização nominal, percebemos que a formação nominal *cintura de lontra entre os dentes de tigre* apresenta marcas linguísticas da FN *cintura de ampulheta*, uma vez que o nome-núcleo - *cintura* - é mantido e o elemento convergente - *ampulheta* - é substituído por outro que participa do mesmo domínio semântico: *lontra entre os dentes de tigre*.

Com essas novas FNs, podemos ampliar a rede enunciativa que produzimos no Quadro 8:

QUADRO 8 - Rede enunciativa: corpo gordo/corpo gordo ampulheta – Delineamento artificial 2

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre			

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante desse movimento de transformação do corpo gordo, perpassando pelo corpo gordo ampulheta, uma nova regularização de sentidos, advinda de diferentes perspectivas referenciais, foi se configurando nos discursos que se seguiram a partir da metade do século XX. Ou seja, a enunciação que positivava o corpo gordo (ampulheta) da mulher passa, de forma gradual, conforme apresentamos, a lançar um efeito de sentido positivo para outro formato de corpo: o corpo magro. Passemos, agora, então, a investigar as ocorrências que permeiam o corpo magro feminino.

4.1.2 *Corpo magro*

A fim de darmos continuidade às nossas reflexões, procuraremos demonstrar em que medida os discursos produzidos ao longo do século XX delineiam o corpo magro feminino e quais são os movimentos de sentido, e as perspectivas referenciais, que o permeiam e o transformam.

Nos anos 1920, o estilo de vida, bem como os padrões estéticos de beleza eram ditados pelos estúdios de *Hollywood* (DEL PRIORE, 2000), fato que provocou uma intensa mudança no modo de se perceber o corpo feminino. Já nas primeiras décadas do século XX, “a gordura se transforma em inimigo número um da elegância e da felicidade. As medidas corporais tornam-se uma marca de beleza” (FERREIRA, 2010, p.191); tal concepção ainda é pertinente

nos dias atuais. Nessa medida, no início da década de 1930, as práticas de exercícios físicos ao ar livre tornaram-se comuns, transformando, mais uma vez, a silhueta das mulheres da época.

O espartilho, acessório herdado desde a transição do século XIX para o século XX, já não tinha a finalidade de corrigir imperfeições do corpo, tampouco de limitar os movimentos daquelas que o utilizavam; pelo contrário, as “cintas modeladoras”, como eram chamadas, permitiam o livre movimento do corpo.

Passemos a ilustrar, a seguir, a emergência desse novo corpo – o corpo magro – em anúncios veiculados em revistas das décadas de 1930 e 1940.

(15)

FIGURA 26 - Anúncio de cintas, 1930

As **CINTAS** da Notre Dame não comprimem demasiadamente, **MODELAM** —

Leves e elegantes, não prendem os movimentos e dão ao corpo a linha feliz da mocidade.

Visitem a Secção de Cintas, Modeladores e Soutiens, da

NOTRE DAME de Paris

a casa que mais vende em todo o Rio de Janeiro.

Ouvidor, 182

Teleph. -- 2-9050
2-9113



Fonte: Anúncio retirado da Revista Careta, Rio de Janeiro, ano XXVI, n.1320, 7 out. 1933, p.43.⁵⁰

(16)

FIGURA 27 - Trecho de uma reportagem da Revista Careta sobre atrizes hollywoodianas, 1938



de beleza. Os esportes, nos filmes de Hollywood, são universal pretexto para a exibição de belos corpos, de toilettes lindíssimas, de atitudes ageis e harmoniosas. E' de tal forma persuasivo o argumento da beleza, que o mundo inteiro hoje se... despe de acôrdo com a moda de Hollywood. Pôde-se dizer, sem exagero, que foi o cinema americano quem ensinou às mulheres a arte de despir-se publicamente, com decência e bom gosto. Os "maillots",

Fonte: Reportagem retirada da Revista Careta, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 1585, 5 nov. 1938, p.32-33.⁵¹

⁵⁰ Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1933/careta_1933_1320.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020.

⁵¹ Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1938/careta_1938_1585.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020.

(17)

FIGURA 28 - Anúncio do medicamento emagrecedor Leanogin, 1941

OS HOMENS PREFEREM AS MAGRAS

Alguns povos barbaros apreciam, como tipos de beleza feminina, as mulheres gordas e de formas avantajadas. Entre os civilizados, porém, o conceito de beleza é diametralmente oposto. Para o homem de apurado gosto estético, o tipo ideal de beleza é o que se consubstancia na proporcionalidade das diferentes partes do corpo, na harmonia de linhas, na gracilidade do aspecto geral e ainda na normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo.

Só as mulheres que se enquadram dentro destes canones merecem o título de belas. No entanto, se uma deficiência glandular ou metabólica provocar um aumento patológico dos tecidos gordurosos, tornando o físico pesadão e disforme, infringindo, assim, as rígidas leis da beleza feminina, só um tratamento com o famoso medicamento alemão «Leanogin» (composição de algas marinhas, estratos glandulares e hormônios) poderá corrigir permanentemente essa anormalidade e reintegrar o físico no seu antigo aspecto.

Leanogin age nos fenômenos mais sutis de trocas orgânicas, promovendo a queima e eliminação de toda a gordura superflua.

Distribuição de literaturas elucidativas e venda deste produto nas principais drogarias, bem como no Departamento de Produtos Científicos, à rua Alcindo Guanabara, 17-5.º andar, Rio de Janeiro, onde se oferecem, gratuitamente, todos os esclarecimentos.

Leanogin é absolutamente inofensivo, pois, não contém tiroide.



Fonte: Anúncio retirado da Revista Careta, Rio de Janeiro, ano XXXIV, n. 1746, 13 dez. 1941, p.47.⁵²

Em (15), temos o anúncio da venda de uma cinta modeladora.

(15) “As cintas da Notre Dame não comprimem demasiadamente – Leves e elegantes, não prendem os movimentos e dão ao corpo a linha feliz da mocidade.”

Esse tipo de publicidade era amplamente divulgado nos meios de comunicação impressos, que circulavam entre os anos 1920 e os anos 1940.

As cintas modeladoras, como dito anteriormente, não deveriam comprimir o corpo, impossibilitando os movimentos – como nos mostra o anúncio em análise –, uma vez que esse período histórico foi marcado pela prática de atividades físicas, que exigiam maior mobilidade. Seu objetivo era, portanto, dar *ao corpo a linha feliz da mocidade*, atributo essencial para uma mulher *elegante* naquela época. Isto é, o valor semântico da FN *linha feliz da mocidade* encontra-se no referencial temático da beleza, e está afetado pelos traços – finos – e formas que o corpo feminino deveria ter, ainda que, de certa maneira, esse corpo tenha liberdade para praticar determinadas atividades físicas.

⁵² Disponível em:

http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/careta/careta_1941/careta_1941_1746.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020.

Com efeito, de acordo com os padrões corporais desse período, o corpo feminino, belo, deveria apresentar *linhas felizes e finas*, pela compressão da cinta modeladora, aspecto que estava diretamente ligado à noção de *elegância* e de *mocidade*, e que se pauta nas perspectivas referenciais da elegância e da juventude.

QUADRO 9 - Rede enunciativa: corpo magro – Leveza, agilidade e harmonia 1

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre			
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade	

Fonte: Elaborado pela autora.

O trecho da reportagem, em (16), foi retirado da edição da revista brasileira *Careta*, de 5 de novembro de 1938, fundada no Rio de Janeiro, e traz a foto de uma das atrizes mais influentes da época, Ann Rutherford.

(16) “Os esportes, nos films de Hollywood, são universal pretexto para a exibição de belos corpos, de toilettes lindíssimas, de atitudes ágeis e harmoniosas. É de tal fôrma persuasivo o argumento da beleza, que o mundo inteiro hoje se...despe de acôrdo com a moda de Hollywood. Pode-se dizer, sem exagero, que foi o cinema americano quem ensinou às mulheres a arte de despir-se publicamente, com decência e bom gosto.”

Tal reportagem exaltava a grande influência que as atrizes hollywoodianas exerciam sobre o modo de vida das mulheres brasileiras, moldando suas atitudes, hábitos, gostos e seus corpos. Assim, a prática de esportes, mostrada nas telas de *Hollywood*, inspirava mulheres

brasileiras a mostrarem seus *belos corpos* nas praias, nos clubes, ao ar livre, em suma. As mulheres tidas como belas exibiam seus corpos magros em *toilettes*⁵³ lindíssimas e, por serem magras e leves, mostravam *atitudes ágeis e harmoniosas*.

No trecho analisado, as FNs *belos corpos* e *atitudes ágeis e harmoniosas* autorizam investimentos de sentido cuja pertinência orienta-se pelo referencial temático da beleza, historicamente regularizado. Isto é, por estar ancorada no referencial temático da beleza, a FN *belos corpos* é acionada pela perspectiva referencial da leveza e da agilidade, uma vez que, consoante o excerto em análise, a exibição pública dos corpos magros persuadia *o argumento da beleza* e era sinônimo de *bom gosto*, na mesma medida em que a FN *atitudes ágeis e harmoniosas* se ancora, também, na perspectiva referencial da leveza e da agilidade. Assim, ambas construções nominais pertencem ao mesmo domínio semântico: a valorização do corpo magro feminino, o que nos leva a ampliar a rede enunciativa que produzimos no Quadro 10:

QUADRO 10 - Rede enunciativa: corpo magro – Leveza, agilidade e harmonia 2

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO		
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO	
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA	
nádegas largas				
coxas roliças				
gorda como uma bolota				
corpo esbelto				
corpo lúcido				
gorda rapariga				
vistosa rapariga				
ricas formas				
primorosas formas				
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA	
formosura da forma				
equilíbrio de porte				
cintura de ampulheta				
cintura de lontra entre os dentes de tigre				
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade		BELEZA
belos corpos				
atitudes ágeis e harmoniosas				

Fonte: Elaborado pela autora.

A Figura 28, por seu turno, é um anúncio do medicamento *Leanogin*, indicado para o emagrecimento, retirado da edição de 13 de dezembro de 1941, da revista *Careta*.

⁵³ *Toilette* é um termo de origem francesa que se refere a um traje feminino.

(17)

OS HOMENS PREFEREM AS MAGRAS

Alguns povos barbaros apreciam, como tipos de beleza feminina, as mulheres gordas e de formas avantajadas. Entre os civilizados, porém, o conceito de beleza é diametralmente oposto. Para o homem de apurado gosto estético, o tipo ideal de beleza é o que se consubstancia na proporcionalidade das diferentes partes do corpo, na harmonia de linhas, na gracilidade do aspecto geral e ainda na normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo.

Só as mulheres que se enquadram dentro destes canones merecem o título de belas. No entanto, se uma deficiência glandular ou metabólica provocar um aumento patológico dos tecidos gordurosos, tornando o fisico pesadão e disforme, infringindo, assim, as rígidas leis da beleza feminina, só um tratamento com o famoso medicamento alemão «Leanogin» (composição de algas marinhas, estratos glandulares e hormônios) poderá corrigir permanentemente essa anormalidade e reintegrar o fisico no seu antigo aspecto.

Leanogin age nos fenomenos mais sutis de trocas organicas, promovendo a queima e eliminação de toda a gordura superflua.

Distribuição de literaturas elucidativas e venda deste produto nas principais drogarias, bem como no Departamento de Produtos Científicos, à rua Alcindo Guanabara, 17-5.º andar, Rio de Janeiro, onde se oferecem, gratuitamente, todos os esclarecimentos.

Leanogin é absolutamente inofensivo, pois, não contém tiroide.



Como já mencionamos anteriormente, os padrões estéticos de beleza das décadas de 1920, 1930 e 1940 impunham o corpo magro como ideal. Desse modo, além das cintas modeladoras, outra categoria de produtos embelezadores também era marcante nos meios de comunicação impressos: os medicamentos emagrecedores.

No enunciado

(17a) “Os homens preferem as magras”,

presente no título do anúncio, o adjetivo *magras* encapsula um nome (*mulheres*), o que torna pertinente, para nós, a FN *mulheres magras*, que se ancora no referencial temático da beleza, tendo em vista o padrão estético da época em que o anúncio foi veiculado, bem como o fato de que ela se regulariza balizada por enunciados que ganham pertinência social, movimentando a dinâmica enunciativa. Desse modo, ao ser presentificada em enunciação, a FN *mulheres magras* aciona o sentido da apreciação.

A fim de nos atermos um pouco mais no exemplo em questão, investigaremos outro enunciado que nos chamou a atenção nesse acontecimento enunciativo:

(17b) “Alguns povos bárbaros apreciam, como tipos de beleza feminina, as mulheres gordas e de formas avantajadas.”

Em *povos bárbaros*, o elemento perspectivador dessa FN (*bárbaros*) é regularmente utilizado para fazer alusão a pessoas que não são consideradas civilizadas. Historicamente, a expressão “povos bárbaros” era empregada pelos gregos antigos para denominar povos estrangeiros, isto é, todos aqueles que não fossem gregos⁵⁴. Com efeito, essa FN ganha pertinência ao ser atualizada no acontecimento enunciativo de que participa, uma vez que a construção de sentido desses elementos é antes social, histórica e, portanto, enunciativa.

Assim, a FN *povos bárbaros* aciona o sentido da contraposição da beleza, posto que somente aqueles que são *bárbaros* e, por conseguinte, não-civilizados, consideram *mulheres gordas de formas avantajadas*, belas. Em outros termos, os convergentes *gordas* e *avantajadas* são utilizados para referir-se ao corpo gordo feminino; isto é, essa foi a forma linguística utilizada no texto para descrever o tipo de corpo que não é desejado, e nem bem visto, naquela sociedade, o que reafirma o padrão corporal vigente na época: o corpo magro.

Desse modo, *entre os civilizados*, a beleza está *na normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo*, ou seja, belas eram as *mulheres magras*, que possuíam *harmonia nas linhas*. Contudo, aquelas que tinham um *físico pesado e disforme* estariam *infringindo, assim, as rígidas leis da beleza feminina*. Para o *homem de apurado gosto estético*, portanto, *só as mulheres que se enquadram dentro destes cânones merecem o título de belas*.

Tendo em vista o que acabamos de discutir, nossa rede enunciativa poderá receber novas formações:

⁵⁴ Informações retiradas do *site* Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-eram-os-barbaros/>. Acesso em: 06 jun.2020.

QUADRO 11 - Rede enunciativa: corpo magro – Leveza, agilidade e harmonia 3

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO		
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO	
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA	
nádegas largas				
coxas roliças				
gorda como uma bolota				
corpo esbelto				
corpo luzidio				
gorda rapariga				
vistosa rapariga				
ricas formas				
primorosas formas				
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA	
formosura da forma				
equilíbrio de porte				
cintura de ampulheta				
cintura de lontra entre os dentes de tigre	Corpo magro	Leveza/ agilidade		BELEZA
linha feliz da mocidade				
belos corpos				
atitudes ágeis e harmoniosas				
mulheres magras				
harmonia nas linhas				
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo				

Fonte: Elaborado pela autora.

A fim de darmos continuidade às nossas investigações, passaremos a analisar ocorrências dos anos 1950, período no qual o corpo magro passou a ter novas perspectivas enunciativas para ser considerado belo.

4.1.2.1 Corpo magro curvilíneo

Ainda que o padrão estético de beleza exigisse a cintura fina, como nos anos anteriores, em 1950 eram consideradas belas somente as mulheres que possuíssem, também, coxas grossas e seios mais aparentes, atributos que até os anos 1940 eram condenáveis. Nas palavras Sant’Anna, nesse período, “o pior quadro da feiura era uma mulher sem curvas, quadris estreitos, cintura larga e seios achatados” (SANT’ANNA, 2014, p.100 *apud* AIRES, 2019, n.p.)

Passemos, agora, a ilustrar o que acabamos de dizer por meio dos seguintes exemplos:

(18) FIGURA 29 - Anúncio dos comprimidos Vikelp, 1950

livre-se do
**COMPLEXO
DA MAGREZA**

Vikelp transforma os magros de nascença em criaturas fortes e cheias de vida

Cuidado com essa magreza! Dia a dia, essas palavras forem a sua sensibilidade, tornando sua vida um fardo insuportável. V. deixa de ir às praias... usa roupas fechadas... adquire o complexo da magreza. Vikelp trouxe novo alento aos magros de nascença. É um poderoso concentrado vegetal assimilável, à base de sais minerais, vitaminas e iodo natural extraído da alga marinha "kelp". A sua ação tônica e restauradora sobre glândulas, músculos e nervos é extraordinária. Em poucos dias Você verá carnes rijas vencerem a magreza do seu corpo, voltando as forças, a energia e a confiança em si mesmo. Comece a tomar Vikelp hoje mesmo.



COMPRESSOS
VIKELP

Distribuidores: COMPANHIA INDUSTRIAL FARMACÊUTICA - Caixa Postal 3786 - Rio de Janeiro

Fonte: Propagandas Históricas, 2015.⁵⁵

(19) FIGURA 30 - Anúncio dos comprimidos Vikelp, anos 1950

SOU MAGRA DE NASCENÇA... NUNCA PASSAREI DISTO!

OS "MAGROS DE NASCENÇA"

podem agora ganhar 2 kilos numa semana e ter um aspecto melhor.

EU DIZIA O MESMO ANTES DE USAR O VIKELP!

Um novo concentrado de minerais, extraído de plantas marinhas e luto de drogas, rico em IODO ASSIMILAVEL, ferro, cobre, phosphato de calcio e vitamina B, está restaurando milhares de pessoas nervosas, magras e esgotadas, que usaram sem resultados outros productos.

Éis uma boa notícia para as pessoas "magras de nascença" que, embora bem alimentadas, não conseguem augmento de peso, por maior que seja. Foi descoberto um novo methodo de obter varios kilos de carnes rijas que cubram as necessidades e depressões que tanto enleiam as pessoas magras de ambos os sexos, mesmo daquellas que durante varios annos tiveram o peso muito abaixo do normal. Garante-se um augmento de 1 1/2 a 3 1/2 kilos numa semana, conquanto não sejam raros os casos de obção de 5 a 7 kilos no mesmo espaço de tempo.

Essa nova descoberta, cujo nome é Vikelp, oferece agora praticamente, numa forma concentrada, todos os minerais de importancia vital na alimentação. Esses minerais, tão necessarios á digestão de gorduras e amilacos, elementos do peso nas suas refeições diarias, são proporcionados ao organismo em combinação com uma dose de IODO NATURAL.

O IODO NATURAL ASSIMILAVEL, de Vikelp atua nas glândulas internas controladoras da assimilação, processo que converte os alimentos digeridos em carnes solidas e firmes. Além disso, Vikelp contém a dose diaria de ferro, cobre e phosphato de calcio, bem como da importante Vitamina B, de que carece o organismo.

Use Vikelp durante uma semana e veja a diferença. Si V.S. não lucrar ao menos 2 kilos, devolveremos o seu dinheiro. Vikelp custa pouco e encontra-se á venda em todas as pharmacies e drogarias.

LABORATORIOS ASSOCIADOS DO BRASIL, LTDA.
Rua Paulino Fernandes, 49 - Rio de Janeiro

Comprimidos **VIKELP**

Fonte: Escreva Lola Escreva, 2012.⁵⁶⁵⁵ Disponível em: <https://www.propagandashistoricas.com.br/2015/03/livre-se-da-magreza.html>. Acesso em: 24 mai. 2020.⁵⁶ Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/02/guest-post-padrao-esse-moco-bipolar.html>. Acesso em: 06 jun. 2020.

As Figuras 29 e 30 são anúncios dos comprimidos *Vikelp*. Esse medicamento prometia combater o *complexo da magreza*, isto é, aqueles que eram *magros de nascença*, ao fazerem uso desse medicamento, poderiam adquirir até dois quilos a mais em poucos dias. Desse modo, em ambos anúncios, há a presença dos seguintes enunciados:

(18a) “Livre-se do COMPLEXO DA MAGREZA. Vikelp transforma os magros de nascença em criaturas fortes e cheias de vida”;

(18b) “Em poucos dias você verá carnes rijas vencerem a magreza do seu corpo, voltando as forças, a energia e a confiança em si mesma”

e

(19a) “Os magros de nascença podem ganhar dois quilos numa semana e ter um aspecto melhor”.

A FN *criaturas fortes e cheias de vida*, retirada da Figura (29), mobiliza a perspectiva referencial da saúde, e o valor semântico dessa construção nominal está atrelado à ótica de valorização do corpo magro com curvas, isto é, no campo do memorável, os adjetivos *fortes* e *cheias de vida* são utilizados na perspectivação de qualidades positivas ao nome ao qual se articulam: o corpo que possui cintura fina, quadris mais largos e seios mais fartos; um corpo que, diferentemente do *magro de nascença*, apresenta *carnes rijas*. Sob essa ótica, o corpo *magro de nascença*, sem curvas, passa a ser indesejado nesse período, uma vez que ele se torna sinônimo de um corpo *mal nutrido, sem forças e sem energia*; e, por esse motivo, deveria ser fortalecido com o complexo vitamínico anunciado, para adquirir *um aspecto melhor*.

As mulheres que possuíssem um corpo *magro de nascença* deveriam ter *cuidado com essa magreza*. Vale ressaltar que não se trata, aqui, de um retorno do ideal do *corpo gordo*, já que as consideradas belas eram aquelas que possuíam como atributos *carnes rijas*, ou seja, firmes e, por isso, eram *criaturas fortes e cheias de vida*, confiantes e atraentes, com um corpo cujo delineamento era natural, não mais realizado pelo espartilho ou pelos coletes. Não estamos diante de um corpo gordo que precisa ser modelado, mas de um corpo magro, cujas curvas são características da própria mulher.

Com essas novas FNs, podemos ampliar a rede enunciativa que produzimos no Quadro 12:

QUADRO 12 - Rede enunciativa: corpo magro curvilíneo – Delineamento natural

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO		
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO	
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA	
nádegas largas				
coxas roliças				
gorda como uma bolota				
corpo esbelto				
corpo luzidio				
gorda rapariga				
vistosa rapariga				
ricas formas				
primorosas formas				
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA	
formosura da forma				
equilíbrio de porte				
cintura de ampulheta				
cintura de lontra entre os dentes de tigre	Corpo magro	Leveza/ agilidade		BELEZA
linha feliz da mocidade				
belos corpos				
atitudes ágeis e harmoniosas				
mulheres magras				
harmonia nas linhas				
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	BELEZA	
criaturas fortes e cheias de vida				
carnes rijas				
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]				

Fonte: Elaborado pela autora.

Durante a transição da década de 1950 para a década de 1960, um novo cânone estético transformou, mais uma vez, as formas do corpo feminino. O corpo curvilíneo de atrizes como Marilyn Monroe, que nos anos de 1950 inspirava mulheres a imitá-lo, deixou de ser desejado. Retomando os dizeres de Lopes (2018), com a chegada da década de 1960, a “silhueta longilínea, [era sinônimo de] corpo da moda, logo, mulher bonita, atraente, moderna; silhueta curvilínea, corpo fora de moda, logo, mulher feia, desagradável, atrasada” (LOPES, 2018, p.98).

4.1.2.2 Corpo magro longilíneo

Esse novo modelo corporal, magro longilíneo e saudável, já não possuía “curvas artificiais”, visto que os espartilhos e as cintas modeladoras deixaram de fazer parte do vestuário feminino a partir de 1960; tampouco “curvas naturais”, como na década anterior, adquiridas por meio de vitaminas e medicamentos. A valorização desse novo padrão, longilíneo e esguio, perdurou até meados dos anos 2000, contudo algumas nuances são perceptíveis nessas décadas de transformação do corpo feminino.

O corpo considerado belo, em 1960, era o corpo reto, extremamente magro e, por isso, longilíneo. A silhueta valorizada ainda era a magra, mas não seguia os excessos dos anos anteriores; almejava-se, portanto, o corpo torneado por músculos, conquistados através de dietas saudáveis e de exercícios físicos.

A intensa exigência dos direitos iguais entre ambos os sexos – feminino e masculino –, defendida pelos movimentos feministas nas décadas anteriores, provocou efeitos marcantes nos anos 1980. Mulheres conquistaram cargos profissionais de sucesso e prestígio que eram ocupados, até então, exclusivamente por homens.

Conforme apresentado no capítulo que introduz este trabalho, o padrão físico corporal possui uma característica mutável, que, por seu turno, acompanha as transformações históricas e sociais. Isso posto, na década de 1980, ter uma silhueta andrógina e longilínea, coberta por roupas que traziam “um ar masculino” – com ombros alargados por enchimento e cintura e quadris marcados pelos *tailleur*⁵⁷ –, era sinônimo de “competência”.

À vista do exposto, Madureira (2013) afirma que

a mulher moderna da década de 1980 era ainda mais poderosa do que a da década anterior. Além de mãe, jovem, malhada, magra, bronzada, descontraída, profissional, bonita e liberada, a mulher moderna devia ser também masculina. A *femme fatale* descreve bem essa nova identidade feminina: meio homem, meio mulher. (MADUREIRA, 2013, p.90).

Esse período da história foi marcado pela intensa busca por um corpo perfeito, este sempre alinhado à ideia de felicidade e de modernidade; isto é, o sucesso profissional e pessoal estavam diretamente ligados às formas do corpo. O fim dos anos 1980 trouxe, também, o fim dos corpos saudáveis, que buscavam a magreza através de exercícios físicos. O corpo magro ainda imperava como belo. No entanto, esse padrão já não contemplava mais um corpo sadio e

⁵⁷ Vestimenta feminina composta pelo conjunto de paletó com ombros marcados, como no vestuário masculino, e saia justa no quadril e cintura.

forte. A silhueta feminina assemelhava-se, nos anos 1990, a um estado de desnutrição e fragilidade.

Esse novo modelo de beleza corporal perdurou até os anos iniciais do século XXI, posto que esse período foi marcado pelo grande sucesso das supermodelos, que exibiam, nas passarelas, corpos altos e extremamente magros.

A obsessão em alcançar esse arquétipo “ideal” levou muitas mulheres e jovens a seguirem dietas prejudiciais à sua saúde. Por esse motivo, assuntos relacionados à bulimia, e à anorexia, passaram a ser constantemente discutidos pela mídia da época. Nas palavras de Araújo (2007),

a partir da década de 90 ocorreu a valorização das supermodelos e isso fez com que a cultura da magreza, da juventude e da beleza adquirisse mais força. Ser modelo passou a ser uma aspiração legítima das meninas e um desejo das mulheres. Todas, independentemente da idade, querem ser lindas, magras e jovens. (ARAÚJO, 2007, p.6).

Conforme supracitado, mulheres de todas as faixas etárias buscavam alcançar um corpo magro que se aproximasse aos corpos longilíneos, que desfilavam nas passarelas dos desfiles de moda. Sob essa ótica, as indústrias alimentícia, esportiva e cosmética, bem como a mídia, começaram a utilizar, como estratégia de *marketing*, produtos que prometessem a manutenção de um corpo magro, livre de gorduras e, por isso, belo.

A fim de ilustrarmos o que acabamos de expor, analisaremos alguns enunciados retirados das Figuras 31 e 32.

(20)

FIGURA 31 - Post da agência de modelos *You Models*

Modelo Fotográfica, Modelo Fotográfico ou Modelo Comercial?

Como muita gente ainda tem dúvidas sobre esses termos, a YOU models preparou esse texto para acabar de uma vez por todas com essa confusão.

Dos anos 80 até os anos 90 era muito comum usar os termos **MODELO FOTOGRAFICO** ou **MODELO FOTOGRAFICA** para caracterizar os modelos que hoje em dia chamamos de **MODELOS COMERCIAIS**.

Os artigos "O" ou "A" eram usados no final da termo **modelo fotográfico**, para diferenciar um modelo masculino de um modelo feminino... Mas com o passar do tempo, a MÍDIA de uma maneira geral, entendeu que essa categoria de modelos não faz apenas **trabalhos fotográficos**, mas também atuam em filmes publicitários, ações de marketing/eventos e até em desfiles de alguns produtos adequados à esse perfil, como por exemplo, desfiles de calçados, (onde geralmente os fabricantes preferem modelos com pés pequenos).

Hoje em dia essa categoria de modelos definitivamente é chamada de **MODELOS COMERCIAIS**.

Mas existem diferenças entre as categorias de modelos? Sim, existem muitas diferenças.

Atualmente existem basicamente dois perfis de modelos e seus subtipos conforme explicamos a seguir:

Modelo Fashion e Modelo Comercial.

Modelo fashion:
Os critérios e regras exigidos para ser um modelo fashion de sucesso, são bastante rigorosos, principalmente em relação às medidas.

As meninas precisam ter um biotipo magro e longilíneo, geralmente com altura acima de 1:74m/1:75m até 1:82m/1:83m, bem sequinhas, com quadril igual ou menor que 88cm, e cintura fina em torno de 60cm a 63cm, já que esse corpo será um cabide para vestir roupas de tamanho único feitas exclusivamente para a apresentação inaugural de uma coleção, nos manequins 38, na maioria das vezes 36 e pasmem até no manequim 34 !! (no padrão europeu). A Beleza deve ser óbvia, mas isso é muito relativo, já que muitos modelos fashion de sucesso tem um certo exotismo e nem sempre possuem um rosto que agrada à um consenso geral de beleza. Na realidade a beleza exótica é muito valorizada no modelo de padrão fashion.

Fonte: *You Models*, 2017.⁵⁸

⁵⁸ Disponível em: <http://www.youmodels.com.br/index.php/institucional/blog/1340>. Acesso em: 15 jan. 2021.

(21)

FIGURA 32 – Publicação no *blog Dress Code* sobre a silhueta longilíneaFonte: *Dress Code*, 2020⁵⁹.

O acontecimento (20) é um *post* de uma agência de modelos, cuja finalidade, segundo a publicação, é esclarecer possíveis enganos em relação aos termos “modelo fotográfica(o)”, “modelo comercial” e “modelo *fashion*”. No entanto, deteremos nossa atenção ao enunciado, que segue, por apresentar um detalhamento acerca das medidas corporais, de modelos, exigidas pela empresa:

(20a) “As meninas precisam ter um biotipo magro e longilíneo, geralmente com altura acima de 1:74m/1:75m até 1:82m/1:83m, bem sequinhas, com quadril igual ou menor que 88cm, e cintura fina em torno de 60cm a 63cm, já que esse corpo será um cabide para vestir roupas de tamanho único feitas exclusivamente para a apresentação inaugural de uma coleção, nos manequins 38, na maioria das vezes 36 e pasmem até no manequim 34!! (no padrão europeu). A Beleza deve ser óbvia, mas isso é muito relativo, já que muitos modelos *fashion* de sucesso tem (sic) um certo exotismo e nem sempre possuem um rosto que agrada à (sic) um consenso geral de beleza. Na realidade a beleza exótica é muito valorizada no modelo de padrão *fashion*.”

No trecho anterior, encontramos as FNs *biotipo magro*, *biotipo longilíneo* e *corpo sequinho* que mobilizam a perspectiva referencial da moda. Como podemos perceber, o valor semântico dessas construções nominais está atrelado à valorização do corpo magro longilíneo. Com efeito, um corpo considerado atraente nas passarelas de desfiles de moda é aquele que

⁵⁹ Disponível em: <https://www.dresscode.com.br/silhueta-deixando-visivelmente-mais-longa>. Acesso em: 15 jan. 2021.

apresenta *quadril igual ou menor que 88cm, cintura fina e manequins 34, 36 ou 38*. São essas formas nominais, que significam o *corpo cabide* e orientam, portanto, o referencial temático da beleza.

Desse modo, nossa rede enunciativa poderá receber novas formações, como mostra o Quadro 13.

QUADRO 13 - Rede enunciativa: corpo magro longilíneo – Moda 1

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto			
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre			
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade	
belos corpos			
atitudes ágeis e harmoniosas			
mulheres magras			
harmonia nas linhas			
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo			
criaturas fortes e cheias de vida	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	
carnes rijas			
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]			
biotipo magro	Corpo magro longilíneo	Moda	
biotipo longilíneo			
corpo sequinho			
quadril igual ou menor que 88cm			
cintura fina			
manequim 34			
manequim 36			
manequim 38			
corpo cabide			

Fonte: Elaborado pela autora.

O exemplo (21), por sua vez, é uma matéria especial sobre a *silhueta longilínea*, veiculada em um *blog* de consultoria de imagem.

Na publicação, constatamos a presença das FNs *silhueta longilínea* e *silhueta mais longilínea*. A possibilidade de construção dessas formas linguísticas corresponde, conforme discutimos no item 3⁶⁰ deste trabalho, ao que Dias (2018) nomeia de rede enunciativa, procedimento metodológico que vem balizando nossas análises.

Para tanto, ao voltarmos nosso olhar para o enunciado *toda mulher gosta de olhar no espelho e se sentir longilínea*, percebemos que esse dizer está tomado como uma “verdade universal”, eliminando, de certa maneira, a possibilidade de existência de “subgrupos”; isto é, de preferência por outros formatos de corpo que não sejam o corpo magro longilíneo. Expliquemos melhor. Ao direcionar, argumentativamente, seu dizer, o locutor-publicitário assume um determinado posicionamento no acontecimento enunciativo, ou seja, defende que o corpo almejado por *todas* as mulheres é aquele que possui *silhueta longilínea*. Desse modo, ser uma *mulher longilínea* é análogo a ser bela, uma vez que a moda influencia a perspectiva referencial da beleza para esse corpo.

As construções nominais analisadas – *silhueta longilínea*, *silhueta mais longilínea* e *mulher longilínea* – pertencem ao mesmo domínio semântico: a valorização do corpo magro livre de curvas. Além disso, mobilizam a perspectiva da moda e estão, também, no referencial temático da beleza, o que nos permite ampliar a rede enunciativa que produzimos no Quadro 14.

QUADRO 14 - Rede enunciativa: corpo magro longilíneo – Moda 2

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo lúcido			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre			

⁶⁰ Procedimentos Metodológicos

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade	BELEZA
belos corpos			
atitudes ágeis e harmoniosas			
mulheres magras			
harmonia nas linhas			
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo			
criaturas fortes e cheias de vida	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	
carnes rijas			
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]			
biotipo magro	Corpo magro longilíneo	Moda	
biotipo longilíneo			
corpo sequinho			
quadril igual ou menor que 88cm			
cintura fina			
manequim 34			
manequim 36			
manequim 38			
corpo cabide			
silhueta longilínea			
silhueta mais longilínea			
mulher longilínea			

Fonte: Elaborado pela autora.

Na seção que segue, nos deteremos à transição do *corpo magro longilíneo* para o *corpo definido* por meio dos acontecimentos enunciativos que apresentaremos para análise.

4.1.3 *Corpo definido*

Após anos de valorização do corpo das passarelas, isto é, do corpo magro longilíneo, novos discursos surgem e transformam, mais uma vez, os padrões corporais de beleza. Tal perspectiva exerce, até os dias atuais, grande influência na percepção feminina em relação ao seu corpo. No entanto, como discutimos na seção 1.1.1.2⁶¹ deste trabalho, o modelo de *corpo definido* e *musculoso* já não é mais o único estereótipo almejado pela mulher contemporânea.

⁶¹ Seção intitulada: “E hoje? Que corpo temos? Que corpo queremos?”

O corpo frágil e extremamente magro foi dando espaço para um corpo com novos contornos. Os esforços da grande maioria das mulheres modernas são voltados, agora, para exercícios físicos e dietas que auxiliem na definição dos músculos em seu corpo.

Isto posto, observaremos a emergência do corpo definido nos acontecimentos enunciativos 22, 23 e 24, apresentados a seguir.

(22)

FIGURA 33 – A influência da alimentação para a obtenção de um corpo magro e definido

The image shows a screenshot of a webpage. At the top, there is a banner with the title "55 Alimentos para Construir um Corpo Magro e Definido" in white text on a background of various fruits like apples, grapes, and oranges. Below the title, it says "Especialista: [Julio Bittar](#) e [Dra. Patricia Leite](#) atualizado em 25/06/2014". Below the banner, there is a breadcrumb trail: "Home » Dieta » Dicas para Ganhar Massa Muscular". To the right of the breadcrumb is a search bar with the text "Buscar ...". Below the breadcrumb are social media icons for WhatsApp, Facebook, Twitter, Pinterest, and Email. The main text of the article starts with: "Na maioria dos nossos artigos, procuramos enviar um lance saudável ou uma receita que não será somente deliciosa e saudável, mas também irá ajudar a chegar mais próximo daquela aparência de corpo magro e definido que todo mundo deseja, além de também melhorar sua saúde. Nesse artigo, gostaríamos de passar ideias de alimentos saudáveis de uma forma diferente." Below this is another paragraph: "Lembre-se, se você não tiver junk food na sua casa, você está menos propenso a comê-la. Se tudo o que você tiver forem alimentos saudáveis em casa, você será obrigado a fazer escolhas inteligentes. Simplesmente tudo começa com fazer as escolhas certas e evitar as tentações quando você faz compras no mercado. Agora essas são algumas dicas que poderão lhe dar boas ideias do que você irá gostar." On the right side of the page, there is a section titled "MAIS POPULARES EM DICAS PARA GANHAR MASSA MUSCULAR" with three article teasers: "Seu peso estacionou? Saiba como fugir do efeito platô!", "Dieta Maromba – Alimentos e cardápio para ficar sarado", and "Cuidado com esses erros no".

Fonte: Mundo Boa Forma, 2014⁶².

⁶² Disponível em: <https://www.mundoboaforma.com.br/55-alimentos-para-construir-um-corpo-magro-e-definido/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

(23)

FIGURA 34 – O *corpo definido* em manchete


Notícias

Antes longilíneas, as modelos agora exibem braços musculosos, pernas grossas e abdome definido.

Por Agneta Elias, 09/09/2016 às 11:24

A mudança do padrão de corpo idealizado por mulheres frequentadoras de academias chegou às vitrines de lojas. Não nas roupas, mas nas próprias manequins usadas para expor camisetas, tops e shorts. Antes longilíneas, as modelos agora exibem braços musculosos, pernas grossas e abdome definido.

A adoção de manequins com corpo mais atlético, beirando o bombado, começou há dois anos, durante os preparativos para Copa do Mundo. A aposta nesse novo padrão ganhou força e se mantém, agora de olho nas Olimpíadas. As medidas de braços e pernas aos poucos foram aumentando. A cintura, antes muito fina, começou a ficar mais próxima daquela apresentada por mulheres que fazem regularmente atividade física.

As medidas não são escolhidas ao acaso e refletem corpos de manequins mulheres atletas, que são recrutadas como modelos. "Tudo é feito com scanner e impressora 3D", diz. "As medidas são tiradas em várias posições, simulando práticas esportivas. Porque atualmente os manequins também não está estáticos. São expostos nas lojas simulando a prática de exercícios físicos."

Fonte: Itatiaia, 2016.⁶³

(24)

FIGURA 35 – A alimentação e o processo de definição do corpo


Como definir o corpo: 4 dicas valiosas

Por Rodrigo - 28 de setembro de 2020 37109 0

A melhor forma de atingir a tão desejada definição do corpo é fazendo isso de forma segura e saudável. Afinal, não adianta de nada ficar sarado(a), se isso afeta a sua saúde, não é mesmo? Com esse texto você irá aprender sobre **como definir o corpo** a partir da perda de peso feita da maneira correta, incluindo a queima da gordura localizada.

Leia e saiba tudo sobre o assunto!

O que é um corpo definido?

Ter um **corpo definido** e saudável significa perder gordura, tonificar e hipertrofiar seus músculos, melhorar o condicionamento físico, a sua aparência e a autoestima, além de adquirir força e resistência.

Fonte: Companhia Athletica, 2020⁶⁴.

A ocorrência que inicia as análises desta seção é ilustrada pelo seguinte enunciado, retirado da Figura (33):

⁶³ Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/noticia/padrao-de-corpo-de-academias-chega-as-vitrines-com-manequins-bombadas>. Acesso em: 15 jan. 2021.

⁶⁴ Disponível em: <https://ciaathletica.com.br/blog/definicao/como-definir-o-corpo/>. Acesso em: 15 jan. 2021.

(22a) “55 Alimentos para Construir um Corpo Magro e Definido.”

O exemplo (22a) é o título de um artigo publicado em um *blog* especializado em divulgar receitas saudáveis, dar dicas de exercícios físicos e de suplementos alimentares, visando à estética e à saúde.

Ao lançarmos um olhar semântico enunciativo para essa construção, notamos que esse acontecimento surge como uma reescrituração do *corpo magro curvilíneo*, que apresentamos no item 4.1.2.1 deste trabalho. Expliquemos melhor. O *corpo definido* emerge como um corpo que possui curvas, assim como o *corpo magro curvilíneo*. No entanto, os formatos desses corpos se diferenciam, na medida em que o *corpo magro curvilíneo* dispõe de curvas em lugares específicos; isto é, como já discutimos anteriormente, esse corpo possui como atributos cintura fina, coxas grossas e seios mais aparentes. Ainda que o *corpo definido* seja marcado por tais características, dadas as devidas particularidades de cada tipo corporal, suas curvas derivam da ideia de definição dos músculos do corpo, de modo geral.

Por esse motivo, o *corpo magro curvilíneo* está na perspectiva referencial do delineamento natural do corpo, ao passo que o *corpo definido* aciona a perspectiva referencial da saúde, já que essa definição corporal é resultado de atividades físicas e de uma alimentação balanceada.

Em suma, o *corpo definido*, apesar de apresentar uma estrutura mais rígida e musculosa, não deixa de ter, em si, características do *corpo magro*, o que nos permite afirmar que esse tipo corporal é uma maneira diferente de conceber, ou seja, de reescrever, o *corpo magro curvilíneo*.

O exemplo (23) parece fortalecer nossa análise anterior, uma vez que se trata de uma reportagem que ilustra a transição, agora, do corpo magro longilíneo para o corpo definido, no mundo da moda. No enunciado “antes longilíneas, as modelos agora exibem braços musculosos, pernas grossas e abdome definido”, as FNs *braços musculosos*, *pernas grossas* e *abdome definido* trazem uma orientação de sentido para a valorização do corpo definido feminino. Tais FNs continuam ancoradas no referencial temático da beleza e, dessa vez, acionam a perspectiva referencial da saúde. Ou seja, o efeito de sentido é de que não se faz necessário abrir mão do bem-estar físico, para se tornar uma profissional das passarelas. É interessante observarmos que a mudança de perspectiva referencial não ofusca o referencial temático da beleza, pelo contrário, oferece a ele uma ampliação do escopo semântico que o sustenta.

A reafirmação da positivação do corpo definido se dá no seguinte enunciado, retirado do mesmo acontecimento enunciativo: “Padrão de *corpo de academia* chega às vitrines com

manequins ‘bombadas’”. A FN *corpo de academia* aciona o referencial da beleza, já que o desejo em obter um corpo torneado por músculos (e, portanto, saudável) ultrapassa as academias e chega às vitrines das lojas, uma vez que a prática de exercícios vem mudando o estereótipo feminino, bem como sua preferência por modelos de roupas que irão valorizar sua silhueta. Isso pode ser verificado, por exemplo, se observarmos a imagem do manequim com trajes tipicamente utilizados para a prática de exercícios físicos, além do abdome definido, que ilustra a *silhueta bombada*, como sugere o enunciado anterior.

Ainda segundo a reportagem, a adoção de manequins com *corpos atléticos*, quase *bombados*, regularizou novas medidas corporais, já que “as medidas de braços e pernas aos poucos foram aumentando. A cintura, antes muito fina, começou a ficar mais próxima daquela apresentada por mulheres que fazem regularmente atividade física.” Esse novo parâmetro é inspirado em corpos de *mulheres atletas*, que acabam se tornando modelos, tanto para a confecção de manequins para as lojas, quanto para outras mulheres que almejam esse tipo corporal.

Assim, podemos oferecer à rede enunciativa, da qual participa a FN *corpo definido*, efeitos ainda mais amplos de sentido, conforme o Quadro 15.

QUADRO 15 - Rede enunciativa: corpo definido – Saúde 1

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre			
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade	
belos corpos			
atitudes ágeis e harmoniosas			
mulheres magras			
harmonia nas linhas			
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo			

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
criaturas fortes e cheias de vida	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	BELEZA
carnes rijas			
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]			
biotipo magro	Corpo magro longilíneo	Moda	
biotipo longilíneo			
corpo sequinho			
quadril igual ou menor que 88cm			
cintura fina			
manequim 34			
manequim 36			
manequim 38			
corpo cabide			
silhueta longilínea			
silhueta mais longilínea			
mulher longilínea			
corpo magro	Corpo definido	Saúde	
braços musculosos			
pernas grossas			
abdome definido			
corpo de academia			
silhueta bombada			
corpos atléticos			
mulheres atletas			
mulheres que fazem regularmente atividade física			

Fonte: Elaborado pela autora.

A fim de darmos continuidade às nossas análises acerca do corpo definido, observaremos os efeitos de sentido dessa FN no exemplo (24). Trata-se, portanto, de uma publicação em um *blog*, cujo escopo é o universo *fitness* e, por esse motivo, disponibiliza dicas de treinos e de alimentação, para auxiliar no desempenho de atividades físicas e proporcionar bem-estar para aqueles que se exercitam.

O que nos chama a atenção, nesse acontecimento enunciativo, é o conceito de *corpo definido*, que se apresenta da seguinte maneira: “Ter um corpo definido e saudável significa perder gordura, tonificar e hipertrofiar seus músculos, melhorar o condicionamento físico, e sua aparência e autoestima, além de adquirir força e resistência”. Isto é, a regularidade histórica nos permite apreender que um corpo definido é um *corpo saudável*, com *ausência de gordura*, *músculos tonificados e hipertrofiados*. Além disso, consoante a descrição trazida pelo conceito apresentado, esse tipo corporal tem um *bom condicionamento físico*, *boa aparência*, é um *corpo forte e resistente*.

Nesse trecho, as FNs *corpo saudável, ausência de gordura, músculos tonificados, músculos hipertrofiados, bom condicionamento físico, boa aparência, corpo forte e corpo resistente* autorizam investimentos de sentido cuja pertinência continua orientando-se pelo referencial temático da beleza e, em um movimento de entrelaçamento, de constituição de redes, significam o corpo definido.

Além disso, nesse exemplo (24), novamente notamos que essas construções nominais são acionadas pela perspectiva referencial da saúde, uma vez que, de acordo com o excerto em análise, “a melhor forma de atingir a tão desejada definição do corpo é fazendo isso de forma segura e saudável. Afinal, não adianta de nada ficar *sarado(a)*, se isso afeta sua saúde.”

Com essas novas FNs, podemos dar mais um passo na ampliação da rede que estamos construindo sobre os movimentos enunciativos que envolvem a constituição do corpo feminino, ao longo da história, como mostra o Quadro 16.

QUADRO 16 - Rede enunciativa: corpo definido – Saúde 2

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO		
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO	
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA	
nádegas largas				
coxas roliças				
gorda como uma bolota				
corpo esbelto				
corpo lúcido				
gorda rapariga				
vistosa rapariga				
ricas formas				
primorosas formas				
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA	
formosura da forma				
equilíbrio de porte				
cintura de ampulheta				
cintura de lontra entre os dentes de tigre				
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade		BELEZA
belos corpos				
atitudes ágeis e harmoniosas				
mulheres magras				
harmonia nas linhas				
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo				
criaturas fortes e cheias de vida	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	BELEZA	
carnes rijas				
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]				

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
biotipo magro	Corpo magro longilíneo	Moda	BELEZA
biotipo longilíneo			
corpo sequinho			
quadril igual ou menor que 88cm			
cintura fina			
manequim 34			
manequim 36			
manequim 38			
corpo cabide			
silhueta longilínea			
silhueta mais longilínea			
mulher longilínea			
corpo magro			
braços musculosos			
pernas grossas			
abdome definido			
corpo de academia			
silhueta bombada			
corpos atléticos			
mulheres atletas			
mulheres que fazem regularmente atividade física			
corpo saudável			
ausência de gordura			
músculos tonificados			
músculos hipertrofiados			
bom condicionamento físico			
boa aparência			
corpo forte			
corpo resistente			
corpo sarado			

Fonte: Elaborado pela autora.

Após décadas de valorização do corpo magro, livre de gorduras, e que se encaixava em uma espécie de “modelo”, um novo movimento surgiu em meados de 2010. Houve uma repentina mudança no sentido de celebrar a diversidade dos corpos, tanto na mídia, como no universo da moda. Essa nova tendência parece estar diretamente relacionada ao uso, cada vez mais crescente, das redes sociais, onde a pluralidade, simbolizada por usuários comuns, passou a exigir mais representatividade. Estamos nos referindo ao que nos dias de hoje é nomeado como *corpo real*.

4.1.4 *Corpo real*

O corpo emergente do século XXI é balizado pela temática das diferenças, uma vez que busca quebrar estereótipos e representar o plural feminino. Em outros termos, esse novo movimento visa ampliar a visão limitada que existe sobre o conceito de beleza e valorizar os atributos físicos específicos das mulheres, auxiliando-as no processo de aceitação de seus corpos e libertando-as de padrões estéticos inatingíveis.

Diante do exposto, analisaremos ocorrências em que há a representação da beleza feminina, de forma democrática, e sem imposições dos padrões estéticos exigidos pela mídia. Assim, nos ocuparemos em verificar de que maneira esses corpos polissêmicos suscitarão diferentes efeitos de sentido, tendo em vista os acontecimentos enunciativos dos quais fazem parte.

A fim de iniciarmos nossas análises sobre o corpo real, analisaremos o exemplo (25), a seguir:

(25)

FIGURA 36 – Corpo ideal *versus* Corpo real

Corpo ideal e corpo real são conceitos diferentes que definem as **características da estrutura física do corpo humano**.

A principal diferença entre um corpo ideal e um corpo real está precisamente nos fatores que os definem. O corpo ideal é considerado o “corpo perfeito”, ou seja, tido como o **padrão estético idealizado pela sociedade dominante**, que dita o que é bonito e feio, assim como o que está na moda, tanto para os homens como para as mulheres.

Já o corpo real, consiste no “**corpo natural**” das pessoas, ou seja, as diferentes estruturas físicas e estéticas que existem, abrangendo as particularidades e características naturais do corpo de acordo com o ambiente em que este está inserido.

Ao contrário do corpo ideal, que segue uma “receita” que determina estereótipos físicos específicos, o corpo real não tem um padrão básico. Os corpos reais são caracterizados pelas particularidades inerentes de cada estrutura física, seja ela magra, alta, baixa, gorda, loira, morena e etc.

Fonte: Significados, 2020⁶⁵.

O acontecimento enunciativo (25) foi retirado do domínio *Significados*, cuja proposta é disponibilizar definições de termos linguísticos. Assim, nosso olhar se volta para enunciados que constroem os sentidos do *corpo real*, em contraste com o *corpo ideal*. Este último é

⁶⁵ Disponível em: <https://www.significados.com.br/corpo-ideal-e-corpo-real/>. Acesso em: 04 fev. 2021.

indicado como sinônimo de um *corpo perfeito* e, por seguir uma “‘receita’ que determina estereótipos físicos específicos”, esse tipo corporal é “tido como o padrão estético idealizado pela sociedade dominante, que dita o que é bonito e feio, assim como o que está na moda”. Em contrapartida, a ideia de um *corpo natural* se aproxima do *corpo real*, uma vez que ele compreende “as diferentes estruturas físicas e estéticas que existem, abrangendo as particularidades e características naturais do corpo de acordo com o ambiente em que este está inserido.”

Com efeito, a noção de *corpo real* está atrelada à valorização dos atributos físicos naturais e particulares de cada corpo. Assim, defendemos que as FNs *corpo natural* e *diferentes estruturas físicas e estéticas* reescrevem o corpo real e são acionadas pela perspectiva referencial do bem-estar.

QUADRO 17 - Rede enunciativa: corpo real – Bem-estar 1

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO		
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO	
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA	
nádegas largas				
coxas roliças				
gorda como uma bolota				
corpo esbelto				
corpo luzidio				
gorda rapariga				
vistosa rapariga				
ricas formas				
primorosas formas				
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA	
formosura da forma				
equilíbrio de porte				
cintura de ampulheta				
cintura de lontra entre os dentes de tigre				
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade		BELEZA
belos corpos				
atitudes ágeis e harmoniosas				
mulheres magras				
harmonia nas linhas				
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo				
criaturas fortes e cheias de vida	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	BELEZA	
carnes rijas				
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]				

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO		
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO	
biotipo magro	Corpo magro longilíneo	Moda	BELEZA	
biotipo longilíneo				
corpo sequinho				
quadril igual ou menor que 88cm				
cintura fina				
manequim 34				
manequim 36				
manequim 38				
corpo cabide				
silhueta longilínea				
silhueta mais longilínea				
mulher longilínea				
corpo magro				Corpo definido
braços musculosos				
pernas grossas				
abdome definido				
corpo de academia				
silhueta bombada				
corpos atléticos				
mulheres atletas				
mulheres que fazem regularmente atividade física				
corpo saudável				
ausência de gordura				
músculos tonificados				
músculos hipertrofiados				
bom condicionamento físico				
boa aparência				
corpo forte				
corpo resistente				
corpo sarado				
corpo natural	Corpo real	Bem-estar		
diferentes estruturas físicas e estéticas				

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebemos, também, a manifestação do corpo real na Figura 37, que se trata de um anúncio de uma loja de roupas virtual, veiculado na rede social *Instagram*.

(26)

FIGURA 37 – Post do perfil @zinzane no Instagram

Fonte: Instagram, 2020⁶⁶.

Nessa ocorrência, a loja anuncia um novo modelo de vestido que, por ser um *clássico do armário feminino*, *veste vários corpos diferentes*. Esse tipo de publicidade surge diante da necessidade de contemplar a pluralidade de corpos femininos, valorizando seus diversos formatos no âmbito da moda. A inclusão de diferentes tamanhos de uma mesma peça de roupa, nos catálogos de venda das lojas, propicia a quebra de estereótipos exigidos pelos padrões de beleza.

Desse modo, a FN em destaque, *corpos diferentes*, autoriza investimentos de sentido, cuja pertinência orienta-se pelo referencial temático da beleza, na mesma medida em que se ancora na perspectiva referencial do bem-estar.

QUADRO 18 - Rede enunciativa: corpo real – Bem-estar 2

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			

⁶⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/zinzaneoficial/>. Acesso em: 07 set. 2020.

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	BELEZA
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre			
linha feliz da mocidade	Corpo magro	Leveza/ agilidade	
belos corpos			
atitudes ágeis e harmoniosas			
mulheres magras			
harmonia nas linhas			
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	
criaturas fortes e cheias de vida			
carnes rijas			
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]	Corpo magro longilíneo	Moda	
biotipo magro			
biotipo longilíneo			
corpo sequinho			
quadril igual ou menor que 88cm			
cintura fina			
manequim 34			
manequim 36			
manequim 38			
corpo cabide			
silhueta longilínea			
silhueta mais longilínea			
mulher longilínea	Corpo definido	Saúde	
corpo magro			
braços musculosos			
pernas grossas			
abdome definido			
corpo de academia			
silhueta bombada			
corpos atléticos			
mulheres atletas			
mulheres que fazem regularmente atividade física			
corpo saudável			
ausência de gordura			
músculos tonificados			
músculos hipertrofiados			
bom condicionamento físico			
boa aparência			
corpo forte			
corpo resistente			
corpo sarado			

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
corpo natural	Corpo real	Bem-estar	BELEZA
diferentes estruturas físicas e estéticas			
corpos diferentes			

Fonte: Elaborado pela autora.

O exemplo (27), por seu turno, é um trecho de uma reportagem que discute sobre a exposição dos corpos reais de celebridades femininas brasileiras, nas redes sociais.

(27)

FIGURA 38 – O *corpo real* de celebridades brasileiras



Fonte: *Pure People*, 2020⁶⁷.

De acordo com a matéria do *site Pure People*, a modelo Mariana Goldfarb compartilhou em seu perfil do *Instagram* uma foto *assumindo o corpo real*. Diante desse fato, Mariana afirma que se sente feliz com um corpo *perfeitamente imperfeito*, isto é, não se incomoda em ter um corpo com *estrias, celulite e espinhas*.

Por aceitar seu *verdadeiro* corpo e atribuir a ele aspectos positivos e valorosos, ainda que este não seja *perfeito*, a modelo desperta efeitos de sentido positivos em suas seguidoras que, em certa medida, se identificam com as “imperfeições” de seus corpos.

O exemplo anterior analisado nos permite criar construções nominais que se encontram no referencial temático da beleza, mas que não são, de forma regular, utilizadas para significar um corpo considerado belo. No entanto, tais FNs são presentificadas e atualizadas no

⁶⁷ Disponível em: https://www.purepeople.com.br/noticia/corpo-real-com-estrias-isis-valverde-e-mais-famosas-postam-fotos-sem-edicao-veja_a304115/1. Acesso em 05 fev. 2021.

acontecimento enunciativo, ganhando novos contornos de sentido que valorizam os corpos plurais, são elas: *corpo perfeitamente imperfeito; corpo com estrias; corpo com celulite; corpo com espinhas; corpo verdadeiro.*

Com essas novas FNs, podemos ampliar a rede enunciativa, como mostra o Quadro 19, a seguir.

QUADRO 19 - Rede enunciativa: corpo real – Bem-estar 3

FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
lombo de boa aparência	Corpo gordo	Ascensão de classe	BELEZA
nádegas largas			
coxas roliças			
gorda como uma bolota			
corpo esbelto			
corpo luzidio			
gorda rapariga			
vistosa rapariga			
ricas formas			
primorosas formas			
porte correto	Corpo gordo ampulheta	Delineamento/ traçado do corpo (artificial)	
formosura da forma			
equilíbrio de porte			
cintura de ampulheta			
cintura de lontra entre os dentes de tigre	Corpo magro	Leveza/ agilidade	
linha feliz da mocidade			
belos corpos			
atitudes ágeis e harmoniosas			
mulheres magras			
harmonia nas linhas			
normal distribuição dos diferentes tecidos do organismo	Corpo magro curvilíneo	Delineamento/ traçado do corpo (natural)	
criaturas fortes e cheias de vida			
carnes rijas			
corpo de aspecto melhor [do que aquele do corpo magro]	Corpo magro longilíneo	Moda	
biotipo magro			
biotipo longilíneo			
corpo sequinho			
quadril igual ou menor que 88cm			
cintura fina			
manequim 34			
manequim 36			
manequim 38			
corpo cabide			
silhueta longilínea			
silhueta mais longilínea			
mulher longilínea			

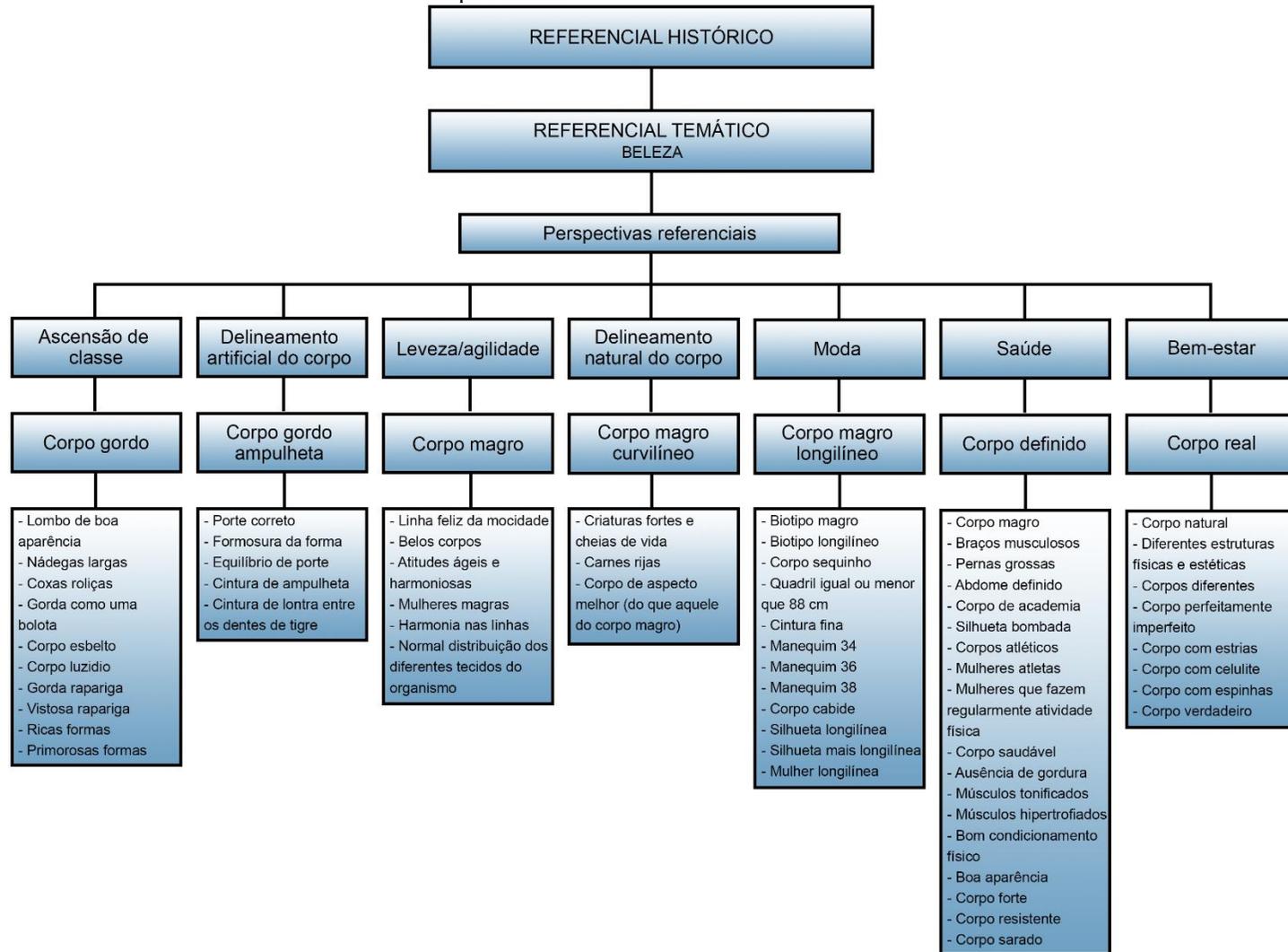
FN (coletadas e/ou produzidas a partir dos exemplos)	FN (em processo de reescrituração)	REFERENCIAL HISTÓRICO	
		PERSPECTIVA REFERENCIAL	REFERENCIAL TEMÁTICO
corpo magro	Corpo definido	Saúde	BELEZA
braços musculosos			
pernas grossas			
abdome definido			
corpo de academia			
silhueta bombada			
corpos atléticos			
mulheres atletas			
mulheres que fazem regularmente atividade física			
corpo saudável			
ausência de gordura			
músculos tonificados			
músculos hipertrofiados			
bom condicionamento físico			
boa aparência			
corpo forte			
corpo resistente			
corpo sarado			
corpo natural			
diferentes estruturas físicas e estéticas			
corpos diferentes			
corpo perfeitamente imperfeito			
corpo com estrias			
corpo com celulite			
corpo com espinhas			
corpo verdadeiro			

Fonte: Elaborado pela autora.

Sem pretender esgotar as discussões acerca do movimento de sentidos que regulariza os discursos sobre o corpo feminino, tentamos realizar um investimento de análise de alguns exemplares coletados da mídia impressa, com os quais sistematizamos, por meio de redes, o seguinte panorama enunciativo:

(28)

FIGURA 39 – Síntese da rede enunciativa do corpo feminino



Fonte: Elaborado pela autora

Na investigação que realizamos, partimos da hipótese de que o referencial temático da beleza – grande balizador das análises deste trabalho – manifesta-se em perspectivas. O que pudemos perceber em nosso *corpus* é o fato de que as perspectivas referenciais (ascensão de classe, delineamento artificial do corpo, leveza/agilidade, delineamento natural do corpo, moda, saúde, bem-estar), por sua vez, exigem um movimento de interpretação do enunciado. Desse modo, ao serem acionadas na enunciação, mobilizam os sentidos, uma vez que agregam significações ao referencial temático (beleza), dependendo do olhar, do ponto de vista que se oferece ao enunciado em análise. Temos assim constituído o que Dias (2013a; 2013b; 2018) nomeia como Referencial Histórico, e que nós entendemos como sendo o que sustenta a pertinência dos dizeres sobre o corpo feminino ao longo do tempo.

4.2 O processo de reescrituração da FN *corpo real* e suas direções argumentativas

A fim de tentarmos atingir o segundo objetivo proposto neste estudo, **demonstraremos em que medida as FNs analisadas, por meio das direções argumentativas, oferecem-se como ancoragem para a produção e atualização dos sentidos, tendo em vista o processo de reescrituração.**

Para tanto, retomaremos FNs analisadas na seção anterior que reescreveram o *corpo real*. Ressaltamos que esse procedimento poderia ser realizado com todas as FNs aqui descritas, mas entendemos que, ao investirmos nosso olhar em apenas uma delas, será possível criar uma sistematização capaz de ilustrar a dinâmica enunciativa que se manifesta, também, nas demais. Contudo, antes de nos determos à questão do *corpo real*, pretendemos, neste momento, retomar alguns pontos apresentados na dissertação, a respeito dos conceitos de *reescrituração* e de *argumentatividade*, para que possamos aprofundar nossas discussões durante o processo de análise.

O primeiro pressuposto teórico que balizará as análises desta seção é o modo de relação enunciativa por reescrituração que, como já abordamos, consiste no movimento de “dizer novamente”; isto é, trata-se de uma relação em que a enunciação rediz o que já foi dito (GUIMARÃES, 2018). Esse processo, por sua vez, atravessa a linearidade do texto e se materializa no acontecimento enunciativo, produzindo diferentes efeitos de sentido, uma vez que, por marcarem diferentes possibilidades de redizer aquilo que já foi dito, os sentidos estão em constante movimento e, por essa razão, registram novas pertinências na história.

A segunda perspectiva adequada às nossas análises é o conceito de argumentatividade, proposto por Guimarães (2018). Para o autor, a argumentatividade está associada ao processo de produção de sentidos e, quando materializada no acontecimento enunciativo, orienta os dizeres.

Salientamos, conforme já apresentado, que a argumentatividade corresponde a um procedimento específico, que faz parte da *argumentação*. Esta, por seu turno, é definida por Guimarães (2013) como a sustentação de uma posição e não visa, portanto, ao convencimento do interlocutor, tampouco está atrelada à ideia de intenção daquele que fala.

Com vistas a compreendermos o processo de reescrituração da FN *corpo real*, bem como os diversos efeitos de sentido advindos dos direcionamentos argumentativos, partimos da premissa de que, em comparação com as FNs *corpo gordo*, *corpo magro* e *corpo definido*, *corpo real* ainda se encontra em um movimento enunciativo mais tímido no que se refere a fixar-se como uma regularidade de dizer, ao passo que as FNs *corpo gordo*, *corpo magro* e *corpo definido* já possuem mais aderência na história.⁶⁸

Dito isto, retomaremos as Figuras (36), (37) e (38), analisadas no item 4.1.4 (*Corpo real*), para balizarem o percurso de análise da reescrituração e das direções argumentativas a respeito do *corpo real*. A proposta de interligar ambas as seções se justifica pelo fato de que procuraremos explicitar como a dinâmica enunciativa se mobiliza, por meio da reescrituração, para sustentar a pertinência enunciativa da FN *corpo real* orientando, positivamente, a argumentação sobre a mulher que aceita seu corpo com suas características naturais, além de se preocupar com seu bem-estar, em detrimento dos padrões estéticos. Assim, se na seção anterior tais exemplos se prestaram à demonstração sobre em qual perspectiva referencial essas FNs se assentam, agora passarão a alicerçar o entendimento acerca de qual processo de argumentatividade sobre o corpo feminino ajudam a constituir.

⁶⁸ Em uma breve pesquisa no *site* de buscas *Google*, realizada no dia 14.02.21, utilizamos essas FNS (*corpo gordo/corpo magro/corpo definido/corpo real* e suas respectivas formas plurais) como entrada de buscas, entre aspas, e encontramos a seguinte quantificação de resultados: i) *corpo gordo* = 212.000 resultados; ii) *corpo magro* = 463.000 resultados; iii) *corpo definido* = 341.000 resultados; iv) *corpo real* = 106.000 resultados.

(25)⁶⁹**FIGURA 36 – Corpo ideal versus Corpo real**

Corpo ideal e corpo real são conceitos diferentes que definem as **características da estrutura física do corpo humano**.

A principal diferença entre um corpo ideal e um corpo real está precisamente nos fatores que os definem. O corpo ideal é considerado o “corpo perfeito”, ou seja, tido como o **padrão estético idealizado pela sociedade dominante**, que dita o que é bonito e feio, assim como o que está na moda, tanto para os homens como para as mulheres.

Já o corpo real, consiste no “**corpo natural**” das pessoas, ou seja, as diferentes estruturas físicas e estéticas que existem, abrangendo as particularidades e características naturais do corpo de acordo com o ambiente em que este está inserido.

Ao contrário do corpo ideal, que segue uma “receita” que determina estereótipos físicos específicos, o corpo real não tem um padrão básico. Os corpos reais são caracterizados pelas particularidades inerentes de cada estrutura física, seja ela magra, alta, baixa, gorda, loira, morena e etc.

(26)

FIGURA 37 – Post do perfil @zinzane no Instagram

Zinzane 9 h · 🌐

O vestido cachecoeur, transpassado no busto, é um clássico do armário feminino que veste vários corpos diferentes. Atualizamos a peça com malha soft, da nossa Linha Fresh: perfeita para quem vive na correria e não dispensa praticidade, né @rakaminelli e @deborafernandesplus?

Vestido Joana Midi Ref. 021832
R\$129,99 <https://bit.ly/2Z5Yula>



(27)

FIGURA 38 – O corpo real de famosas brasileiras

marianagoldfarb 96.3 mil seguidores



'TENHO ESTRIAS, CELULITE, ESPINHA', DETALHOU MARIANA GOLDFARB

Casada com Cauã Reymond desde abril de 2019, [Mariana Goldfarb](#) compartilhou foto de biquíni assumindo o corpo real. “Sim, eu tenho estrias, e celulite, e espinha, e encolho a barriga e sou feliz assim”, afirmou em relação às marquinhas. Em outro momento, com uma [foto de close do seu bumbum reforçou a autoaceitação](#). “Perfeitamente imperfeito. Bom dia real, verdadeiro, natural, gostoso! Bora!”, escreveu a apresentadora, sendo parabenizada pelos seguidores. “O mundo precisa de mulheres como você”, comentou uma fã.

⁶⁹ Optamos por manter tanto a numeração do exemplo quanto a da Figura como aparecem na primeira ocorrência do trabalho. As fontes desses textos também constam em seus primeiros aparecimentos na pesquisa.

O exemplo (25) traz descrições que estabelecem uma breve comparação entre o *corpo real* e o *corpo ideal*. Este último, como já discutimos anteriormente, é sinônimo de *corpo perfeito*, por não admitir, em sua essência, o que os padrões estéticos determinam como defeitos. O *corpo real*, por sua vez, é denominado como aquele que compreende “as diferentes estruturas físicas e estéticas que existem, abrangendo as particularidades e características naturais do corpo de acordo com o ambiente em que este está inserido.” Por abranger a diversidade, isto é, por contemplar *corpos diferentes*, como constatamos na Figura (37) – que consiste na divulgação de um modelo de vestido que atende à demanda de corpos plurais, com diferentes medidas e silhuetas –, o *corpo real* autoriza um corpo com *estrias*, *celulite* e *espinhas*, reconhecendo-o como *natural*, *verdadeiro* e *perfeitamente imperfeito*, como afirma a modelo Mariana Goldfarb, no exemplo (27).

Com efeito, as FNs *corpo natural*; *diferentes estruturas físicas e estéticas*; *corpos diferentes*; *corpo perfeitamente imperfeito*; *corpo com estrias*; *corpo com celulite*; *corpo com espinhas* e *corpo verdadeiro* reescrevem *corpo real*, quando presentificadas e atualizadas no acontecimento enunciativo, atribuindo-lhe novos contornos de sentido.

Diante dos acontecimentos enunciativos retomados, notamos que a FN *corpo real* propõe uma orientação argumentativa que se manifesta favorável à aceitação do corpo feminino como ele realmente é, com seus aspectos *verdadeiro* e *imperfeito*. É interessante observarmos que um *corpo imperfeito*, circundado por esse ponto de vista de ser *um corpo real*, ancora-se no referencial temático da beleza, ou seja, a beleza pode ser argumentada, agora, também, pela imperfeição, desde que mobilizada pela perspectiva referencial do bem-estar. Assim, é bonito ser imperfeito desde que isso me faça bem. Dito de outra maneira, a perspectiva referencial do bem-estar orienta argumentativamente para a ideia da mulher que aceita seu corpo com suas características naturais. Em nossa análise isso é muito significativo, porque configura um movimento enunciativo menos opressor e mais voltado à liberdade sobre o corpo da mulher.

Essa noção de argumentatividade que cinge o *corpo real* é mais recente e autoriza, inclusive, o enunciado retirado do exemplo (29), a seguir.

(29)

FIGURA 40 – Gordinha, não. Gorda!

Gordinha, não. Gorda! Conheça mulheres que estão lutando contra a gordofobia

18/05/2017 em Questões de Gênero Tempo de leitura: 6 min.

🔍 ↻ 🔍



Fonte: Portal Geledés, 2017⁷⁰.

A rede que estamos construindo parece ganhar concretude, na medida em que é possível encontrar uma reportagem cujo título é “Gordinha, não. Gorda!”. O que queremos frisar é o fato de que a enunciação da FN *corpo real* reveste-se de uma força argumentativa tal que permite que a mulher se afirme como *gorda*, recusando qualquer eufemismo que possa modificar a naturalidade de seu corpo. Esse acontecimento enunciativo acontece paralelamente àquele em que uma modelo *magra* (como no exemplo 27) declara sua felicidade com seu corpo *imperfeito*, que carrega marcas de *estrias*, *celulite* e *espinhas*. Isso evidencia, em nossa perspectiva, que os efeitos de sentido, manifestados em redes de dizer, tendem a convergir para a regularização de realidades sociais, a saber: valorização do corpo real da mulher.

É importante destacarmos que, em nossa análise, o movimento de argumentatividade que a FN *corpo real* sustenta, ancora-se, em um escopo semântico mais dilatado, se estabelecermos uma comparação com as FNs *corpo gordo*, *corpo magro* e *corpo definido*, uma vez que elas carregam efeitos de sentido de um corpo que é olhado em sua especificidade física de contorno. No entanto, ao enunciar *corpo real*, este possibilita considerar, de maneira ampla, outros aspectos, como cor da pele, tipos de cabelo, qualidade da pele, altura e a maneira como a mulher lida com seu próprio corpo. Defendemos, portanto, que a FN *corpo real* permite uma orientação argumentativa de valorização feminina ampla, tendo em vista os aspectos naturais que seu corpo e seu jeito de ser apresentam. Com efeito, dizer *corpo real* não diz respeito, apenas, ao formato do corpo, ao seu contorno, mas também aos *adereços* desse corpo, isto é, às

⁷⁰ Disponível em: <https://www.geledes.org.br/gordinha-nao-gorda-conheca-mulheres-que-estao-lutando-contragordofobia/>. Acesso em: 12 fev. 2021.

marcas naturais que o constituem como aquilo que realmente é. Esse corpo real amplia o olhar para outros lugares que até então não tinham sido visitados pelo dizer.

Tendo em vista o que acabamos de apresentar nesta seção, demonstramos como as FNs *corpo natural*; *diferentes estruturas físicas e estéticas*; *corpos diferentes*; *corpo perfeitamente imperfeito*; *corpo com estrias*; *corpo com celulite*; *corpo com espinhas* e *corpo verdadeiro* qualificam-se enunciativamente para a significação de um aspecto de totalidade do corpo real feminino, por meio de direções argumentativas que, estabelecidas em um processo de reescrituração, mobilizam diferentes efeitos de sentido para esse corpo. Tal significação é histórica, social e, portanto, enunciativa.

4.3 Corpo gordo feminino: a negação em causa

Neste tópico, buscaremos contemplar o terceiro objetivo específico traçado por esta pesquisa, uma vez que nos propomos a **investigar a pertinência enunciativa da negação do corpo gordo enquanto ancoragem para a afirmação desse mesmo corpo, por meio das orientações argumentativas dos enunciados em análise.**

Para tanto, observaremos os efeitos de sentido constituídos pela tensão que a negação e sua contraparte afirmativa mobilizam enunciativamente.

A negação, na perspectiva que adotamos neste trabalho, nos permite observar um movimento de agregação de enunciados aos acontecimentos enunciativos dos quais participa, ainda que tais enunciados não estejam materializados linguisticamente. Em outros termos, entendemos que a negação sustenta mais do que o “não” sobre um dizer, ou seja, negar, em certa medida, corresponde também a afirmar um discurso socio-historicamente regularizado. Dito isto, voltamos nosso olhar para a Figura 38, a seguir.

(30)

FIGURA 41 – Reportagem da revista Capricho

comportamento • entretenimento • moda • beleza • horóscopo • produtos capricho

comportamento

“O corpo gordo não é feio nem doente. É um corpo que precisa ser amado”

A jornalista Naiara Araújo recorda os desafios que enfrentou por ser uma adolescente gorda: lembro bem como era frustrante tentar comprar roupa.

POR NAIARA ARAÚJO ATUALIZADO EM 4 SET 2020, 13H34 - PUBLICADO EM 29 JUL 2018, 19H47

Desde criança me ensinaram que ser gorda é um problema. Os outros estavam sempre tão incomodados com a minha estética que eu comecei a me incomodar também. E foi aí que começaram os verdadeiros problemas. **Quando olhamos no espelho e não gostamos do que vemos, começa uma busca muito louca por aceitação. É muito difícil acordar todo os dias num corpo que a gente não ama.**

Fonte: Capricho, 2018⁷¹.

O acontecimento enunciativo (30) é um trecho de uma reportagem, veiculada no domínio virtual da revista Capricho, na qual a jornalista Naiara Araújo recorda alguns dizeres que circundaram seu corpo no período da adolescência. O que desperta nossa atenção, em primeira instância, são os enunciados:

(30a) “O corpo gordo não é feio e nem doente.”

e

(30b) “É um corpo que precisa ser amado.”

Em (30a), há uma **negação explícita** efetivada pela marca linguística “não”, ao passo que em (30b) há uma **afirmação**, igualmente, **explícita**. Ambos enunciados se manifestam na mesma manchete e cada um deles sugere sua contraparte, uma vez que lidamos com a ideia de que a negação é o inverso simétrico da afirmação (FEDATTO, 2015a).

Desse modo, ao dizer “o corpo gordo não é feio e nem doente”, há uma negação explícita à feiura e à doença do corpo, posto que há perspectivas de dizeres, no memorável, que afirmam que o corpo gordo *é feio e doente*; ou, ainda, que “ser gorda é um problema”. Já em “é um

⁷¹ Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/o-corpo-gordo-nao-e-feio-nem-doente-e-um-corpo-que-precisa-ser-amado/>. Acesso em: 16 fev. 2021.

corpo que precisa ser amado”, há o emprego da afirmação como um recurso para suavizar, e contrapor, a explicitude da negação que se manifesta no enunciado “é muito difícil acordar todos os dias num corpo que a gente não ama.”

A análise que fizemos nos permite perceber que nos exemplos (30a) e (30b), a negação e a afirmação, bem como suas contrapartes, significam de maneira marcada no acontecimento enunciativo.

QUADRO 20 – A negação e a afirmação em concomitância

(30a) “O corpo gordo não é feio e nem doente.”	(30c) Ser gorda é um problema
NÃO PROBLEMA	PROBLEMA
(30b) “É um corpo que precisa ser amado.”	(30d) É muito difícil acordar todos os dias num corpo que a gente não ama.
AMADO	NÃO AMADO

Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa direção, as orientações argumentativas são construídas de forma alicerçada em polos de argumentatividade que sustentam o “sim” e o “não” dos sentidos sobre o corpo gordo feminino que habitam o cotidiano social.

No entanto, encontramos ocorrências nas quais esses elementos, ainda que não materializados nos dizeres de forma concomitante, funcionam enunciativamente, lado a lado, no processo de constituição dos efeitos de sentido.

A Figura (42), que se segue, ilustra o que acabamos de dizer.

(31)

FIGURA 42 – Post do perfil @movimentocorpolivre no *Instagram*



Fonte: *Instagram*, 2020⁷².

⁷² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B8XWvZXn6bT/>. Acesso em 16 fev. 2021.

Em (31), nosso olhar se volta para o enunciado “Você não precisa se esconder”. Porém, diferentemente dos exemplos (30a), (30b), (30c) e (30d), não há uma afirmação que anteceda o acontecimento negado (“Você *precisa* se esconder”), uma vez que o enunciado afirmativo está na própria condição de existência dessa negação.

Entretanto, há um processo que perspectiva o memorável e oferece pertinência à significação de “você não precisa se esconder”. Dessa forma, a regularização enunciativa que coloca em cena dizeres sobre a existência de mulheres que escondem seus corpos, diante de um padrão estético imposto socialmente, sustenta a tentativa de desregularização desses sentidos, por meio do deslocamento explicitado pela negação. Assim, é pela própria negação que algo é afirmado (FEDATTO, 2015a), ou seja, quando a negação se estabelece, a afirmação se instala imediatamente, mesmo que esse dizer afirmado não esteja explícito no acontecimento enunciativo em análise.

Um processo semelhante pode ser observado na Figura (43), entretanto por via inversa.

(32)

FIGURA 43 – Post do perfil @ligia_dourado no *Instagram*



Fonte: *Instagram*, 2020⁷³.

Trata-se de uma postagem na rede social *Instagram*, que apresenta um jogo de palavras para reafirmar que “todo corpo é digno”. Considerando que a negação deve ser compreendida como um conjunto articulado (FEDATTO, 2015a) de relações instauradas de maneira tensa,

⁷³ Disponível em: https://www.instagram.com/p/B_Uwlmcl7IF/. Acesso em: 16 fev. 2021.

podemos entender que o recurso da repetição das construções linguísticas foi utilizado nessa postagem, com o intuito de combater um ponto de vista oposto ao que está sendo afirmado. Como vemos, em (32), a contraparte desse enunciado não está materializada no acontecimento enunciativo em questão. Nossa pergunta é: precisa estar? Um conjunto linguístico articulado só assim o é apenas quando investido de uma materialidade específica, explícita? Nossa resposta a esse fato é não. Para nós, afirmar, afirmar, afirmar e afirmar corresponde à instalação de um combate de sentidos, a um cabo de guerra na disputa pela significação da dignidade de qualquer corpo, de “todo corpo”, a um “sim” que não esconde um “não”, pelo contrário, que o evidencia para tentar destituí-lo de um lugar privilegiado de dizer. A ênfase enunciada em (32) coloca em perspectiva sentidos outros, isto é, dizeres postos em cena pelo memorável que negam a dignidade dos corpos em serem *bem cuidados, admirados e respeitados*. A afirmação implica, portanto, sua contraparte negativa, já que há uma latência da inversão.

Nessa direção, a fim de sistematizarmos um contínuo de significação acerca da manifestação da negação nos dizeres analisados, distinguimos duas categorizações que balizam a noção da negação como contraparte simétrica da afirmação.

A primeira categorização, representada pelo exemplo (30), revela a possibilidade de explicitude da negação e da afirmação, como um mecanismo de construção da argumentatividade. Já a segunda categorização corresponde à marca linguística da negação e da afirmação de maneira não explícita, mas em funcionamento efetivo nos acontecimentos, como mostraram os exemplos (31) e (32), uma vez que perspectivam dizeres presentes no memorável. Dito de outra forma, o que se nega e o que se afirma, seja por meio de elementos linguísticos articuláveis materialmente, seja por relações enunciativas articuladas simbolicamente, sustentam em interface a orientação argumentativa sobre o corpo gordo feminino.

Nos exemplos analisados, constatamos diferentes efeitos da negação na significação, visto que esses elementos existem concomitantemente, mesmo que não haja dizeres que os antecedam. A relação entre a negação e a afirmação não deve ser tomada de forma polarizada, composta por duas categorias opostas e distantes, mas sim como um encadeamento complexo, constituído por elementos que significam em concomitância na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações teóricas e as análises realizadas ao longo desta dissertação nos permitem tecer algumas ponderações sobre os resultados obtidos, bem como levantar as possíveis contribuições que esses resultados podem trazer para os estudos linguísticos. Assim, a base de nossa conclusão consistirá na retomada dos objetivos a que nos propusemos no início deste trabalho e no vislumbre dos avanços de pesquisa que podemos alimentar a partir deles.

Com vistas a delimitarmos o objetivo geral desta pesquisa, partimos dos seguintes questionamentos: **em quais perspectivas referenciais se ancoram as formações nominais (doravante FN) que constituem os dizeres sobre o corpo gordo feminino, e que efeitos de sentido essas FNs produzem para além da arquitetura material do enunciado?**

Salientamos que esse recorte encontra justificativa diante do aspecto mutável, próprio do padrão físico de beleza, uma vez que este acompanha as transformações sociais, como ilustramos no percurso histórico, apresentado no capítulo I do trabalho. Vale ressaltar que a fixação de tal recorte só foi possível, porque nos situamos em lugar teórico para o qual o corpo é constituído linguística, social e historicamente.

Nesse âmbito, estabelecemos para este trabalho o objetivo geral de **investigar os diferentes efeitos de sentido, advindos das formações nominais que constituem os enunciados sobre o corpo feminino, observando como os traços histórico-sociais atuam na enunciação dessas formas e constituem a representação, em particular, do corpo gordo feminino**. Face a isto, nosso propósito geral procurou analisar os movimentos enunciativos de construção de sentidos acerca do corpo feminino, tendo em vista o referencial temático da beleza, as perspectivas referenciais, as direções argumentativas e o funcionamento da negação que balizam esse corpo. No entanto, não tivemos a pretensão de estabelecer juízos de valor em nossas análises.

Nessa direção, esta dissertação foi estruturada em quatro capítulos, além da introdução, das considerações finais e das referências bibliográficas.

No **capítulo I**, apresentamos algumas noções, desdobramentos e discursos que constituíram, e ainda constituem historicamente, o corpo feminino. Em seguida, procuramos colocar em foco o modo como diferentes padrões estéticos vêm transformando o corpo ao longo do tempo. Além disso, traçamos um recorte histórico que delineou a construção do corpo feminino por intermédio de influências estéticas presentes em diferentes épocas. Para tanto, partimos do período em que o corpo gordo era tido como sinônimo de *status*, e acompanhamos as mudanças sofridas por esse corpo até os dias atuais, a fim de compreendermos as implicações

sociais do corpo feminino no século XXI. Esse capítulo nos possibilitou entender o movimento enunciativo acerca do formato do corpo feminino e foi de fundamental importância no balizamento de nossos capítulos de análise.

No **capítulo II**, com o intuito de apresentarmos o nosso arcabouço teórico, discorreremos sobre conceitos que fundamentam a Semântica da Enunciação. Iniciamos, portanto, pela noção de acontecimento enunciativo que, sob nosso olhar, relaciona-se ao funcionamento da língua e possui um caráter histórico-social. Em seguida, lidamos com os aspectos simbólicos do dizer que convivem em interface com os aspectos formais, em uma relação necessária. Logo, nosso intuito foi demonstrar o desdobramento do linguístico em dois vieses.

Ainda no campo dos aspectos simbólicos, lidamos com dois princípios essenciais: o referencial histórico e a pertinência enunciativa. Ambas as categorias ancoram a significação de um enunciado e, de maneira específica, demonstramos como o referencial histórico, que nos acompanha em todo o processo de análise de forma substancial, contribui para o estabelecimento de um conjunto de possibilidades de significação.

Com base no exposto, ousamos lançar um olhar agregador ao conceito de referencial histórico, sistematizando-o em duas categorias: a primeira, nomeamos de *referencial temático* e a segunda, de *perspectivas referenciais*. Tal movimento foi relevante, uma vez que os dados analisados nos apontaram para essa necessidade. Desse modo, concebemos o referencial temático como domínios histórico-sociais da significação, enquanto as perspectivas referenciais são acionadas por diferentes pontos de vistas, ou seja, por diferentes interpretações do referencial temático. Essas duas categorias, referencial temático e perspectivas referenciais, correspondem a faces indissociáveis do que Dias (2013a; 2013b; 2018) concebeu como referencial histórico. Acreditamos, portanto, que essa seja uma das contribuições de nosso trabalho para os estudos semântico-enunciativos.

Ainda no capítulo II, tratamos de alguns aspectos formais no que tange a constituição do linguístico, tais como a formação nominal, que balizou nossas investigações, uma vez que a análise das formações nominais nos permite entender a participação dessa materialidade, no processo de enunciação. Além do mais, o que nos impulsionou a chegar à forma embrionária de *corpus*, que desencadeou nossa pesquisa, foi a expressão “mulheres curvilíneas”. Tal expressão, em nossa perspectiva teórica, se articula como uma FN cujo investimento de estudo está centrado na análise do *processo* das construções nominais, em contraste com o sintagma nominal (SN), que lida com o *produto* dessas construções. Além disso, neste mesmo capítulo, descrevemos sobre o modo de relação enunciativa por reescrituração e desenvolvemos a noção

de argumentatividade e de negação, conceitos que subsidiaram a reflexão analítica das seções 4.2 e 4.3 desta pesquisa.

Já no **capítulo III**, apresentamos um aprofundamento acerca dos mecanismos e procedimentos metodológicos utilizados no processo de análise, bem como descrevemos o processo de seleção dos enunciados sobre o corpo feminino, que fazem parte de nosso *corpus*. Assim, diante da regularidade que as ocorrências apresentam no uso real da língua, nos acontecimentos enunciativos selecionados para este trabalho, procuramos analisar o processo enunciativo a partir do procedimento metodológico que Dias (2018) nomeia de *redes enunciativas*.

Por fim, no **capítulo IV**, nos debruçamos nas análises dos dados selecionados. Para tanto, os estudos desenvolvidos neste capítulo foram norteados pelos objetivos específicos, delimitados para esta pesquisa, com o intuito de detalhar o objetivo geral. Desse modo, por instituímos três objetivos específicos entendemos ser mais funcional para a apresentação dos resultados obtidos estruturar este capítulo em três seções.

Na primeira seção, intitulada **o corpo feminino e suas filiações referenciais**, destinada a contemplar o **primeiro objetivo específico, verificamos em quais perspectivas referenciais se sustentam a pertinência das FNs *corpo gordo/ corpo magro/ corpo definido/ corpo real* nos acontecimentos enunciativos analisados, tendo em vista o referencial temático da beleza**. Para alcançar esse objetivo, partimos da hipótese de que o referencial temático da beleza – grande balizador das análises deste trabalho – manifesta-se em perspectivas. Sendo assim, discorreremos sobre a oscilação ocorrida nos discursos sobre o corpo feminino, a partir da construção de um contínuo de significação que buscou rastrear os efeitos de sentido dessas FNs. Como resultado dessa análise, constatamos que, de fato, o *corpus* utilizado exigiu um movimento de interpretação dos enunciados que, uma vez acionado na enunciação, mobiliza sentidos e dizeres distintos sobre o corpo feminino.

Com isso, foi possível perceber que, um mesmo referencial temático, alicerça-se em perspectivas diversas e, por vezes, contrastantes, chegando ao ponto de poder ser descrito por FNs que trazem em sua constituição sentidos paradoxais. Um exemplo, para trazermos apenas uma ilustração aqui, é o que ocorre com as FNs *corpo gordo e corpo magro longilíneo*, em que, embora a primeira tenha sido reescrita *por coxas roliças* e a segunda por *corpo sequinho*, ambas perspectivas se sustentam no mesmo referencial temático, aquele da beleza. Além disso, para oferecer ainda mais complexidade à relação estabelecida entre as perspectivas referenciais que observamos sobre as enunciações do corpo feminino, a fim de ancorá-lo no referencial temático da beleza, lembramos o que foi possível notar na reescritura da FN *corpo real* que chega a ser

realizada por *corpo perfeitamente imperfeito*. Assim, um *corpo perfeitamente imperfeito* é belo (referencial temático) desde que esteja alicerçado na perspectiva do bem-estar.

No que tange ao **segundo objetivo específico**, isto é, **demonstrar em que medida as FNs analisadas, por meio das direções argumentativas, oferecem-se como ancoragem para a produção e atualização dos sentidos, tendo em vista o processo de reescrituração**, nos propomos a examinar de que maneira a dinâmica enunciativa se mobiliza, por meio da reescrituração, para sustentar a pertinência enunciativa da FN *corpo real* orientando, positivamente, a argumentação sobre a mulher que aceita seu corpo com suas características naturais, em detrimento dos padrões estéticos. Para tanto, partimos da premissa de que, em comparação com as demais FNs analisadas, *corpo real* ainda se encontra em um movimento enunciativo mais tímido no que se refere a fixar-se como uma regularidade de dizer, ao passo que as outras já possuem maior aderência histórica. Diante dos acontecimentos enunciativos analisados, notamos que a FN *corpo real* ancora-se em um escopo semântico mais dilatado; isto é, nos permite considerar outros aspectos naturais do corpo, não se referindo, somente ao formato desse corpo, ao seu contorno, mas também às marcas naturais que o constituem como aquilo que realmente é. Isso oferece uma orientação de sentido que argumenta um olhar menos opressor à representação do corpo feminino, que agora habita o referencial da beleza em uma perspectiva do bem-estar, portanto, da aceitação.

Além disso, ao lançarmos um olhar social para os acontecimentos enunciativos que agregam efeitos de sentido ao corpo real, percebemos que o processo de aceitação desse corpo ainda está em construção. Isto é, embora haja um movimento enunciativo de pertencimento social do corpo real, com suas “imperfeições perfeitas”, isso ainda se dá de forma tênue. Desse modo, tal processo possui uma tendência maior para o domínio do desejo feminino, que para a realidade, uma vez que parece vivermos em um momento em que há a necessidade de dizer socialmente para ser aceita e de provar a aceitação desse corpo real.

Por fim, o **terceiro objetivo específico** foi **investigar a pertinência enunciativa da negação do *corpo gordo* enquanto ancoragem para a afirmação desse mesmo corpo, por meio das orientações argumentativas dos enunciados em análise**. No intuito de contemplar esse objetivo, procuramos observar os efeitos de sentido constituídos pela tensão que a negação e sua contraparte afirmativa mobilizam enunciativamente nas ocorrências. Como resultado dessa investigação, elaboramos duas categorizações advindas do processo de negação nos enunciados. São elas: a primeira, revela a possibilidade de explicitude da negação e da afirmação, como um mecanismo de construção da argumentatividade; isto é, apresenta elementos linguísticos articuláveis materialmente. Já a segunda categorização corresponde à

marca linguística da negação e da afirmação de maneira não explícita, mas em funcionamento efetivo nos acontecimentos, ou seja, há a presença de relações enunciativas articuladas simbolicamente. Ambas as categorizações sustentam, em interface, a orientação argumentativa sobre o corpo gordo feminino e oferecem-se, em combate, como mecanismos de busca de pertencimento social para esse corpo.

Com base nas discussões de cada objetivo específico desta pesquisa, confirmamos as hipóteses levantadas na Introdução. Em suma, o que pudemos perceber em nossa pesquisa é o fato de que as perspectivas referenciais (ascensão de classe, delineamento artificial do corpo, leveza/agilidade, delineamento natural do corpo, moda, saúde, bem-estar, dentre outras) exigem um movimento de interpretação do enunciado, conferindo, portanto, sentidos ao corpo feminino. Um fato que merece ser considerado é que o resultado de nossas investigações, em um âmbito social e, em certa medida, representacional, nos permitiu perceber que o corpo da mulher contemporânea está em constante disputa pelo direito de ser, uma vez que, como já discutimos anteriormente, há mulheres que lutam pelo corpo magro, outras se propõem saudáveis e definidas e outras, ainda, tentam se mostrar satisfeitas com o padrão que, geneticamente, lhes pertence. Diante desse fato, tomamos o corpo feminino como resultado de sentidos culturalmente produzidos (MEYER, 1998) e tentamos demonstrar que representações se qualificam enunciativamente para a significação e regularização desse corpo.

Ressaltamos que essas reflexões iniciais permitem o surgimento de outros questionamentos a serem discutidos, contudo, o fôlego de uma dissertação de mestrado não nos permite fazer um detalhamento maior de muitas dessas questões. Por essa razão, as seções 4.2 e 4.3, deste trabalho, são menores, em função de se configurarem como um ensaio das perspectivas abordadas em cada uma. O que nelas construímos como reflexão sinaliza a importância de tais categorias de análise para aquilo que viemos discutindo sobre a representação do corpo feminino.

Diante da complexidade dos fatos de língua, aqui apresentados, fica-nos o desejo de reflexões mais profundas e ainda mais significativas. Em especial, além das implicações da negação e da argumentação para a construção de sentido sobre o corpo feminino, gostaríamos de nos debruçar acerca dos conceitos de referencial temático e de perspectiva referencial, para fortalecer nossas primeiras análises aqui apresentadas.

O caminho da pesquisa corresponde, mais do que um projeto acadêmico, a um projeto de vida. Dessa forma, nos consideramos ansiosos pela continuidade e dispostos ao que viceja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. *O Corpo e as Técnicas sobre Ele, no Sentido do Embelezamento: sobre os esquemas da indústria cultural na revista Boa Forma*. Revista Movimento, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 14, n. 1, p. 199-223, jan./abr. 2008.

AIRES, A. *De GORDA a PLUS SIZE: A moda do tamanho Grande*. Estação das Letras e Cores Editora, 2019, 224p.

ARAÚJO, E. M. N. *Corpos esculpidos, corpos desenhados: constructos do Belo no final do século XX*. ANPUH- XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo, 2007.

ARISTÓTELES. *Definição da Retórica, do verossímil, do sinal e de suas diferenças; do exemplo*. In: *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.

BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.

BENVENISTE, E. (1989). *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2. ed., 2006.

BIRMAN, J. (1991). *Apresentação: Interpretação e representação na saúde coletiva*. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 1(2), 7-22. In: VASCONCELLOS, N.A.; SUDO, I.; SUDO, N. *Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia*. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v.4, n.1, 2004.

CARON, C. F. *A influência da moda na ditadura da beleza feminina*. Blumenau: Faculdade de Tecnologia Senai, 2006.

CASTRO, A. L. (Org.) *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

COURTINE, J.J. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DALMASCHIO, L. *Enunciação e Sintaxe: modos de enunciação genéricos na ocupação de lugar de objeto*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. 103p.

DALMASCHIO, L. *Predicação dirigida x predicação centrada: a (não)ocupação do lugar de objeto na perspectiva da semântica da enunciação*. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. 170p.

DALMASCHIO, L. Condições de sustentação do fato gramatical “objeto verbal”: por uma sintaxe de base semântica. *In: Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas, n. 35, p. 163-191, jan./jun, 2015.

DALMASCHIO, L. Memória Enunciativa: caminhos, movimento, orientações de sentido. In: III SEDIAR 2016 - Seminário Int. de Estudos sobre Discurso e Argumentação, 2016, Aracaju. *Anais do III Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (III SEDIAR)*. Ilhéus: Editus - Editora da Universidade Estadual de Santa Cruz, p. 2817-2827, 2016.

DALMASCHIO, L. MARTINS, V. S. M. *O lugar de objeto e a materialização linguística dos sentidos em fuga*. Letrônica. Porto Alegre, v. 12, n. 2, abr.-jun. 2019.

DAOLIO, J. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DEL PRIORE, M. *Corpo a Corpo com a Mulher*. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

DIAS, L. F. Problemas e desafios na constituição do campo de estudos da transitividade verbal. *In: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. (Orgs.) Estudos da língua em uso: relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: UFMG, p.101-122. 2005.

DIAS, L. F. Gramática e política de língua: institucionalização do linguístico e constituição de evidências linguísticas. *In: ORLANDI, E. P. Política linguística no Brasil*, Campinas: Pontes, p.183-200, 2007.

DIAS, Luiz Francisco. *Enunciação e regularidade sintática*. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 51, n. 1, p. 7-30, jan./jun. 2009.

DIAS, L. F. Formações nominais designativas da língua do Brasil: uma abordagem enunciativa. *Letras*, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 11-22, jan./jun. 2013a.

DIAS, L. F. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 389-398, 2013b.

DIAS, L. F. A "linguagem cidadã" em questão: uma abordagem enunciativa. *In: BRESSANIN, J. A.; ZATTAR, N.; KARIM, T. M.; DI RENZO, A. M. (Org.). Linguagem e interpretação: a institucionalização dos dizeres na história*. Campinas: Editora RG, p. 211-222. 2013c.

DALMASCHIO, L.; LACERDA, P. B. G.; DIAS, L. F. *Nomeações da Copa do Mundo no Brasil: Enunciação e Direções Argumentativas*. Revista da Anpoll. nº 39, p. 49-61, Florianópolis, jul./ago. 2015.

DIAS, L. F. *Enunciação e relações linguísticas*. Campinas: Pontes, 2018.

DUCROT, O. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. *In: Dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987 [1984].

DUCROT, O. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v.44, n.1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

ECO, U. *História da beleza*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FEDATTO, C. P. *Inconsciente e ideologia nas formulações linguísticas do conflito*. Anais do VI Seminário de Estudos em Análise do Discurso. Porto Alegre, 2013.

FEDATTO, C. P. *Falar De Si Na Rede: Um Espaço Para Quem (Não) Sou*. Revista do Gel, v. 12, n. 1, p. 81-108, 2015a.

FEDATTO, C. P. *Sobre as possibilidades de negação na imagem e alguns desdobramentos teórico-analíticos*. In: Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso, v15, n 2, p. 27-37, 2015b.

FERREIRA, F. R. *Corpo feminino e beleza no século XX*. ALCEU, v. 11, n.2, jul./dez. 2010, p. 186-201.

FONZAR, M. *Da arte ao lifestyle: As mudanças no universo das Pin-Ups ao longo dos anos*. Universo Retrô, 2017. Disponível em: <https://universoretro.com.br/da-arte-ao-lifestyle-as-mudancas-no-universo-das-pin-ups-ao-longo-dos-anos/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

FOUCAULT, M. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, p.22, 1979.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir, nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 30ª ed., p.25, 2005.

GARCIA, C. *A Época da Feminilidade*. Almanaque Folha Online. 2016, s.p. <http://almanaque.folha.uol.com.br/anos50.htm>. Acesso em: 11 mar. 2020.

GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.) *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 2003.

GOELLNER, S. V. *A contribuição dos Estudos de Gênero e Feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física*. In: DORNELLES, Priscilla; WENETZ, Ileana; SCHWENGBER, Maria (Org.). Educação Física e Gênero. Desafios educacionais. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 23-43, 2013.

GRECO L. G.; ROSE, C. M. (Tradutoras). *The Good Wife's Guide - Le Ménagier de Paris*. Londres: Cornell University Press, 2009. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=Mmh4nzn7AEC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em 29 mai. 2020.

GRIECO, S. F. M. *O corpo, aparência e sexualidade*. In: DUBY, G., PERROT, M. (Orgs.), História das mulheres no ocidente 3: Do renascimento à idade moderna. Edições Afrontamento Porto, Portugal, 1991.

GUIMARÃES, E. *Enunciação e História*. In: História e Sentido na Linguagem. Campinas: Pontes, 1989.

GUIMARÃES, E. *Enunciação, Língua, Memória*. Revista da Anpoll, n.2, p. 27-33, 1996.

GUIMARÃES, E. *Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. São Paulo: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, E. Domínio semântico de determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Orgs.) *A palavra: forma e sentido*. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

GUIMARÃES, E. *Semântica do acontecimento*. Campinas: Pontes, 4. ed., 2017 [2002].

GUIMARÃES, E. *Semântica Enunciação e Sentido*. Campinas: Pontes, 2018.

HEINZELMANN, F. L. *Corpos que desfilam: imagens de moda e a construção de padrões de beleza*. Porto Alegre. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011.

KERBER, A. *Mídia sonora na construção da identidade nacional brasileira: o caso da obra musical de Carmen Miranda nos anos 1930*. Encontros Nacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

LEHNERT, G. *História da Moda do Século XX*. Tradução J. M. Consultores, S.A. Colônia: Alemanha: Könnemann, 2001, p. 85.

LIMA, Vera. A construção do corpo nas formas da moda. In: *A moda do corpo e o corpo da moda*. Kathia Castilho e Diana Galvão. Esfera. São Paulo: 2002. OLINA, J. In: O Rio Nu, Rio de Janeiro, ano 2, n. 66, 22 fev. 1899, p. 2.

LOPES, M. A. P. *Da moda do corpo ao corpo da moda: descontinuidades discursivas sobre o sujeito “gordo”*. In: V Colóquio da ALED – Brasil, Universidade Federal de São Carlos, 2018. MADUREIRA, B. S. *Vagas para moças de fina estampa: padrões estéticos e seleção no comércio da moda carioca*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2013.

MARQUES, B. F. *A sensualidade vestimentar como mecanismo de empoderamento da mulher gorda: um estudo exploratório da blogueira Nadia Aboulhosn*. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Fortaleza, 2017.

ORLANDI, E. Sentido em fuga: efeitos da polissemia e do silêncio. In: *Sujeito, sociedade, sentidos*. Campinas: Editora RG, 2012.

ROCHA, M. H. *De 1960 a 2009: a evolução dos padrões corporais a partir das tendências de moda um estudo de Claudia e Nova, Brasília*, 2011.

ROCHA, N. R.; TOSTA, R. B. *A relação da moda com os novos padrões de beleza*. 134f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Apucarana, 2014.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino. In: (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139.

SANT'ANNA, D. B. *As infinitas descobertas do corpo*. Cadernos Pagu, v.14, 2000, p.235-249.

SANT'ANNA, D. B. Cultos e enigmas do corpo na história. In: STREY, M. N.; CABEDA, S. T. L. *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SANT'ANNA, M. R., SCOMPARIN, A. G. *Liberdade e sensualidade no desnudar do corpo através da moda dos anos 1970*. In: Seminário de Iniciação Científica, 25., 2015, Santa Catarina. Resumo. Santa Catarina: Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, 2015.

SCHMITZ, D. S.; LAURENTINO, L.; MACHADO, M. *Estética facial e corporal: uma revisão de literatura*. 2010. Disponível em: <<http://siaibib01.univali.br/pdf/Delourdes%20Schafascheck%20Schmitz,%20Lucia%20Laurentino.pdf>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

SILVA, J. J. *Os memes e os efeitos de sentido: um olhar histórico-social para a significação*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

SILVEIRA, E. C. *A Nomeação de Programas Sociais: Um Olhar Semântico-Enunciativo*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2019.

STENZEL, L. M. *Obesidade: o peso da exclusão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

STREY, M. N. (2004). A "criação" do corpo feminino ideal. In: M. N. Strey & S. T. L. Cabeda. *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. (pp. 225-254). Porto Alegre: Edipucrs.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Rio de Janeiro, Zahar, 2010.

THAMER, D. S. *A moda dos anos 80*. Datiloplate Artes Gráficas, São Paulo, 1988, p.76.

VASCONCELLOS, N. A.; SUDO, I.; SUDO, N. *Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia*. Revista Mal-Estar e Subjetividade, Fortaleza, v.4, n.1, 2004.

WANDERLEY, A. C. B. *Você é o que você come? A representação social do corpo feminino na mídia impressa: Um estudo de caso da revista Boa Forma*. Monografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2011.

WOLF, N. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.